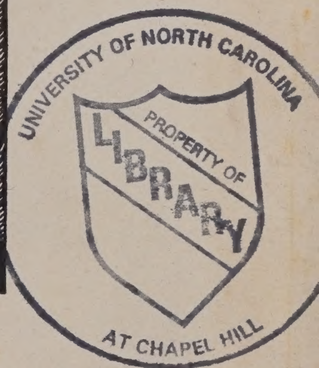
DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

EDUARDO DE NORONHA

HEROINAS, MULHERES...

(GALERIA FEMININA)





LIVRARIA CIVILISAÇÃO - EDITORA
PORTO

Heroinas, Mulheres...

GALERIA FEMININA

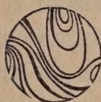
Composto e impresso na Imprensa Civilização
Rua das Oliveiras, 75 — PORTO.

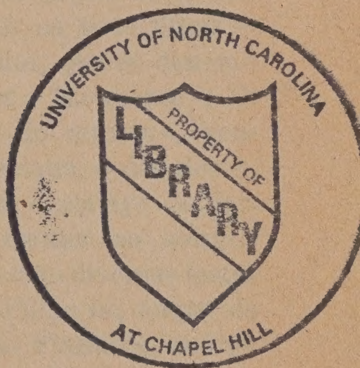
EDUARDO DE NORONHA

Heroinas, Mulheres...

GALERIA FEMININA

PERFIS ORIGINAES E COMPILADOS





1925

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO-EDITORA
Américo Fraga Lamares & C.ª, L.da
75, Rua das Oliveiras, 77
PORTO

I

A infanta D. Isabel

Nascera a infanta D. Isabel em Evora, a 11 de fevereiro de 1397. Asseveram os coevos que a dotára a natureza de peregrina formosura, rasgada intelligencia e caracter firme, que o mais portuguez dos reis de Portugal e uma das melhores educadoras dos solos régios souberam imprimir ao caracter de todos os seus filhos — uma pleiade de homens de valor, que se denominaram D. Duarte, o monarca «Eloquente»; D. Pedro, o das «Sete partidas do mundo», vencido da Alfarrobeira; D. Henrique, o das descobertas; D. Fernando o «santo», martyr de Fez.

Não podia D. Isabel mentir ao sangue transmittido. Solicitaram a sua mão diversas testas coroadas. Casou porfim com Filipe III, duque de Borgonha, conde e senhor de Flandres, conhecido nas chronicas pelo *Bom*. De ânimo intrepido e espirito sagaz, Filippe III podia quanto queria pela espada e pela experiencia dos negocios publicos. O seu montante pesado e rútilo conquistou e annexou aos seus estados a

Hollanda e a Zelandia. A sua cabeça, bem assente e de intellecto penetrante, consolidou a conquista. D. Isabel foi a sua terceira mulher. As duas primeiras não lhe tinham dado progenie.

A cento e cincoenta mil cruzados, ou sessenta contos da nossa moeda, ascendeu o dote que os reis de Portugal concederam a sua filha, somma enorme para o seculo XIV. A esquadra, que o duque enviou á nossa terra para conduzir a sua noiva, compunha-se de trinta e nove embarcações e guarnecia-a o escol da aristocracia flamenga e borgonheza.

A nossa compatriota chegou a Bruges a 19 de janeiro de 1430. Esperava-a ahi o duque, que a recebeu com a galantaria e cavalheirismo peculiares á epoca do feudalismo. As festas realizadas para commemorar esse enlace assombraram as côrtes mais faustuosas. No festim de nupcias ainda hoje se fala com pasmo. Em salas de uma sumptuosidade rara e que continham centenas dos mais nobres representantes de familias illustres, serviram-se, em baixellas de riqueza artistica e intrinseca deslumbrantes, iguarias estupendas, ante as quaes a culinaria moderna córaria de vergonha. Em carros simulando galeões, machinas de guerra, fontes monumentaes, appareceram bois assados inteiros, veados gigantescos de cujos galhos corriam vinhos preciosos, empadões colossaes d'onde, depois de abertos, voavam passaros de plumagem iriada, repuxos de moedas de prata e oiro,

emfim banquetes de uma tal grandeza e magnificencia como nunca lembrara a Lucullus, de extravagante memoria, nem acudira aos mordomos de Cleópatra, de orgíaca reminiscencia.

Para tornar ainda mais retumbante este consorcio instituiu Filippe o *Bom*, em honra de sua mulher, a mais elevada e ainda hoje a mais apreciada de todas as ordens de cavallaria, a ordem do «Tosão de oiro», só conferida a soberanos, a principes de sangue, a pessoas de levantada extirpe e a entidades que tenham praticado tal somma de serviços que mereçam a altissima distincção. O duque, quando a instituiu, limitou o numero dos cavalleiros a trinta e nove, evocação dos trinta e nove vasos de guerra que tinham vindo a Portugal buscar sua esposa.

Os chronistas do tempo não regateiam elogios á excelsa senhora. Cantaram a sua vida os trovadores de mais espalhada fama. Não cabe aqui desfiar o rosario de boas acções que se lhe attribuem. De ânimo varonil prestava ao marido o apoio forte do seu temperamento energico.

Ao saber que o sultão Murad levara de escala Constantinopla, escreve pelo seu proprio punho a todos os principes da christandade, incitando-os a formarem uma nova cruzada, exhortando-os a alliarem-se e a recuperarem esse baluarte do orbe de Christo no Oriente, declarando que ella, os guerreiros de seu marido, quantos homens existiam nas suas terras, capazes de pegar em armas, todos se offereciam para coadju-

var esse emprehendimento de tão momentosas consequencias politicas e militares para a Europa. A desintelligencia dos chefes dos diversos Estados não permittiu a vingança de tal insulto, vibrado pelos orgulhosos osmanlís á prosapia de tantos imperadores e reis.

De longa data vinha um litigio difficil de sentencear. Carlos VII, de França, pretendia exercer suzerania no ducado de Borgonha, e portanto receber tributo, e exigia que os duques comparecessem nos seus parlamentos. Não queria Filippe o *Bom* sugeitar-se a tal preito. Azedaram-se as negociações. Esboçava-se um rompimento. O duque pensava já em appellar para as armas. Então D. Isabel delineou o plano de ir a Paris tratar do caso diplomaticamente, como se diria hoje. Acceitou o esposo a suggestão. Depois de largas conferencias assentaram as duas altas partes contractantes em que o pleito se decidisse conforme as leis feudaes — n'um duello entre dois cavalleiros escolhidos pelos litigantes.

Carlos VII nomeou para esse Juizo de Deus o mais esforçado cavalleiro da sua côrte, M. de Lançay. D. Isabel, dispondo de tantos nobres borgonhezes, lembrou-se de um seu compatriota. É verdade que esse compatriota se chamava Alvaro Gonçalves Coutinho, o celebre *Magriço,* que regressara victorioso do lendario combate de Londres, em defesa das doze damas offendidas.

Aprasou-se o torneio, se não estamos em

erro, para a cidade de Orléans. Assistiu a elle toda a aristocracia de varios paizes. N'uma espaçosa liça, rodeada de palanques e de tablados, reuniram-se clero, nobreza e povo, sem faltarem, é claro, os respectivos juizes de campo. O prélio foi renhido. Após a primeira investida, quebradas as lanças n'uma galopada vertiginosa e n'um embate formidavel, os adversarios desembainham as espadas e acommettem-se com furia brava. Divergem os chronistas na narrativa da parte final da contenda. Escrevem uns que *Magriço*, no uso do direito que lhe facultavam as leis da cavallaria, decapitara, sem mercê, o inimigo derrubado. Outros, que, aproveitando-se de uma prerogativa ainda mais elevada, com a ponta da espada mettida no gorjal falseado, obrigara o antagonista a considerar-se vencido, e lhe perdoara a vida.

Não mente o dictado que pondera:

«É facil adivinhar o que será uma mulher em casa do seu marido vendo o que é em casa de seus paes».

*

* *

Poucas regiões da Europa teem sido mais experimentadas pelos trez flagellos — peste, fome e guerra — do que essa Flandres onde se bateram exercitos de todos os paizes em todos os tempos.

Vesperas Sicilianas, Matinas de Flandres,

eis duas liturgías selvagens, que, com vinte annos de intervallo, de 1282 a 1302, fizeram correr ondas de sangue. A primeira, celebrada ao repicar dos sinos da Paschoa, em pleno sol, sob o céo mais risonho do mundo, nunca mais se apartou da memoria dos homens. A outra, o morticinio de Bruges, realizado nas brumas tristes de uma aurora de primavera, está meia esmaecida na recordação da posteridade [1].

A Flandres, cêrca do fim do seculo XIII, era uma das mais florescentes provincias da christandade. Ligava-se, pelo laço feudal, á corôa de França, mas o rei tratava o conde de Flandres liberalmente, prodigalizando-lhe privilegios e prerogativas. O conde, par de França, collocava-se na primeira fila nas cerimonias da sagração, levando uma reliquia augusta, a espada de Carlos Magno. Cunhava moeda a seu bel-prazer, impunha aos subditos impostos e tributos a seu capricho, julgava em ultima instancia e podia recusar obediencia ás ordenações régias. Mas se os burguezes ou o clero contrariavam o conde, este virava-se para o rei, e o suzerano estendia a mão ao vassallo. Estendia-a tambem, quando o julgava opportuno, aos burguezes, a quem garantia as liberdades communaes.

As grandes cidades flamengas eram, como as outras communas importantes da Edade Me-

---

(1) Estudo inédito de Emilie Gebhart.

dia, verdadeiras entidades feudaes, com obrigações relativas ao seu soberano e suzeranas de outras cidades. Bruges ampliava a sua jurisdicção a vinte e sete cidades, taes como Dunkerque e Gravelines. Quando marchava para a guerra, chamava em volta dos balsões as milicias dos seus proximos vassallos, taes como Ostende. E, graças á hierarchia das cidades clientes e das cidades suzeranas, e á cathegoria de dignidade d'estas ultimas entre si, a Flandres, vassalla do rei de França, subdita do seu conde, achava-se dominada por cinco cidades soberanas, cinco republicas, cujos delegados formavam o tribunal dos edís de Flandres, Bruges, Gand, Ypres, Lille e Douai.

Estas grandes communas de Flandres eram, como Florença e Veneza, as colmeias mais laboriosas do orbe christão. Nas suas industrias, seu commercio maritimo, as suas casas bancarias, pelo senso delicado das coisas de arte e o gosto dos monumentos magnificos rivalizavam com os mais ricos centros da Italia. A Damme, ancoradouro de Bruges, aportavam os navios do mundo inteiro, transportando fazendas do Levante e da China, lans, metaes de Inglaterra, trigos de França, pelles da Suecia, barras de oiro da Hungria, vinhos da Allemanha, couros, linhos, azeites, sedas dos sete reinos de Hespanha, pannos dourados da Tartaria, especiarias de Marrocos e de Tunis, tâmaras do Sahará. Era o entreposto do commercio universal de onde se abastecia a

Europa, e que, por admiravel systema de canaes, se derramava nas grandes feiras de Ypres e de Lille.

A mesma Flandres, toda, ahi ia buscar a materia prima da sua industria nacional, a lan, e transformava em tecidos de qualidades e côres diversissimas, que compartilhavam, com as fazendas florentinas, da honra de vestir luxuosa e confortavelmente tanto os mais illustres senhores como os mais humildes plumitivos do mundo civilizado. Mas se a Flandres se indispunha com a Inglaterra, a boa Albion não enviava as suas lans e não tosquiava os seus carneiros, a miseria, a fome, a bancarrota batiam ás portas das cidades populosas. Ora, o brado de soffrimento, gritado pelas multidões obscuras, depressa se transforma em clamor revolucionario.

Ora, estes formigueiros democraticos dispunham maravilhosamente os seus concidadãos á irritação, ao cansaço, á busca impaciente das novidades. É aqui que o systema corporativo se patenteia com todos os seus excessos. Não ha duvida que protegia o artista, vigiava o patrão, assegurava o trabalho, mas encerrava o individuo em enquadramentos tão estreitos, tão rigidos, que, na verdade, a servidão feudal parecia menos dura.

A communidade municipal não é mais branda para liberdade do individuo que o governo senhorial: regulamenta as menores minudencias da vida, nas cidades de Flandres, de ma-

neira tão insupportavel como nas communas italianas. As cidades industriaes de ordem mais èlevada, suzeranas arrogantes das pequenas aldeolas, não hesitam no seu furor de proteccionismo, em impôr o ocio e a ruina aos seus vassallos. Gand prohibe, n'um raio, primeiro de trez, depois de cinco leguas, em redor das suas muralhas, tecer ou tingir pannos, lan e linho. Em 1300 os operarios gandenses arremessam-se armados sobre Termonde e despedaçam ali todos os teares. Ypres destroe os teares de Lancemarcq. Saint Omer, depois de fazer em bocados os teares das cidades vassallas, entrega-se á alegria de expôr n'um pelourinho, e em seguida, queimar, as fazendas confiscadas. A propria industria das mais ricas cidades é entravada de mil maneiras. As grandes fabricas são proscriptas.

É prohibido exercer duas profissões simultaneamente, fabricar e vender na loja, ceder panno tecido a um confrade, tingir fazenda de que se tingiu a lan. Se se fabríca panno de uma unica côr, não se pode produzir fazenda riscada ou de côres combinadas. Os mesmos embaraços para os tecelões. Um operario não pode empregar na sua officina mais de dois teares, nem mais de sete operarios. Em Bruges, não lhe consentem que trabalhe com mais de trez aparelhos. Um patrão não pode exceder um numero regulamentar de aprendizes por anno.

Os processos de fabrico são regulados com

minucioso cuidado. A lei não permitte utilizar um processo mais rapido ou mais economico que os dos outros patrões. Não é permittido combinar no tear diversas fazendas, como linho ou lans de qualidades differentes. O tamanho dos teares, a qualidade das materias ou tintas necessarias aos teares, o tempo que deve levar a trabalhar uma peça de panno, o numero de varas que lhe é dado aproveitar n'um só dia, tudo é previsto, garantido por inspecções severas, sanccionado por pesadas multas cujo denunciante embolsa uma bôa parte. Desgraçado do fabricante que apresente á venda uma peça de panno não estampilhada com o sello da cidade ou da corporação, e que não tenha sido préviamente examinada, supesada, medida pelos perítos municipaes!

Não se imagine que o patrão fora da officina, ou o operario depois de trabalhar as horas regulamentares, podem respirar á sua vontade —os pobres diabos—o ar livre da communa. Não. A lei mantem-n'os debaixo da sua garra e não os larga nunca. Nenhum rapaz, durante os esponsaes, pode visitar a noiva, a não ser em pleno dia, «a fim de que possa voltar para casa sem luz». Se havia de se realizar um baptismo, a lei fixava o numero de presentes auctorizados, os convivas do festim, a escolha dos pratos consentidos no banquete, os musicos que figuravam no cortejo. O padrinho generoso, que dá ao recemnascido mais do preceituado, paga uma

multa. A ama ou as creadas não podem receber offertas pelo Natal. Não ha licença para offerecer qualquer refeição por occasião do bom successo da esposa. Não se deve alugar a casa a mulheres de conducta duvidosa sob pena de as ver enforcadas nas janellas da moradía. Nem ellas podiam andar á noite pela rua.

O povo não saboreava, com certeza, todas as beatitudes terrestres. Trabalhava feroźmente no fundo dos seus subterraneos cantando velhas e melancolicas árias. Um dia julgou comprehender que as communas se tinham enganado ou o enganavam. Ao passo que os patrões e operarios se sentiam manietados nos estatutos das suas corporações, sem nenhuma liberdade de invenção ou de acção, os negociantes incumbidos de dar vasão ás mercadorias accumuladas nos mercados das cidades, livres de qualquer regulamentação, emprehendiam negocios rendosos, luctavam uns com os outros pela vida, de modo que os mais fortes arruinavam os mais fracos. Uns pertenciam á velha burguezia local, outros provinham da nobreza feudal.

Associados em *gildes* ou *hanses* reservavam para si o monopolio do commercio, centralizavam a concorrencia. As *hanses* de varias cidades syndicadas, dominavam o trabalho industrial de uma região inteira. Era, no fim de contas, uma feudalidade financeira, uma casta da riqueza que occupava as magistraturas municipaes — a edilidade, — e muito insolente com

respeito á gente pobre, que tratava nas suas ordenações com ineffavel desdem. Tintureiros de unhas azues, caldeireiros que apregôam pelas ruas, vendedores ambulantes de queijo a retalho, toda essa arraia miuda deve andar para a frente, tocada pelo cajado, sem se queixar dos patrões. Um patricio tinha direito de esbofetear um artifice. Em Gand o rapto de uma donzela custava uma multa séria e trez annos de exilio. O rapto da filha de um mesteiral—*filia pauperis*—era gratuito.

É então que sobreveem as matinas de Bruges.

*

* *

O conde de Flandres, Guy de Dampierre, velho companheiro de armas de S. Luiz, tinha dezeseis filhos e enormes dividas. Só pensava em arrumar os rapazes e as raparigas e amordaçar os crédores. Devia a toda a gente, aos burguezes das cidades, aos usurarios italianos, ao Templo, aos sacerdotes, ás mulheres, aos filhos, aos sargentos, aos domesticos. Dirigia suplicas ao Papa para que lhe dispensasse os pagamentos, empenhara um imposto no seu fornecedor de vinho, derretia a baixella de prata, vendia como terrenos de cultura os alluviões do porto de Bruges que, desde então, se açoriou lentamente e acabou por desapparecer.

Este patriarca feudal não distinguiu ne-

nhum dos symptomas da irritação popular. O seu interesse atirava-o para os braços dos patricios, entre os quaes se encontravam os seus maiores crédores. As communas sublevam-se desde 1280 contra os edís, ricos burguezes — os que na Italia se chamavam *burguezes gordos* — e contra o conde. Surgem aqui e ali tribunos populares, mesmo um chefe revolucionario sahido da classe dos privilegiados, Henrique del Eckout, que faz discursos, distribue armas e dinheiro. Em Ypres, põe-se em acção, saqueia as casas dos ricos, rouba as egrejas, degola os patricios. A revolta passeia ao clarão do incendio por toda a provincia.

O conde, porém, suffocara o motim de Bruges pelo braço do seu filho mais velho, Roberto de Bethune. Este marcha sobre Ypres orlando o caminho de forcas. Apaziguado o tumulto, inventa novos impostos e mais prohibições, interdiz aos cidadãos que se reunam mais de dois homens, a não ser para bôdas, condemna os patricios a pagar uma multa aos mesteiraes e collecta os mesteiraes n'um tributo a favor dos patricios. Permitte aos tecelões que teçam toda a especie de lans e impôe aos edís a obrigação de dar contas, duas vezes por anno, da sua gerencia. Esta justiça á Sancho Pança não é de todo má. Mas não contenta ninguem.

Em maio de 1281 rebentam novas perturbações em Bruges. D'esta vez a desditosa cidade perde todas as suas liberdades e regalias. Vê-se

esmagada por terriveis coimas. Volta-se então para o alto suzerano, rei Filippe III, que recusa intervir. Em setembro, terceiro levantamento, terceira derrota dos operarios de Bruges. O conde de Flandres manda decapitar ante os olhos da turba, os cinco principaes chefes do movimento. Em Douai, onde o povo trucidara onze edís dos dezeseis, Guy de Dampierre manda executar trez amotinados. Os outros são enforcados nos beiraes dos telhados das suas casas.

Os artifices vencidos retomam no fundo dos subterraneos o seu monótono labor e continuam a cantarolar as suas velhas e melancolicas canções.

Um rei adolescente, o rei dos cabellos louros, de olhos azues, claros e duros, Filippe o *Bello*, assenta-se então no throno de França.

Filippe não tarda a esbarrar com a Inglaterra. Precisa simultaneamente de muito dinheiro e da fidelidade experimentada dos seus vassallos. Os florins que tira da Flandres causam a Guy de Dampierre uma grande dôr. A dedicação que a populaça manifesta ainda á corôa inquieta-o. Por outro lado, o rei inglez, Eduardo I, segura o velho conde pela bolsa. É seu crédor, não reclama o pagamento e offerece-lhe novos subsidios. O conde de Flandres não hesita muito tempo entre o seu dever feudal e o seu interesse. Depois de evolucionar com habilidade do lado dos mesteiraes, mostrando-se severo com os seus amigos patricios, conclue, a 7 de janeiro de

1297, uma alliança offensiva e defensiva com Eduardo contra Filippe I.

Alguns dias mais tarde rebenta a guerra entre o suzerano e o vassallo rebelde.

Sem lhe deixar erguer a cabeça, o rei cita o conde ante o tribunal dos pares, atira-lhe á cabeça, pela mão do arcebispo de Reims, uma velha bula de excommunhão que data de 1224, de Honorio III, e em seguida invade Flandres. Entra ali como em sua casa. Bruges assignala-se pelo seu enthusiasmo pelas flores de liz. O papa Bonifacio VIII offerece a sua mediação. A Inglaterra, a França e Flandres concluem uma trégua. A arbitragem do pontifice deve terminar o dessidio por meio de uma paz definitiva. Bonifacio pronuncía a sua sentença a 27 de junho de 1298. O conde tinha enviado a Roma trez dos seus filhos, que ficam consternados ao ouvir a decisão pontifical. Bonifacio VIII esquece-se mesmo de nomear Guy de Dampierre, a quem abandona ao resentimento de Filippe o *Bello*. Em vão supplicam do terrivel pastor que se amerceie de seu pae. Vêem-se obrigados a partir de Roma, sem dinheiro, e só podem sahir da Italia, mercê da caridade de um banqueiro de Florença.

Em janeiro de 1300 as hostilidades recomeçam entre a França e o conde. É para este um desmoronamento. Guy de Dampierre rende-se á discreção. O rei destitue o velho senhor e arbitra-lhe um rendimento de seiscentos mil

francos para viver em paz no castello de Compiègne. A Flandres inteira fica desde então subordinada directamente á corôa de França.

Filippe visita em 1301 a sua nova conquista. Flandres acolhe-o festivamente. Mas esta lua de mel declina com rapidez. Bruges colloca-se á frente do movimento de mau humor popular que se propaga a Gand. Os edís e os burguezes importantes constituem o primeiro pretexto e as primeiras victimas. Em Gand, o povo obriga, á navalhada, os patricios a correrem seminús pelas ruas. Jacques de Chatillon, governador de Flandres, em nome do rei, ainda mais atiça o incendio. Toma o partido dos nobres e exaspera a arraia-miuda. Esta só aguarda um chefe para inaugurar o levantamento nacional. Julga encontrá-lo na pessoa de um rapazote, de um neto do pobre Guy Dampierre, Guilherme de Juliers. É um padre, archidiácono de Liège, designado para arcebispo de Colonia.

É adoravel, eloquente. As cidades abrem-lhe com amor os corações e os cofres. Magnificamente vestido, ostentando no escudo o leão de Flandres, apresenta-se seguido de um cortejo de sacerdotes, de capitães, de musicos, de nigromantes e de cortezans. Entra em Bruges como um corisco e impelle immediatamente a turba ao roubo e ao incendio dos palacios nobres, depois ao cêrco do castello de Maele, onde Chatillon tinha auctorizado os fidalgos a depositarem os seus objectos mais preciosos. Guarnece

o castello pessoal do rei. A gentalha força a entrada, degolla a pequena guarnição e atufa-se de vinhos e victualhas. Dissipada a primeira embriaguez dos senhores de Bruges, o padre Guilherme e o tribuno popular Conine, comprehendem que nem Gand, nem a maior parte das cidades consentem em trahir o soberano, e que já a arraia-miuda, inquieta pelas tropelias realizadas, se prepara para abandonar os chefes.

Guilherme é o primeiro a fugir sem musica nem cortezans. Capturam Conine, apupam-n'o, ameaçam-n'o com a morte, e elle considera-se feliz em se apanhar fora das fronteiras flamengas. A 14 de maio, Jacques de Chatillon, á frente do seu exercito, apparece ante as muralhas de Bruges. Leva oitocentas armaduras, entre as quaes cento e vinte cavalleiros e trezentos peões. A população de Bruges apressa-se a enviar uma embaixada ao delegado de Filippe o *Bello*. Solicitam apenas que os mais compromettidos possam sahir da cidade antes da entrada dos francezes. Chatillon consente. Cinco mil homens em armas sahem de Bruges, mas acampam na vizinhança.

No dia seguinte os patricios e o povo recebem Chatillon ás portas da cidade. Os sinos repicam. Nota-se que o capitão do rei tem um porte arrogante, um olhar cruel e que os francezes entram de cabeça levantada em Bruges submissa. Chatillon concede imprudentemente aos burguezes a guarda dos seus baluartes. Desce a noite. Os francezes aboletados nas moradías dos habi-

tantes ceiam e adormecem. Então, nas trevas, os conjurados de dentro fazem sinal aos partidarios de fora. Nas ruas segreda-se que os francezes enforcariam toda a gente no dia seguinte. É d'isso prova evidente os cestos cheios de cordas que figuram nas suas bagagens.

Ao alvorecer, quando os bandos penetram pelos baluartes, mal guardados, principia o morticinio. Muitos francezes são assassinados na cama. Outros, quasi nús, são decapitados no limiar da casa onde se abrigavam. As mulheres atiram sobre os fugitivos, dos parapeitos das janellas, os moveis e a loiça. Trez palavras de difficil pronunciação — como outrora na Sicilia — servem para reconhecer na sombra amigos ou inimigos. Alguns moradores, de espirito pratico, salvam os seus hospedes mediante bom dinheiro. Outros protegem-n'os generosamente por timbre de honra. Cento e vinte pessoas encontram a morte nas punhaladas d'essa noite. Jacques de Chatillon e o chanceller P. Flote, bispo de Auxerre, conseguem escapar. Os cadaveres, amontoados em carroças, são atirados para os campos onde apodrecem. Alguns cavalleiros são arrastados, em camisa, por entre os ultrages da gentalha até o porto de Damme.

Guilherme de Juliers entra triumphantemente na cidade ensanguentada. Conhece bem que as matinas de Bruges não passam do primeiro acto do drama e que é preciso ir até o fim. Alista á pressa um exercito. Alcança uma

retumbante victoria a 11 de julho, sobre a cavallaria franceza, nos pântanos de Courtrai. É menos uma batalha que uma carnificina, seguida de um *salve-se quem puder!* inaudito. A repercussão do desastre é immensa em toda a Europa. O velho Bonifacio VIII, que odeia a França, ergue-se a meio da noite para receber a feliz nova. Vinte mil francezes, a flor da nobreza, desapparecem ali.

Decorridos dois annos, em Mons-en-Puelle, o rei Filippe tira a sua desforra. Guilherme de Juliers, sagrado no intervallo das duas batalhas arcebispo de Colonia, cáe cansado de mortandade, á frente do contingente de Ypres. Os soldados francezes cortam-lhe a cabeça e apresentam-n'a ao monarca na ponta de um chuço. E o soberano manda cantar o *Te-Deum*. Mas o povo flamengo não quer acreditar na morte do heroe.

Durante muitos annos, o artifice de Bruges, pendido sobre o tear, sonha, na sua canção triste, com o juvenil capitão mitrado, que foi, por alguns dias, para Flandres, o symbolo da independencia nacional.

Bruges, que em flamengo significa ponte ou logar de pontes, e que é a capital da Flandres occidental, tem uma historia das mais movimentadas. Parece ter sido construida no seculo VII, e o nome de Flandres, rezam as encyclopedias, foi primeiro applicado a este povoado, e só depois a toda a região. Foi Balduino II,

conde de Flandres, casado com Elstruda, filha de Alfredo o *Grande*, quem primeiro a fortificou e a escolheu para sua principal residencia. É antes de 1180 que Bruges toma o nome de capital da Flandres. Ahi se acclamam os novos condes no *Mercado da Sexta-Feira*, no local onde existe hoje a estação do caminho de ferro. Depois de 1180 soffre com a concorrencia de Gand, mas não tardou que se lhe tornasse egual em poder e opulencia.

Attingiu o maior grau de desenvolvimento no seculo XIV. Consideravam-n'a a Veneza do norte. N'essa quadra a sua Bolsa regulava os cambios em toda a Europa. Regorgita a cidade de monumentos valiosos, quasi todos contruidos entre os seculos XIII e XVI.

II

Edith Cavell

Pouco tempo antes de rebentar a guerra, na segunda feira de Pentecostes, realizou-se em Ecaussines, terra importante da provincia do Hainaut, na Belgica wallona, uma cerimonia typica.

A estrada que conduz da estação á villa engrinalda-se de festões, ensombra-se de arcos de verdura e orla-se de bandeiras, bandeirolas, galhardetes, etc. As philarmonicas da terra esperam a chegada dos principaes comboios e quando os passageiros formam uma massa bastante imponente, o préstito dirige-se pelas ruas enganaladas do pittoresco povoado para a Camara Municipal.

Que chama toda esta gente a Ecaussines?

As moças casadoiras offerecem uma merenda aos rapazes solteiros de toda a Belgica.

Os recemchegados entram na Casa Communal, inscrevem-se n'um livro adequado, preciosamente conservado pela commissão organizadora. Entregam-lhe, com o seu bilhete de convite, uma

taça com o seguinte distico: *Se queres ser feliz, casa-te!* Em seguida, o cortejo, sempre acompanhado pelas philarmonicas, encaminha-se para casa da presidente, eleita pelas suas conterraneas para presidir á meza de honra e para dar as boas vindas aos rapazes solteiros.

A presidente é sempre a mais linda cachopa do sitio. N'esse anno as suas vinte primaveras põem em relevo uma formosura authentica. Veste de branco e aperta os seus fulvos cabellos de oiro uma larga fita azul.

Um appetite!

Trocados e terminados os galantes e effusivos cumprimentos o prestito continua a marcha em direcção da praça principal, onde está reservado um grande espaço para as raparigas e os seus convidados. Ao fundo da praça ergue-se o velho castello dos condes de Lalaing, da segunda metade do seculo XIV, occupado por congreganistas francezes. Em redor da praça desenham-se vivendas baixas, caracteristicas, e ruas com o cunho especial walão. Estendem-se pela praça adeante compridas e estreitas mezas cobertas de toalhas alvissimas. Os rapazes assentam-se á esquerda, as moçoilas á direita.

No espaldar das cadeiras dos rapazes lê-se a seguinte inscripção: *A ti meu coração.* O espaldar da cadeira da cachopa em frente d'elle dá a réplica: *Farei a tua felicidade.* Não é um assombro de litteratura, mas manifesta uma candura deliciosa e uma confiança de melhores tempos.

No momento apropriado, a juvenil e formosa presidente lê um discurso.

Mostra-se um tanto acanhada, os seus labios tremem um quasi nada. N'esse discurso diz-se entre muitas outras coisas que fora do casamento não ha saude. Declara nítida e francamente que deseja casar: «Não os surprehenderei, meus senhores, dizendo-lhes que todos os nossos pensamentos se concentram e que todos os nossos anhelos convergem para o casamento, que nos parece cercado de uma luminosa auréola. Seriamos tão felizes se pudessemos dar o braço a um maridinho, que amariamos com todas as fibras da nossa alma e a quem prodigalizariamos os nossos thesouros de amor»!...

Como podem os solteiros resistir a uma tal suggestão? Parece que no anno anterior tinham sido um tanto ou quanto surdos, porque a presidente consagrou toda a segunda parte do seu discurso a traçar um quadro encantador das alegrias que esperam o homem casado. Ha sobretudo um periodo sobre o jubilo da paternidade, que é de uma candura delicada.

Concluido o discurso, raparigas e rapazes fazem as devidas honras á merenda, que termina no meio de gargalhadas e de canções. Os solteiros offerecem com galantaria o braço ás moçoilas de Ecaussines e vão aos pares visitar os sitios mais pittorescos da localidade. Um prospecto distribuido com profusão recommenda aos celibatarios que visitem muito particular-

mente um ponto delicioso denominado *Paraiso terrestre*. É, naturalmente, para as bandas da egreja.

A primeira vez que se realizou esta merenda foi em 1903 e d'ella resultou quatorze casamentos, dezesete em 1904, só oito em 1905 — chovera torrencialmente no dia da festa — vinte e dois em 1906, vinte e quatro em 1907, vinte e quatro em 1908, vinte e dois em 1910, dezoito em 1911, vinte e um em 1912, treze apenas em 1913, mas haveria muitos mais em 1914 se não se rompessem as hostilidades.

Uma villa proximo de Ecaussines, Ronquières, quiz imitar a visinha e organizou uma merenda casamenteira. Ali foram os rapazes que a offereceram. As raparigas de Ecaussines protestaram, sentindo-se preteridas, e não se sabe bem onde as coisas chegariam se não surge a invasão.

Nos arrabaldes de Lisboa, na feira das Mercês, proximo do Cacém, ha uma coisa parecida no *Muro do Derrete*. N'um muro, muito frequentado, assentam-se as moçoilas e em baixo os rapazes namoram-n'as.

Infelizmente todo esse bem estar e alegria desappareceu em boa parte da Belgica durante a conflagração. Onde tudo era rizo, prosperidade, ventura, socego, paz, o pavor da guerra transformou em tristeza, miseria, lucto, desordem, anciedade.

As raparigas de Ecaussines resolveram

supprimir durante o periodo das hostilidades a tradicional *merenda casamenteira*. Os allemães pretenderam obrigar, na época da invasão, a municipalidade wallona a effectuá-la, como o não conseguiram condemnaram-n'a a pagar uma multa de cinco mil marcos.

São curiosas essas terras flamengas e wallonas. As praias accidentadas da Flandres occidental, que se estendem de Blankenberghe a Bolonha, o paiz das dunas chamado, apresentam uma paizagem singular, bravía ainda ha pouco tempo, mas que civilizaram pouco a pouco, diminuindo-lhe o pittoresco, a installação e a extensão das estancias balneares. Acima de Blankenberghe encontra-se o ponto de reunião de artistas, Knocke, que deve a sua gloria ao celebre pintor flamengo Werwee, que ahi viveu e trabalhou agrupando em redor de si numerosos pintores, como elle apaixonados por essas dunas flacidas e esse mar rude. Abaixo de Blankenberghe encontra-se Ostende, opulenta, ricaça, accumulada de palacios e de «villas» modernas. Os tempos heroicos de Ostende deixaram poucos vestigios. Vae longe a recordação d'esse assédio de 1604, em que o general hespanhol teve de se demorar trez annos sob os muros da praça, e onde a côr *isabelle* foi inventada; longinquas são tambem as recordações da tomada da cidade pelos francezes em 1745 e mais tarde, quando da revolução.

De Ostende a Panne, as dunas são roídas,

laceradas pelos vagalhões, desfiguradas pelas casas modernas e «villas». Para cá das dunas, avulta Furnes, a velha cidade flamenga, de tão typica architectura, n'essa região do «Veurne-Amlacht», evocadora das luctas dos communistas e toda a historia da immunidade das cidades de Flandres. Ahi renasce a bella, pingue e uberrima terra de Flandres, cortada por canaes regulares. Mais adeante prolonga-se Dunkerque, cujo nome significa «egreja das dunas», filha do lendario Santo-Eloy, com o seu passado simultaneamente guerreiro e laborioso.

Todas estas charnecas arenosas, lambidas ou picadas pelo mar do Norte são de uma côr amarello desmaiado, marchetada por escassas estevas. É n'estes sitios ainda selvagens e solitarios que innumeros coelhos cavam as suas luras. Antes da guerra, o numero de casas de campo crescia, multiplicava-se. Edificavam-n'as, ordinariamente junto da praia, nos barrancos da areia e algumas vezes no cume das pequenas dunas. Viam-se de longe os seus cubos brancos isolados ou reunidos por grupos de trez ou quatro, o que compunha um quadro agradabilissimo.

Esta região viveu uma nova historia. Na paizagem monótona, triste ou calma, segundo as horas e a côr do céo, francezes, inglezes, belgas, allemães, austríacos, bateram-se n'essas dunas, á beira do mar do Norte, de movimentos profundos e poderosos.

E não foram só os combates, as batalhas, no mar, em terra, nos ares, que fecundaram, com diluvios de sangue, o solo até ahi tão productivo e tão pacifico da Belgica. Para mais enegrecer o quadro e torná-lo hediondo em excesso, as execuções converteram em proscenios de tragedias as cidades activas e populosas, depois inertes e despovoadas.

Entre esses centenares, senão milhares, de creaturas condemnadas a serem passadas pelas armas, em virtude da lei marcial, o fuzilamento de Miss Edith Cavell entra no numero dos que mais forte impressão causou.

Quem era Miss Edith Cavell?

Oriunda da aldeia de Swardeston, Norfolk, nasceu em 1872. Seu pae era reitor da localidade. De muito nova, catechisada pela propaganda feita por Florença Nightingale, sentindo-se inclinada para a vida de enfermeira, dedicou-se a esse altruista genero de vida. Praticou no Hospital de Londres. Diplomou-se em 1896. Durante dez annos distinguiu-se em Inglaterra em trabalhos de responsabilidade. Os progressos attingidos pelos serviços de enfermagem na Gran-Bretanha levaram outros paizes a requisitar pessoal britannico como instructor. O governo belga formava uma d'essas escolas. Convidada a tomar a direcção de uma d'ellas, Miss Cavell parte para Bruxellas no mesmo anno em que obtem o seu diploma.

Achava-se no goso de ferias em Inglaterra

quando rebenta a conflagração europeia. Retoma immediatamente o seu posto. O instituto de ensino, que tinha á sua frente o eminente cirurgião Dr. Dépage, transforma-se, sem demora, em hospital.

Miss Cavell sabia muito bem qual seria a sua sorte se fosse descoberta a tarefa a que se entregava — o de facultar por todos os meios a evasão dos prisioneiros e o regresso á frente de batalha dos feridos curados. Mas nem por isso se cohibia, nem sequer tomava as precauções indispensaveis para a effectuar. Procedia assim, primeiro, por humanidade, depois por irreprimivel patriotismo.

A 5 de agosto de 1915 é capturada na sua residencia da rua de la Culture e levada para a prisão militar de St. Gilles, em Bruxellas. Só a 31 d'esse mesmo mez e anno é que Mr. Whitlock, ministro dos Estados Unidos da America na Belgica, e encarregado da protecção dos subditos britannicos n'esse paiz, sahe da prisão. Põe-se em communicação immediata, sobre tal assumpto, com o barão von Bissing, governador geral allemão da Belgica, e com o barão von der Lancken, chefe da repartição politica do governo militar allemão do territorio conquistado.

Eram, com Miss Cavell, trinta e cinco os accusados que tinham de responder ante o conselho de guerra germanico. Entre outras pessoas, compareceram n'esse tribunal o principe Reginald de Croy, a condessa Jeanne de Belleville de Montignie, o architecto Phillipp Bancq, um

engenheiro de minas, um pharmaceutico, um advogado, etc. Dois terços dos accusados eram mulheres. O conselho funccionou na sala das sessões do Senado belga. O julgamento effectuou-se nos dias 7 e 8 de outubro de 1915. Foi secreto. A lei alleman não permittiu que ninguem conferenciasse com Miss Cavell até o dia do julgamento. Para a defender foi nomeado o advogado belga, Braun, que, não podendo desempenhar-se d'essa incumbencia, se fez substituir pelo seu collega Kirschen.

A corajosa enfermeira ingleza declarou, por escripto, antes do julgamento e vocalmente na audiencia, que: «era culpada não só de ter auxiliado bastantes soldados a atravessar a fronteira, como tambem havia recebido cartas de alguns d'elles, enviando-lhe os seus agradecimentos; estava persuadida que, não o fazendo, seriam fuzilados pelos allemães».

Esta ultima confissão aggravou muito a sua situação. Se só tivesse sido provado que ella auxiliara os soldados a atravessar a fronteira hollandeza e não houvesse prova de que estes soldados haviam chegado a um paiz em guerra com a Allemanha, apenas a condemnariam por tentativa de commetter o crime e não tê-lo commettido de facto. Assim, o promotor do conselho aproveitou inexoravèlmente essa circumstancia e obteve a sentença de morte para Miss Cavell e mais sete co-reus. O interrogante fazia as perguntas em allemão, traduzidas immediatamente

por um interprete, para francez, lingua que todos comprehendiam como a sua propria.

As diligencias realizadas pelo ministro dos Estados Unidos, Mr. Whitlock, e pelo ministro de Hespanha, marquez de Villalobar, para ser commutada a sentença de morte, que o tribunal pronunciara três dias depois, após demorada discussão, a 11 de outubro, o já citado barão von der Lancken declarou «que o governador militar era a auctoridade suprema em materias d'esta ordem; que um appêllo contra a sua decisão só poderia subir ao imperador, pois que o governador geral não tinha competencia para intervir em taes casos». Accrescentou mais que: «pelos regulamentos da lei militar alleman, o governador militar tinha poderes discrecionarios para acceitar ou recusar um appêllo á clemencia». Em seguida o mesmo barão conferenciou com o mesmo governador militar pelo telephone. Voltou d'ali a meia hora e informou que: «Essa entidade procedera só depois de madura reflexão; que as circumstancias do caso eram de tal natureza que achava imperiosa a applicação da pena de morte e que em vista das circumstancias do acontecimento se via obrigado a indeferir o pedido da commutação da pena ou qualquer outra representação no mesmo sentido».

Estas entidades diplomaticas apenas conseguiram que o capellão britannico em Bruxellas, Mr. H. Stirling T. Gahan, visitasse Miss Cavell na segunda-feira, 11 de outubro, á noite, na

prisão. Encontra-a tranquilla e resignada. A entrevista dura perto de uma hora. Depois de tratar de assumptos meramente pessoaes acrescenta que desejava que todos os seus amigos ficassem sabendo que de bôa vontade perdia a vida pela patria, e ainda adduz:

— Não tenho receio nem sinto horror de especie nenhuma; tenho encarado a morte tantas vezes, que para mim deixa de ser estranha ou pavorosa. Dou graças a Deus por este período de tranquillidade de dez semanas antes do final. A vida tem sido sempre de sobresaltos e difficuldades. Este período de socego foi uma grande mercê. Todos aqui teem sido muito bondosos commigo.

Commungam os dois, o sacerdote e ella. Ao despedirem-se o capellão Gahan, diz-lhe:

— Adeus!

Ao que Miss Cavell, serena, lhe replíca:

— Ainda nos tornaremos a encontrar.

Não se conhece bem ào certo a forma como se realizou a execução. Alguns jornaes noticiaram que ás duas horas da manhan, de 12 de outubro, Miss Cavell sahiu da prisão com a cabeça coberta com um véo. A noite estava fria. Não a transferiram, como se disse a principio, para uma casa particular, para ahi ser arcabuzada. O lúgubre acto verificou-se na Carreira de Tiro Nacional. Não obstante a declaração que fêz ao capellão Gahan, e talvez por isto mesmo, de que: «Não pode ter odio nem amargura para nin-

guem», a vinte e cinco metros da parede onde deve ser encostada, as suas forças abandonam-n'a e desfallece. O official allemão ordena então aos soldados que a levantem e a transportem até o sitio indicado para o supplicio. Os soldados obedecem, mas quando se lhes ordena que façam fogo sobre a desditosa, deitada no chão como um farrapo humano, recusam categoricamente. É n'esse momento que o official puxa do revolver e faz saltar os miolos á desventurada mulher. A bala entra-lhe por uma fonte. A morte deve ter sido instantanea.

Será exacta esta versão? O unico pormenor que se deve ter como verídico reside nas palavras ditas pelo capellão militar allemão, que a acompanhou até final, ao seu collega britannico Gahan, e que são: «Foi corajosa e conservou-se animada até ao ultimo momento. Affirmou a sua fé christan e disse que sentia prazer em morrer pela patria. Morreu como uma heroina».

Este implacavel procedimento do governo allemão, porque segundo todas as probabilidades o governador militar consultou o ministerio em Berlim, asserto corroborado pela defesa calorosa emprehendida pelo sub-secretario imperial do ministerio allemão dos negocios estrangeiros, Herr Zimmermman, do fuzilamento, que allegou que: «a sentença foi levada a effeito para aterrar aquelles que quisessem prevalecer-se do seu sexo para tomar parte em emprehendimentos tos puniveis pela morte», motivou grande indi-

gnação em todo o mundo civilizado e foi talvez uma das principaes causas moraes, ou pelo menos aproveitada como tal, para a intervenção dos Estados Unidos da America no colossal pleito. Protestou o Vaticano contra a execução das mulheres pelos allemães. O *World*, de Nova York, escreveu que: «Mais valeria a Allemanha ter perdido um corpo de exercito inteiro que fazer executar Miss Cavell». N'uma palavra, de toda a parte se elevou um côro de protestos. As Camaras dos paizes da Entente approvaram moções de censura, abriram-se subscripções, fundaram-se institutos e deu-se o nome de Miss Edith Cavell a varios hospitaes e estabelecimentos de beneficencia.

III

A ultima ceia de Maria Magdalena

Dias depois da aggressão de que fôra victima Maria Magdalena, por parte da turba que a quizera lapidar, e que o Nazareno deteve no jardim de Silano, Maria Magdalena enviou ao romano uma curta mensagem: «Amanhan, á hora em que os raios obliquos do sol deixarem as collinas da Bethania, vem cear commigo, em companhia de Lucio Vero, de Appio e de Cœlio, que eu te peço que convides em meu nome. A vossa presença ser-me-ha cara, e a esperança de te ver encurta o tempo que tenho ainda de esperar por vós». Silano desobriga-se do seu encargo. Os seus amigos acceitam pressurosos, e elle, que apreciava immensamente a companhia da juventude feliz e o espectaculo de um lindo semblante e de um corpo harmonioso de mulher, exulta em ir a casa de Maria Magdalena.

Combinaram os trez homens que iriam a cavallo á branca vivenda de marmore, cercada de loureiros, de jasmins e de rosas.

Silano, embora já pesado pela edade, montava ainda bem, mas preferiu metter-se na liteira. Julgava inutil perturbar a sua serenidade e a maravilhosa lucidez de espirito com uma fadiga superflua. Queria poder gosar o festim que se preparava com as forças, por assim dizer, completamente frescas e com o seu ser bem disposto e vivo.

Silano foi o primeiro a comparecer. Chegou por um occaso de primavera radiosa, quente e saturado de perfumes já intensos como no crepusculo das tardes de verão. Depois de refrescar a cabeça e as mãos na sala de banho onde tinham sido collocados, por causa dos convidados, vasos com liquidos odoríferos, o velho, agil e sorridente, sahiu com Maria Magdalena para passear pela rua de cyprestes vigorosos que conduzia da estrada á mansão.

Por entre a folhagem compacta das esguias columnas verde-negro, não tardaram a distinguir no cume de um outeiro proximo uma nuvem de poeira. Eram os trez cavalleiros. Acercavam-se levados pelo trote rapido das suas montadas, pequenas e nervosas. Os tranquillos passeantes receberam-n'os á entrada da alameda. Lucio Vero apeou-se com agilidade. Trazia um manto leve e fluctuante de fazenda clara, a fim de, sem duvida, proteger o seu brilhante uniforme, a sua couraça de lâminas de prata e de bronze das injurias do caminho cheio de pó.

Vestira os seus mais bellos atavios, como se

tivesse de regressar a Roma e tomar parte n'um glorioso triumpho. Saudou Maria Magdalena da maneira mais galante, e, ao passo que os seus amigos o imitavam cumprimentando-a, deu ordens a alguns legionarios que os tinham acompanhado, não para os defender, mas para guardarem os cavallos. Os soldados conduziram os animaes para a vivenda, segurando-os pelo freio e sem descer do proprio cavallo. Lentamente e discreteando, os convidados, rodeando a formosa dona de casa, encaminharam-se para a sua hospitaleira habitação.

A ceia era simultaneamente simples e sumptuosa. Maria Magdalena não ignorava nenhum dos requintes que deleitam os homens reunidos. Parecia que possuia a extrema arte de crear em volta d'ella, e por ella, momentos inolvidaveis. No entanto, n'esse entardecer, não ostentava nem a vivacidade nem a alegria que tornavam tão agradaveis a sua sociedade. Os seus olhares algumas vezes distrahidos, exprimiam uma gravidade triste. Não reparava na attitude terna e apaixonada de Lucio Vero, que transitava, com os olhos pregados n'ella, espiando n'esse lindo rosto esperanças e promessas, do abatimento contido á alegria mais ingenua. Não via o militar que a amava profundamente. Illuminado pelos reflexos dourados das tochas, o varonil semblante do romano revelava um caracter de poder soberano. Por baixo do seu cabello basto e negro puxado para a testa, os seus olhos rasgados e de

uma pura côr fulva, enchiam-se ora de trevas, ora relampejavam chammas. O seu pescoço, que emergia da sua tunica presa com fechos de metal, tinha a côr e a solidez do bronze. Os seus braços musculosos e levemente depilados eram sacudidos por momentaneos frémitos, quasi imperceptiveis.

Era visivel que a Maria Magdalena só interessavam as palavras de Silano. Escutava-o com a curiosidade ávida das creanças que nunca se cansam de contos impressionantes. E o philosopho, lisongeado com esta attenção particular, o velho tocado por esta especie de preferencia accentuada que manifestava pela sua edade, o premio de uma conquista decorativa, entregava-se á vaidade d'esta tão invejavel predilecção. Prestava-se ás interrogações da juvenil dama. Discorria com uma vivacidade jubilosa e uma animação sorridente que tornavam a sua alegria ainda mais graciosa e melhor inspirada. Dava-lhe azas. Tomara por thema o pensamento de que as chammas mais bellas e mais puras do amor podem allumiar e aquecer um coração de velho.

—Quando—dizia,—as carnes de ricas e profundas recordações deixam de ser febris ou envenenadas pelos traços de uma paixão violenta e actual, concentram-se em si proprias como um apaziguamento delicioso e infinito. Saboreiam no passado e no presente uma voluptuosidade suave, unica. Não sentem saudades nem desejos.

Nada humano as agita nem as perturba. Experimentam gozos divinos. Pergunto mesmo se d'esse ponto sublime que levei tantos annos a subir, não vejo melhor que na impetuosidade e exaltação da primavera e da maturidade a belleza real das mulheres. Ao ouví-las, ao contemplá-las, colho o melhor da sua essencia, por isso que o que ellas me concedem não originará nenhuma decepção nem nenhuma indifferença. Dão-me um prazer sempre em flor.

Essas affirmações contrariavam e irritavam Lucio Vero, embora não manifestasse a sua impaciencia. Desejaria amordaçar Silano, a quem no âmago estimava e apreciava, mas em outros logares e n'outras circumstancias. Era sitio para uma tal conversação a casa de uma tão seductora mulher? Que mal, que epidemia se propagava a esta hora pela Judéa semeando o contagio da dedicação e do sacrificio? É que os duros romanos, formados na escola dos philosophos praticos, renunciariam ás energias maximas da conquista e da posse que lhes valera o imperio do mundo? O amor, como a guerra, pensava o vice-governador, não se faz para as almas gastas e vacillantes.

Maria Magdalena, notando o mau estar do seu adorador, julgou generoso mudar de assumpto.

— Reflecti muito na carta de Longino que tu nos leste no nosso ultimo encontro. Creio,

como elle, que os queixumes humanos ácerca da morte, mesmo de uma morte prematura, são injustos e ingratos.

— Tens razão, Magdalena, esta carta é admiravel. É bem mais eloquente e efficaz que a de Servio Sulpicio a Cícero por occasião da morte de sua filha. Dizer que o espectaculo das ruinas de cidades, outrora florescentes, deve suggerir-nos a resignação, porque nos ensinam a caducidade das coisas humanas, não é uma imagem oratoria. É uma consolação exterior; só nos toca indirectamente. Quanto, pelo contrario, jorra do nosso ser o pensamento exprimido por Longino sobre o reconhecimento que devemos á vida, por curta que seja! Como ha razão de dizer, que, em presença do nada os nossos pequenos desesperos são insensatos.

Estas palavras enlevavam Maria Magdalena. Entravam-lhe no coração como hospedes esperados ha muito tempo. Nunca nenhuma ceia se revestira de tão calma physionomia nem d'este cunho de dialogo philosophico. Quando os seus convidados se despediram d'ella, pediu a Silano noticias do Nazareno.

— Partiu ha alguns dias da casa de Simão Leproso. Hoje mesmo morreu o cunhado de Simão, Lazaro...

N'essa noite Magdalena dirigiu-se para o seu quarto n'um perfeito e benéfico socego de espirito, ao passo que Lucio Vero se impacientava de seguir, de vagar, a liteira de Silano. Dese-

jaria metter o seu cavallo a galope a fim de minorar a sua febre ardente ao vento da carreira nocturna.

Foi a ultima ceia de Maria de Magdala.

IV

Madame Belzebuth [1]

Hysterismo compromettedor

Luiz Gaufridy era, em 1610, vigario na egreja dos Accoules, de Marselha. Oriundo de míseros camponezes, apascentara gado na sua infancia. Aos dez annos, um tio, ecclesiastico, incumbiu-se da sua educação. Teve-o em casa durante algum tempo e mandou-o para Marselha afim de que terminasse as suas humanidades. Concluidos os estudos, Luiz Gaufridy recebe ordens. Após oito ou dez mezes de exercicio é collado. Os seus freguezes, e principalmente as suas freguezas, adoram-n'o. Os devotos austeros, com ciumes, olhavam-n'o de soslaio e insinuavam que gostava da boa carne, falava muito e apreciava os gracejos. A verdade é que o abbade Gaufridy possuia um temperamento jovial e organizava partidas. Os seus sermões, sempre sim-

---

(1) *Um grande processo de feitiçaria no seculo XVIII.*

ples e familiares, chamavam ao templo grande numero de ouvintes. A sua porta estava sempre aberta e o seu confessionario era muito frequentado. Bom homem e padre virtuoso, sem affectação e sem basofia, prodigalisava a todos, não sendo avultada a sua congrua, o unico bem que lhe era permittido — o dos bons conselhos e da sua palavra consoladora.

No numero dos seus parochianos contavam-se messire de Demandon de La Palud e sua mulher. Pertenciam á nobreza, gostavam de convivencia, embora não fossem ricos. Tinham-se affeiçoado ao abbade Gaufridy, que não só dirigia as consciencias de toda a casa, mas ainda era convidado para todos os jantares e festas da familia. Os La Palud tinham, entre outros filhos, Magdalena, que em 1603, aos dez annos, entrara para o convento das Ursulinas de Aix, raparigauita loura, franzina, nervosa, tímida, vaidosa em extremo e de uma devoção extravagante. No convento de Aix a superiora vira-se obrigada, mais de uma vez, a censurar e a acalmar a sua exaltação. Notara «muita hypocrisia no seu procedimento» e não approvava os arroubamentos e os extases com que se singularizava a pequena quando se encontrava em publico.

Após trez annos passados no mosteiro, Magdalena cáe gravemente doente. Restituem-n'a aos paes. Volta para Marselha. Um medico diagnostíca que a cachopa está atacada de phtisica e que morrerá da doença ao tombar das

folhas. O abbade Gaufridy, consultado pelos La Palud, opina de forma diversa. Com a sua franqueza, desassombrada e temeraria, declara alto e bom som que Magdalena se aborrecia no convento, que apenas soffre de melancolia, e assegura que, a seu ver, um marido, quando chegasse a edade propria, seria mais habil em curá-la que todos os medicos do mundo. O seu temperamento jovial emprehende a cura. Todos os dias vae a casa dos La Palud, assenta-se junto da enferma, reconforta-a, distraia-a, fá-la rir. Communicava-lhe a sua alegria de viver. Os bons cuidados, o sol brilhante, o ar puro das cercanías de Marselha acabam o milagre. Na primavera de 1607, quando perfaz os quatorze annos, Magdalena acha-se melhor que nunca, «mais bonita e mais gorda». Pede e obtem voltar para as Ursulinas.

Principia o drama.

Apenas regressa ao convento de Aix, a noviça mergulha n'uma melancolia profunda. O aborrecimento e a tristeza minam-n'a. Ao cabo de alguns mezes parece outra. Uma noite, na egrèja treme, n'uma forte convulsão. Foge. Corre pela rua. Grita que todos os diabos do inferno a perseguem. Tratam de a socegar. Um dia, porém, o mal augmenta. A desgraçada solta gritos que espantam todas as suas companheiras. Contorce-se em crises estupendas. Pede misericordia e supplica que a livrem das visões torturantes que a obsecam.

As boas religiosas, os medicos, os directores da communidade concordam de boa fé que aquillo é obra do «Espirito maligno». Experimenta-se o exorcismo. O resultado é medíocre. A doente continua terrivelmente nervosa e inquieta. Baqueia com frequencia, desmaiada. Resfólega ruidosamente e revira os olhos de forma estranha. Apertada com perguntas, solicitada affectuosamente para que se decida a confessar o que lhe atormenta o coração, revela que toda a sua desgraça provém de um padre de Marselha, do abbade Gaufridy, que, por diversas vezes, a dissuadiu de voltar ao convento, aconselhando-lhe a que tomasse marido e ameaçando-a com as peores catastrophes se se obstinasse na sua vocação religiosa.

Para a punir de não ter escutado as suas advertencias, o abbade, que era feiticeiro, desencadeara sobre ella uma legião de demonios. A desiquilibrada narra com minudencias precisas, que Gaufridy a constrangera a assignar com o seu sangue, uma cedula, pela qual se entregava a Satanaz, que desde então a mandava escoltar por um diabo vestido de verde, com cara de homem. Esse diabo chamava-se Verin. Trouxera com elle companheiros, nomeadamente Grésil e Sonnillon. Agora os demonios pullulavam n'ella. Tinham-se installado no seu corpo em numero de 6666.

Não se podia duvidar: Magdalena, como ella propria confessara, estava possessa. Era

preciso empregar os grandes remedios. Por desgraça, esses remedios eram peores que o mal. Conduzem a pobre rapariga á gruta de Sainte-Baume, depois a Saint-Maximin. Mandam vir de Sainte-Sauveur conegos que, dia e noite, psalmodeiam junto d'ella motetes e ladainhas. Sepultam-n'a n'uma crypta cheia de ossadas que se suppunham ser reliquias de piedosas entidades desconhecidas. Applicam cabeças de mortos sobre os hombros e sobre o peito da louca. Ella debate-se, rola pelo chão, berra de terror...

Ah! os demonios empolgam-n'a com furia. Confessa agora que era ella que, com doces palavras, tentara Adão e Eva. Não pretende suicidar-se enterrando um grande alfinete na orelha? Surprehendem-n'a outro dia quasi a cravar uma comprida faca no peito. Um pouco mais tarde diligencía extrangular-se. Accusa sempre Gaufridy, apregoando que elle ia buscá-la de noite e a conduzia ao Sabbat, onde via Lúcifer, Belzebuth, Asmodeu e inumeros personagens tão tristemente famosos com os quaes o abbade maldito mantinha íntima familiaridade.

Gaufridy, prevenido d'esta situação, affligia-se com o lamentavel estado da sua antiga penitente, mas não concebia nenhuma inquietação pessoal. Muito são de espirito, não acreditava nada em diabruras. Conscio da sua innocencia, ria de boa vontade ao saber que fôra emprehendida secretamente uma devassa ácerca do seu passado e dada uma busca aos seus

papeis para ahi se descobrir o pacto com o diabo assignado com o sangue de Magdalena. A pesquisa como é natural não deu nenhum resultado. O bispo, que o conhecia, defendia-o.

A bem com a sua consciencia, Gaufridy dirigiu-se tranquillamente a Aix, onde o mandara chamar messire Guilherme de Vair, primeiro presidente do Parlamento, a fim de elucidar a justiça, que tomara conta do caso. Um homem terrivel, o severo magistrado: rosto osseo e comprido, olhar desconfiado, barba negra e crescida cahindo sobre a murça de arminho. Não era um ninguem este magistrado, pois decorridos quatorze annos assumiu o logar de Guarda sellos de França e o de ministro de Luiz XIII. Mas ouvira as divagações de Magdalena e acreditava no diabo. Como não acreditar na mentira desenfreada, na maldade, na teimosia, na crueldade feroz d'esta rapariga de dezoito annos, cevando-se encarniçada e sem consciencia n'um innocente?

Logo que o abbade chega a Aix, enclausuram Gaufridy n'uma masmorra. Espreitam-n'o dia e noite. Dentro em poucos dias o abbade perde o bom humor. Torna-se taciturno, sombrío. Curva a cabeça. «Parece interessar-se muito por alguns bocados de palha que sahem da sua enxerga». Magdalena explica o facto: ao sabbade é de uso render homenagem a Belsebuth de duas palhas dispostas em cruz... Gaufridy chora.

—É uma comedia: os magicos não choram —insinúa a louca,—mas para simular innocencia, sabem que, apertando as fontes de uma certa maneira, provocam lagrimas ficticias.

É verdade. Todos notam. O feiticeiro tem quasi sempre a testa apoiada ás mãos. Sente-se abandonado de todos, amaldiçoado. Sobre elle pesam depoimentos esmagadores. Uma testemunha relata que o viu um certo dia, apanhado por um bode, que, com uma marrada o deitou ao chão. Outra attesta que durante mais de dois mezes, um grande gato cinzento saltava todos os dias do jardim para a casa do jantar, á hora precisa em que o abbade se assentava á mesa, e se collocava ao lado d'elle durante toda a refeição.

Gaufridy, após varias semanas de convivio íntimo com os ratos e roído pelos insectos, chega a perguntar a si proprio se não é realmente feiticeiro. Já não duvída quando os medicos examinando-o lhe encontram no corpo vestigios deixados pelo contacto do diabo. Perde a razão. Confessa tudo. Entregou-se ao diabo, obrigou Magdalena a assignar um pacto, levou-a ao Sabbat. Descreve pormenorisadamente cerimonias infernaes, narra orgias diabolicas. N'outros dias nega tudo, mas já estava escripto. Submettem-n'o á tortura. Com os membros esphacelados, offegante, Gaufridy é levado á praça dos Précheurs, içado até o cadafalso e queimado vivo.

O presidente de Vair solta Magdalena após

alguns mezes de prisão. A rapariga vagueia durante muito tempo pelas estradas da Provença, vae até Lyon, fixa-se em Carpentras. Espanta todos com as suas excentricidades. Mais tarde funda uma escola em Marselha. A gente do povo crê que, por onde ella passa, a acompanha a chuva, a saraiva e que um simples olhar seu destroe as searas. Embruxa as creanças, embrutece-as, fá-las coxas, corcundas, mudas, epilepticas. Vê-se obrigada a sahir de Marselha. Retira-se para Fontobscur.

Em 1652 — conta então sessenta annos — uma camponeza accusa-a de feitiçaria. Exorcismam-n'a. Sabe-se então que ella era a mulher do principe dos demonios. Condemnam-n'a a prisão perpetua. Perdoam-lhe ao cabo de dezoito mezes. Morre octogenaria em 1670.

A Providencia castigou-a bem.

V

A condessa de Cosel [1]

Ambição punida

N'uma certa noite de 1703, no velho palacio real de Dresde, um pequeno numero de ministros, de camaristas e outros altos dignitarios saxonios discutiam a importante questão de saber qual d'elles possuia a mais linda amante. Encontrava-se ali tambem Augusto II, eleitor da Saxonia e rei da Polonia, no aflorar da juventude. A sua presença não entravava de modo nenhum a liberdade da discussão. Toda a gente sabia que este principe, incomparavelmente dotado para todas as formas da vida galante, começava a fatigar-se da sua amante, a altiva e imponente princeza Lubomirska.

Os conselheiros e confidentes usuaes do juvenil monarca, do mesmo passo que o ajudavam

---

(1) A encarcerada de Stolpen, T. de Wyzewa.

a despejar um bonito numero de garrafas, descreviam e celebravam orgulhosamente os attractivos visiveis ou occultos das suas dispendiosas amantes. A conversa aquece, e, de subito o mais ébrio de todos, o barão Adolpho Magno de Hoym, envidando os maiores esforços para se conservar de pé, passeia pelo auditorio um olhar desdenhoso, e, com a lingua entaramelada, gagueja:

— Eu não tenho amante, mas possuo uma mulher de quem gosto tanto como a mais adoravel das amantes. É mil vezes mais digna de ser amada de que todas as creaturas de que falam.

Após o que, ante as gargalhadas incrédulas do auditorio, o barão de Hoym embrenha-se n'uma descripção minuciosa dos attractivos d'essa mulher cheia de maravilhas, que se gaba de possuir no seu palacio dos arrabaldes de Dresde, mas que ninguem lobrigara, de ha três annos que se casara, em qualquer parte do estrangeiro. O enthusiasta marido exalta a alvura delicada das suas carnes, os seus olhos rasgados de um negro profundo e avelludado, os magnificos cabellos pretos em que ella se compraz em se envolver da cabeça aos pés, a sua microscopica bôcca guarnecida dos mais lindos dentes que se possa imaginar. Alta e flexivel, o que não a impede de ostentar um peito de deusa, á nobre magestade do seu porte reune, por milagre, uma graça deliciosa e uma excepcional doçura feminina.

As gargalhadas do auditorio continuam e provocam sem cessar o barão de Hoym a novas revelações, cada vez mais indiscretas. Contrariado de proposito pelo rei da Polonia, o marido, com a obstinação dos ébrios, acaba por exclamar:

— Aposto mil ducados se a minha mulher não excede em belleza todas as suas amantes.

Logo um dos convivas, o principe de Furstenberg, se declara disposto a levantar o cartel, mas com a condição do rei se incumbir do papel de árbitro. O barão de Hoym, antes de ser levado para a cama, garatuja algumas palavras a sua mulher ordenando-lhe que venha ter com elle ao palacio.

Grande é o pasmo do barão e maior ainda o seu pesar, quando, ao abrir os olhos na manhan seguinte, vê sua mulher assentada ao pé d'elle. Desde o casamento resolvera não a mostrar a nenhum dos seus antigos collegas na côrte nem principalmente ao rei, de quem conhecia a cupidez amorosa. A esposa tão elogiada contava então vinte e quatro annos. Pertencia a uma velha familia do Holstein, ao serviço da Dinamarca. A morte prematura dos paes deixara-a n'um estado visinho da miseria, e sem dote.

O ciumento marido daria da melhor vontade o triplo do dinheiro apostado para poder mandar embora, sem detença, a esposa. Mas a etiqueta ordenava que apresentasse a baroneza na côrte. O rei Augusto apaixonara-se logo no momento

em que a placida e melancolica rainha Eberhardina lhe concede audiencia. Começa, naturalmente, por significar a Furstenberg, que deve considerar a sua aposta como perdida.

— Bem vejo que sou eu quem tem de pagar as despesas da orchestra ao som da qual V. M. vae dansar! — observa com timidez o cortezão, desejoso de provar ao soberano que comprehendera o significado verdadeiro do regio *veredictum*.

O monarca auctorizou logo, do seu bolsinho particular, o pagamento de uma somma dez vezes superior á da aposta. Em seguida inaugurou a sua campanha galante pela offerta de uma copiosa serie de presentes. Enviou-lhe dois tonneis de magnifico vinho de Tokay. As mattas da casa real deviam entregar-lhe por anno trinta carros de lenha, e como ella continuava surda e muda, offertou-lhe um dos parques mais sumptuosos dos arrabaldes de Dresde, o celebre Jardim Turco com o admiravel palacete annexo. Cada dia era um novo brinde.

A baroneza acabou por se dar por entendida. O rei da Polonia delirou de felicidade quando, uma noite, obteve d'ella a promessa de uma carta em que lhe indicaria a maneira como a poderia possuir.

O rei Augusto abandonava a sua amante princeza Lubomirska; annulava o casamento da baroneza com Hoym; compromettia-se por escripto a casar com ella no caso em que tivesse

a infelicidade de perder a rainha Eberhardina; concederia titulos e direitos principescos a todos os filhos que nascessem da sua ligação com a sua nova amante; seria officialmente proclamada «amante titular» do monarca e receberia por anno cem mil thalers.

O que mais custava ao soberano era ter de informar o seu caro e fiel Hoym da má partida que tencionava pregar-lhe. A baroneza, porém, offereceu-se para executar esta parte do programma. Uma bella manhan o barão Hoym vê entrar a esposa no seu gabinete de trabalho, muito sorridente e gentil. Assenta-se-lhe nos joelhos e declara-lhe:

— O nosso soberano manifestou-me a intenção de me tomar por amante. Não posso decentemente esquivar-me a semelhante honra. Trago-te a paz ou a guerra.

O barão queda-se como se sobre a cabeça tivesse desabado o tecto.

A virtuosa esposa, prosegue:

— Se condescendes com a ruptura do casamento, se és razoavel, não perdes a tua pasta de ministro e ficas com direito á minha grata amizade. Melhorarás muito com esta nova situação.

O desditoso Hoym depois de engulir em sêcco varias vezes, retruca:

— Peço dois dias para reflectir.

A baroneza para acabar de o decidir envia-lhe o seu collega conde de Vitzhum, a quem presenteara com uma caixa de rapé ornada com o

seu retrato. O marido cede ao cabo do terceiro dia. Pede para se afastar de Dresde durante alguns mezes antes de reoccupar o seu logar no ministerio. O rei brinda com vinte mil thalers o habil negociador, conde de Vitzhum.

No Tombo de Dresde ainda hoje se pode examinar o seguinte documento:

«Nós Frederico-Augusto, pela graça de Deus, rei da Polonia, principe eleitor da Saxonia, fazemos saber a todos os nossos leaes subditos o que se segue:

Attendendo a que o nosso consistorio eleitoral de Dresde separou inteiramente do seu precedente marido, o nosso conselheiro secreto em actividade e caro fiel servidor Adolpho Magnus, barão de Hoym, a nobilissima senhora Constança, condessa de Cosel, da familia Brockdorff, apraz-nos, por motivos sufficientemente valiosos e particulares, conformarmo-nos a exemplo dos reis de França e da Dinamarca, como ainda de outros soberanos da Europa, e unir a nós a dita condessa como nossa legitima esposa conjugal.

Nós lhe promettemos e queremos cumprir de a amar ternamente e de lhe ficar constantemente fiel» ....

Reconhecia n'esse documento os filhos naturaes e determinava que o seu herdeiro, á semelhança dos dois, tidos pelo principe eleitor da Saxonia, Frederico III, de Anna Weller, os reconhecesse egualmente após a sua morte.

Nunca uma favorita, nem a Montespan nem a Pompadour em França exerceram um poder tão plenamente real como Constança. Guardavam-lhe o seu palacio de Pillnitz dois postos de guarda e tinha á sua disposição a lenha, o sal

e os peixes das propriedades da corôa. A sua manutenção custava mais cara que um exercito. Reinava, promovendo ou exonerando os funccionarios que entendia, sem a adhesão official do rei Augusto, a fim de impôr aos vassallos d'este a sua firme vontade. Quando o rei Frederico IV, da Dinamarca, o antigo soberano da condessa de Cosel, visita em Dresde o rei da Polonia é «a amante titular» que desempenha o papel de Diana n'um cortejo mythologico, em que Augusto figura de Apollo. Muito longe, atraz d'ella, seguia modestamente a rainha Eberhardina trajada — talvez por ironia — de casta vestal.

Nenhuma das amantes de Augusto gosou durante tanto tempo do favor do seu principesco admirador. Pois cada uma das nações que governava, a Saxonia e a Polonia, primavam em lhe fornecer, cada uma por seu turno, a sua favorita. A princeza Lubomirska substituira Aurora de Koenigsmark, a quem succedera a baroneza de Hoym. O reinado d'esta dura de 1706 a 1716. N'este largo prazo o soberano saboreava de ora em quando outros affectos passageiros, mas era ás escondidas.

O demonio, porém, tece-as. Apesar do dictado que affirma que: «Nas mulheres, a arte de fazer-se amar, é a arte de defender-se», o acaso ou o destino mandou d'outra forma.

Em meados de 1716 o rei Augusto dirige-se a Varsovia só. A condessa de Cosel deve juntar-se-lhe algumas semanas depois. Os intriguis-

tas escolhem uma creaturita graciosa e tímida, que contrasta singularmente com a altivez imperiosa da «amante titular», Maria Magdalena de Doenhoff, filha do grande marechal conde Bielinski, para sua successora. Incumbem-n'a de desempenhar um papel um pouco semelhante ao da biblica Esther e á mãe d'este o do tio Mardocheu. Apresentada a Augusto, o monarca recusa-se a principio a imitar o exemplo de Assuero. O soberano impressionara-se com dois defeitos de Maria, de importancia capital para elle — tinha um ar virtuoso e dansava mal.

Mas se dansava mal, cantava bem. Sem ser conhecedor de musica, Augusto apreciava as arias amorosas, acompanhadas de um olhar timidamente apaixonado que lhe era dirigido. Pouco a pouco a voz de Maria de Doenhoff operou o prodigio que não conseguira realizar a sua physionomia. Como as circumstancias urgiam, a mulher do grão-marechal não tardou a dispensar o seu soberano da obrigação de ir passar os serões a sua casa. Era ella propria quem se julgou no dever de conduzir a filha ao palacio real.

N'uma noite, quando o rei entrava na sua camara, encontra ahi a pequena Maria debulhada em pranto. A afflicta rapariguita soubera que a condessa de Cosel rodava a caminho de Varsovia e receava que ella a matasse. Augusto recorre á mãe para a socegar, mas encontra a virtuosa matrona presa do mesmo receio. Emfim

tão diplomatica e habilmente procedem as duas que o soberano prohibe, por meio de um decreto, á «amante titular» que transponha as fronteiras do reino da Polonia.

O camarista Nicolau de Montargen, enviado ao encontro da condessa com um esquadrão da Guarda Real, commandado por outro francez, tenente-coronel de la Haye, precisa appellar para toda a sua energia para conseguir que a arrogante condessa volte para traz. Ella tenta mesmo seduzir, isoladamente, os dois dignitarios, mas não alcança os seus fins.

No seu regresso ao palacio de Pillnitz depara-se á condessa de Cosel a triste surpresa de vêr que, não só lhe tinham retirado as sentinelas collocadas ha dez annos ás portas da sua residencia, mas ainda que uma numerosa partida de operarios demolira á pressa, na sua ausencia, a galeria que até ahi ligava a moradia com uma habitação régia dos arrabaldes.

Na sua furia a valída despedida chama, primeiro, a Pillnitz umas feiticeiras, mas nenhuma consegue fornecer-lhe o philtro de amor que lhe pede. A falta de um meio de ataque directo contra o rei, a condessa de Cosel, resolve empregar pelo menos uma arma de defesa, que maneja com extrema pericia. Semelhante a Circe, que transformava em animaes os viajantes desembarcados na sua ilha, por duas ou trez vezes a formosa e juvenil mulher consegue metamorphosear em humildes e fervorosos apaixonados os

officiaes ou funccionarios que lhe são expedidos de Dresde afim de reclamar ou apprehender o famoso documento, tão imprudentemente redigido e assignado por Augusto.

O facto é que uma d'essas conquistas se epilogou com uma catastrophe tragica. O coronel de Thienen, chefe da casa militar do rei, domado e desarmado pela irresistivel sereia a quem o seu real amo encarregara de prender, provoca em duello um dos seus camaradas, o coronel de Rantzau — suspeito de ser hostil á condessa — e mata-o com um tiro de pistola. Correu até que foi a condessa de Cosel, em pessoa, que lhe serviu de padrinho, e que o adversario levara egualmente por testemunha a sua amante.

« Uma garrida é uma especie de saltimbanco que rufa o tambor e toca o cornetim e torna a rufar o tambor e a tocar para que acuda gente ».

A lucta torna-se manifestamente desegual para a antiga favorita. São dois reinos em peso contra ella só. Uma bella manhan os serviçaes do palacio de Pillnitz descortinam que a sua castellan desapparecera, não sem ter feito antes transportar para a Bohemia uma boa parte dos seus moveis e todas as suas joias. A condessa de Cosel refugia-se em Berlim, onde, com espantosa habilidade, consegue conquistar immediatamente a simpathia do rei da Prussia fazendo derrubar a sua carruagem pela calèche real.

Durante muito tempo o pae do grande Frederico recusa escutar as reclamações e instancias

do seu vizinho Augusto da Saxonia, que solicíta a entrega da sua ex-amante. Esta, julgava-se já perfeitamente segura de poder viver com tranquillidade nas terras do seu novo protector, quando Frederico recebe de Dresde uma proposta a que lhe era impossivel resistir. O seu gosto apaixonado pela alta estatura e corpo robusto dos soldados constituia uma tentação superior a tudo. Augusto offerecia-lhe restituir, em troca da condessa de Cosel, uma centena de soberbos soldados prussianos, desertores, refugiados nos seus Estados.

Presa pela policia prussiana a condessa de Cosel, conduzem-n'a a Leipzig e entregam-n'a a um official saxonio que, de terra em terra, e com o maior segredo, a leva e interna na fortaleza de Stolpen. Só viaja de noite, cuidadosamente occulta no fundo do coche.

O encarceramento da condessa de Cosel em Stolpen dura quarenta e oito annos: até á morte da pobre mulher, em 1765! Durante os primeiros annos, o rei da Polonia pretende por este meio constrangê-la a restituir-lhe o famoso documento, conservado por ella em sitio que nunca quiz revelar. Mais tarde depois da morte de Augusto II, o filho e successor d'este manteve-a na prisão por simples medida de prudencia, pensando que talvez a antiga amante de seu pae possuisse algum segredo publico ou privado que, d'esta maneira, não se arriscava a ser divulgado.

Um pouco antes da morte de Augusto II os guardas incumbidos da vigilancia da condessa, tinham obtido para ella a graça de um regimen menos rigoroso, por isso que a antiga baroneza de Hoym apresentava uma especie de cansaço ou de paralysia cerebral que a tornava inoffensiva. O soffrimento, o despeito e até a extrema energia combativa tinham acabado por despedaçar as molas d'esta alma de aço, a tal ponto que um singular torpôr começava a substituir n'ella a antiga febre.

Não anda muito longe da verdade a maxima que assegura que: «N'uma simples lagrima de mulher encontra-se com frequencia a honra de um homem e algumas vezes o destino de um povo».

Para terminar vejamos qual foi o fim do antigo protector e amante da condessa de Cosel, do feliz alvo do «gyro» feminino polono-saxonio, atraz citado. O destino ordenara egualmente que a sua longa vida galante tivesse um epílogo miseravel.

Já velho e gasto, mandara buscar e installara perto de si, a fim de a educar á sua vontade, uma filha natural que tivera outrora da mais linda taverneira franceza de Varsovia. Conforme testemunhos concordes, contemporâneos, nas vesperas da sua morte tomou por amante essa creatura.

É nos seus braços que morre, a 1 de fevereiro de 1733, o «Don Juan coroado» que, se-

gundo um biographo seu, á mingua de outra superioridade sobre os demais reis, se pode gabar, pelo menos, de «a exceder a todos pelo numero e diversidade dos seus livres amores».

VI

A Venus de Milo

Durante a conflagração o povo albanez, tão cioso e altivo da sua semi-independencia quando integrado no imperio osmanli, ruge de colera impotente ante a invasão successiva do que suppunha recessos inexpugnaveis da sua tão amada Albania; assiste attonito e confrangido á retirada mísera, dolorosa, tragica dos restos do exercito sérvio, que os alliados não conseguem amparar; contempla gemebundo ou indignado, a repetição das mesmas ferozes violencias, dos mesmos dramas selvagens, dos mesmos hediondos crimes, dos mesmos accessos e estupendamente degladiados prélios de, faz agora um seculo. Os gregos tomaram Janina aos turcos; os italianos arrancaram a formidavel cidadella de Ali pachá áquelles, para lh'a devolverem mais tarde.

Não existe no theatro grego ou shakspeariano figura melhor facetada nos bronzeos e clamorosos vasos da tragedia como a d'esse albanez, a quem os seus conterraneos denominaram *Arslan*, o «Leão», e a quem a lenda ainda hoje

attribue tão assombrosas faculdades de espirito e tão enraizados vicios de coração, que a Historia com as suas investigações pertinazes, effectuadas ao clarão fulgurante da authencidade, e implacavelmente armada com o acerado escalpello da philosophia, ainda não alcançou discriminar o romance imaginoso e chimerico, dos orientaes, da realidade evidente, vivída, com os seus prosaismos e manchas de contacto com o lôdo.

Abre os olhos pela primeira vez em Tepeleni, aldeola de escassos tugurios da Albania, perdida na aba dos alcantis da serra Keissura. Os seus antepassados fruiam o vinculo de bey na tríbu toski, a que pertenciam. Aos quatorze annos vê os chefes de uma tríbu visinha invadirem-lhe o territorio e assassinarem-lhe o pae, lobo com índole de cordeiro. Sua mãe, Khamko, typo lendario de amazona mythologica, caracter a resumar varonilidade no relampago dos olhos dardejantes, organiza uma quadrilha de bandoleiros refractarios ao medo e aos escrupulos de consciencia, inocula no filho a sua estupeficante altivez indomita, infiltra-lhe, segundo a segundo, á medida que lhe forma a intrepidez de um caracter, com poucos similares nas chronicas do Levante, a idéa de uma vingança retumbante e a integração, e ampliação da propriedade perdida.

Com narrativas dramaticas e outras tantas bailadas cavalheirescas, talvez sem base solida de veracidade, referem-se á sua juvenil educação

de chefe de bandidos serranos. O engenho ardilozo outorga-lhe simultaneamente o gozo da linda filha do bey da região e a posse de Tepeleni e de outras terras circumvisinhas. Intrépido, poderoso, desforça-se sem mercê de quantos o hostilizaram. Não tolerando quem o ensombre, espalha a tradicção que apunhalara o irmão e encarcerara a mãe sob o vago pretexto de uma mallograda tentativa de empeçonhamento. Entende-se com a Sublime Porta, investe com o rebelde pachá de Scútari, a quem desbarata e extermina. Inflinge a mesma sorte ao de Delvinon.

Sob o seu dominio estão agora todas as antigas terras de seu pae e outras mais extensas. Delegado do pachá da Rumelia, incumbido de reprimir o banditismo, desvia-o em seu proveito e locupleta-se com o producto dos roubos, das expoliações, dos resgates.

Os subornos com que tranquilliza algumas curiosidades incómmodas de Constantinopla abrem-lhe um vasto campo de liberdade e de acção. A guerra com a Russia, em 1785, eleva-o a pachá de Trikala, na Thessalia, com jurisdicção na Rumelia. Com os antigos salteadores improvisa um exercito. O quadrilheiro de hontem transforma-se n'um dos mais temidos visires do imperio ottomano. Ninguem respira sob o seu punho de ferro. Janina converte-se em senhorio seu. Dentro em pouco alarga o feudo a toda a Albania. Chefe prestigioso e habil, diplomata cheio de astucia, nenhum preconceito lhe estorva

a ambição. Discute, ungido, com o mais theólogo mollah os *suras* do Corão. Quando lhe convem, observa, contricto, as imposições textuaes do hebraico Talmud. Não hesita um momento, para maior gloria dos seus cubiçosos fins, no alegre convivio com os nazarenos, em «beber á saude da Virgem Santa».

Consegue á traição, aniquilar os christãos suliotas, vencedores ha um seculo dos exercitos turcos. Após a queda da republica de Veneza, serve e trahe, alternadamente, a França e a Inglaterra. Ao proprio Napoleão I não se lhe depara meio de corrigir os seus pérfidos aleives. Sonha rivalizar, na pirataria do Mediterraneo, com o bey de Argel. Republicano com Bonaparte, imperialista com o vencedor de Austerlitz, jingoista com os inglezes, obtem d'estes o porto de Parga. Exerce n'esta época o mando supremo e absoluto de toda a Albania, Epiro e Thessalia e de toda a Grecia de nordeste. Um dos seus filhos, Veli, é pachá da Moréa, outro, Muktar, de Lepanto. Pensa ainda alargar a sua acção dominadora ás ilhas Jonicas e á Dalmacia.

Attingira o fastigio do poder.

O sultão Mahmud II inicia a politica de cercear a influencia local dos pachás demasiado poderosos. Abre a lista o *Leão* de Janina. A opportunidade surge. Em 1820, Pacho bey, antigo official de Albi, agora ao serviço da Porta, é morto a tiro, no palacio do califa, dentro da sagrada Stambul, por ordem do déspota da Al-

bania. De Constantinopla intimam-n'o a apresentar-se n'essa cidade para se justificar. Recusa e prepara-se para resistir.

Khursid pachá, á frente de um numeroso exercito ottomano, assedia Janina. Durante perto de dois annos a sua defesa constitue o thema de uma moderna Odysséa. Com mais de oitenta annos, vendo desertar quasi todos os seus em redor de si, sem excluir os filhos, bate-se de forma a confirmar, em tão provecta edade, o honroso epítheto que conquistara em moço. Incendeia a cidade e recolhe-se á cidadella. Ahi, resiste de tal maneira, que só um tredo ardil o vence.

São innumeras as versões que correm ácêrca da sua morte. A menos popular affirma que Ali pachá acommettido com extrema furia, esmagado pelo numero, succumbiu. A mais verosimil assegura que ao *Leão,* tendo solicitado uma entrevista do seu adversario Karshid, depois de recebido com gentil cortezia, socegado e despedido com as maiores provas de affecto e promessas de capitulação honrosa, o assassinaram pelas costas, á sahida da barraca do grão-vizir. A mais disseminada quer que o heroico e feroz caudilho, attrahido a uma entrevista de amor, fora das muralhas da fortaleza, a um ilhote proximo de Janina, encantado bosquesinho de verdura, em meio de vimes e de multiplas plantas aquaticas — local de obrigatoria peregrinagem do excursionista — ahi se encontrasse com a mulher que

o devia entregar, n'uma vivenda occulta por um oceano de musgos e fetos, resguardado pelos cedros. Ainda hoje se sobe por uma escada carcomida e oscillante até ao primeiro andar, onde os guias mostram os buracos das balas, desfechadas pelos assassinos, de emboscada no rez do chão.

O primeiro somno do sultão, sem sobresaltos, profundo, proporcionou-lh'o a contemplação da cabeça cortada do pachá de Janina, envôlta em perfumes, dentro de um escrinio de madeiras raras. Poucas são as choupanas dos montanhezes gregos, que não ostentam nas paredes rusticas, entre outros *icones*, a imagem de Ali, com a sua veneranda barba branca, olhos negros, expressão benévola.

A litteratura da primeira metade do seculo XIX deve-lhe uma boa parte da sua fecunda e romantica producção.

*

* *

Para que não seja tudo tétrico n'este capitulo, falaremos um pouco na celebre Venus de Milo, d'essa gloria da Grecia, como Janina, a Albania e outros pontos constituem evocações da sua grandeza passada e das oppressões soffridas.

No inverno de 1820, um camponez de Castro, na ilha de Milo, uma das Cyclades, cava uma leira de terra que possue na aba de um monte. Chama-se Yongos Bottonis. Seu filho Antonio e um dos sobrinhos trabalham com elle,

quando a enxada de um desapparece por uma fenda pela qual se escôa o chão esboroado. Os trez lavradores, unindo os seus esforços, alargam a abertura e descobrem assim uma especie de cripta de alvenaria, onde penetram.

No fundo da gruta ergue-se uma forma branca, que pela primeira vez, ha dois mil annos talvez, recebe a caricia de um raio de luz. É uma estatua, maior que o natural. O busto apresenta-se nu; da cintura até os pés desce uma roupagem «segura por baixo das coxas com a mão direita, ao passo que o braço esquerdo se levanta meio encurvado, tendo na mão uma pequena esphera maior que uma maçan». Á direita e á esquerda da estatua estão collocadas duas pequenas figuras: «uma cabeça de mulher e uma cabeça de velho, de barba comprida».

Qual era a posição da Venus de Milo antes de ser privada dos seus braços? As supposições, as hypotheses, mais ou menos acceitaveis, são aos milhões. Uns asseguravam que a Venus victoriosa empunhava uma lança; outros presumiram que repellia pudicamente algum adorador que outrora se tivesse agrupado com ella; varios concordavam que era estropiada de nascença por desesperar o artista desconhecido, que a esculpira, de completar dignamente a sua obra. Foi Jean Aicard quem reduziu ás suas justas proporções todos esses devaneios e presumpções.

Bottonis não ignora quanto os estrangeiros, que visitam a ilha, apreciam o menor fragmento

de pedra antiga. Considera o achado valioso. Com receio de que lh'o tirem, resolve escondê-lo na sua cabana, situada a alguma distancia. A empresa é delicada e o marmore pesado. Ao examiná-lo, o camponez descobre que o marmore forma dois blocos, apostos um sobre o outro, e que será possivel transportar a parte superior, a menos pesada, a mais fraca, a mais preciosa. Tanto melhor, pois o braço esquerdo pode desligar-se facilmente do hombro ao qual está fixado por um espigão de ferro.

Bottonis, seu filho e sobrinho, emprehendem o labor. Logo que cahe a noite, pegam, com as suas mãos callosas, no tronco da bella estatua, supezam-n'o e levam-n'o, não sem esfôrço e sem baldões. Não devia ser um espectaculo banal vêr esses trez camponios, estrebuchando a cada passo no terreno fragoso, resfolegando, errando, praguejando e aguentando com toda a força dos seus braços retezados, metade da Venus, sacudida, vacilante e livida á debil claridade do luar. Emfim, entram na choça e pousam o precioso fardo no chão escuro pelos detrictos negros dos carneiros.

Decorridas algumas semanas, a 20 de abril, o lanchão francez *la Chevrette*, com rumo a Constantinopla, fundeia na ilha de Milo. A bordo encontram-se um primeiro tenente, de nome Matterer, e um juvenil guarda-marinha, Dumont D'Urville, que sentem pronunciada admiração pela Antiguidade e um gosto commum pelas

obras de arte. Informam-se e sabem que um aldeão descobrira recentemente uma bonita mulher de marmore e ascendem até ás ruinas da antiga Milos, a collina que domina o ancoradouro.

Depara-se-lhes ahi Bottonis, que lhes faz as honras da gruta, onde permanece, em pé, n'um soclo, a parte inferior da estatua; em seguida condú-los á cabana a fim de lhes mostrar o pedaço mais bello. Dumont d'Urville e Matterer extasiam-se moderadamente, como convém, mas no dia seguinte singram para Constantinopla, onde, apenas desembarcam, correm á embaixada de França e communicam ao marquez de Rivière a sua descoberta.

Taes coisas relatam ao embaixador, que este incumbe o seu primeiro secretario, M. de Marcellus, de se dirigir sem demora a Milo e de adquirir, por qualquer preço, a estatua tão gabada. Marcellus anda depressa, mas não experimenta inquietação. Bottonis promettera formalmente aos dois marinheiros esperar a sua resolução para vender o marmore. Passa um mez antes da escuna *Estafette*, commandada por M. Robert, e que transporta o secretario, sahir do porto de Constantinopla. Só a 23 de maio lança ferro na angra de Millo.

É tempo.

Do convez, Marcellus, observando a praia, enxerga um grupo de marinheiros gregos ou turcos que arrastam o que quer que seja branco...

É a Venus, atada, ligada, com cordas, amarrada a uma padiola, que, aos solavancos, se encaminha, por cima dos seixos, para um brigue com bandeira ottomana e que se apresta para a embarcar.

Que desapontamento!

O delegado do embaixador comprehende que admiravel estatua a França perde para sempre... Em circumstancias semelhantes o melhor é não reflectir. Marcellus em duas palavras pôe-se de accordo com o commandante Robert. Por ordem d'este, os marinheiros da *Estafette* saltam para um escaler. Á força de remos abicam a terra. Desembarcam. Á pancada, á cutilada, atacam os que transportam a Venus. Trava-se um combate em redor do marmore. Os turcos dispersam-se. Mas não voltarão com reforços?

Nada de perder tempo! Como a padiola se desconjuntou durante o conflicto, como a esplendida obra de arte fica, de esguelha, muito longe ainda da praia, empurram-n'a, transportam-n'a aos trambolhões. Cahe de costas. Desenrolam as cordas que a ligam, içam-n'a, puxam-n'a. Os seus hombros brancos ferem-se nas pedras angulosas. Os marinheros da *Estafette* não se importam com essa insignificancia! Tinham-lhes ordenado que levassem aquelle objecto e levam-n'o com um zêlo tão brutal como meritorio. Os pedaços que saltam são apanhados. Não se quer nada perdido. Álam tudo aquilo para bordo... A deusa vae para a coberta. Não tem braços, mas os fragmentos estão ali embrulhados n'um bocado de

lona. Um dia se ha de collar tudo isso. O essencial é ter a Venus.

Por infelicidade não vae inteira. Só ali está o tronco. A parte inferior embarcara já no brigue turco. Após dois dias de negociações, á força de ameaças, de eloquencia e de dinheiro, Marcellus consegue obtê-la. A Venus de Milo desembarca um mez depois em Marselha.

*

* *

Agora uma lenda, d'essa mesma mythologica e artistica Grecia, colhida e espirituosamente registada por J. G. (?)

Desde o dia em que, do alto das nuvens que o transportaram para o Olympo, Júpiter quisera dissipar a melancolia e acalmar o espirito do marido de Alcmene, Amphytrião arrastava uma existencia sombría. O seu bom humor, a sua alegria tinham fugido. A sua casa tão risonha, com o seu jardim de plátanos, de loureiros côr de rosa e de cyprestes, parecia-lhe tristissima. Depuzera as armas gloriosas, que lhe recordavam as derradeiras façanhas nas planicies da Beocia, e o regresso amargo, tão imprevisto, ao lar conjugal. Algumas veses Sosia, açacalava, cantando, o capacete, as cnemides e a couraça do heroe. Entregava-se com tanto mais empenho a essa occupação quanto adivinhara que não iria para a guerra. Amphytrião attribuia o jubilo do seu

servîçal á sua cobardia satisfeita, sem se recordar que o creado, na memoravel aventura, fôra melhor tratado que o amo. Mercurio dispensara-se de consolar Elcanthis da ausencia de Sosia.

Na realidade, Amphytrião só pensava em si proprio. Repassava instinctivamente o discurso de despedida de Júpiter, cujos termos exactos tentava evocar. Comprazia-se em rememorar a parte que lisonjeava o seu amor proprio.

—Para tocar o coração de Alcmene—monologa,—e triumphar da sua fidelidade e do seu pudor, o deus dos deuses, que conhece o meio seguro, em cada entrevista, de chegar aos seus fins, teve que se disfarçar de verdadeiro Amphitrião. Porque a despeito das palavras do meu escravo, o verdadeiro Amphytrião é o Amphytrião em qualquer parte que se encontre. Júpiter apresentou-se com o meu aspecto, com o meu corpo, com a minha voz, com tudo. Foi por isso que alcançou o seu objectivo. Em summa, Alcmene não me enganou, porque me enganou commigo mesmo.

Este raciocinio aproveitado de Júpiter, acalmava o amor proprio muito acicatado do guerreiro.

Os seus effeitos benéficos não duraram muito. As suggestões da sua sensibilidade eram mais fortes. Lancinavam-n'o como um mal acerbo e incuravel. Toda a sua carne se revoltava com as imagens que se fixavam e se preci-

savam no seu espirito. Sentia-se então presa de uma raiva impotente e de um desgosto infindo. Por ser celeste a sua desgraça não era por isso menos irreparavel. N'estes momentos de desespero, a sua cabeça, como sollicitada pelo peso de uma invisivel corôa, pendia tristemente.

— Thebas — murmurava — conhece o meu infortunio. Júpiter não falou a sós commigo. Os meus capitães ouviram as suas palavras, e esse velhaco de Sosia, que não é surdo,nã o perdeu uma unica. Talvez me invejem, mas com certesa mofam demim. Passava muito bem sem a distincção de que minha mulher foi o divino objectivo.

Com respeito a Alcmene, Amphytrião adoptara, a principio, uma attitude cheia de reserva. A conducta de seu marido inquietava Alcmene. E' certo que, quando se encontrava na sua presença, mostrava-se galante, attencioso, mas não excedia certos limites. Não havia já entre os dois a intimidade de outrora. Uma força irresistivel detinha Amphytrião e um pudor receoso impedia Alcmene de perguntar a seu marido a razão d'esta attitude. Durante o período que se seguiu á demorada visita nocturna, a encantadora esposa do general thibetano ignorava a intervenção da divindade. E esta ignorancia desconcertava seu marido. Reforçando os motivos que pareciam paralysar a sua vontade, Alcmene enlanguescia. Não ostentava a fronte radiante de uma conquista do Olympo. Tinha o ar da mais abandonada das gregas.

Mas um dia Amphytrião comprehendeu pelos olhares e por algumas palavras de sua mulher que ella sabia tudo. Clantis não pudera refrear a lingua. Falara. N'esse dia, Amphytrião, aproveitando o ensejo de sahir por fim de um silencio, que o torturava, não se cansou de interrogar a involuntaria e innocente infiel. Quiz saber todas as circumstancias, todas as minudencias da fatal traição. Ruborizada, Alcmene apresentou farrapos de segredo, mas dir-se-hia que Amphytrião com mão impaciente queria arrancar todos os véos. Da sua circumspecção distante saltou para uma indiscreção insaciavel. Agitava-o um extremo e amoroso furor. Não levou mais longe o interrogatorio. Alcmene encontrara o mais apaixonado dos amantes — julgou que Júpiter sahira de novo do Olympo.

Amphytrião, após estes transportes maravilhosos, que tinham a mesma causa e o mesmo curso, recahia na sua profunda tristeza. Perdera para sempre o seu bello equilibrio. Não tardou a patentear menos ardor. Emmagrecia e a sua coragem abandonava-o. Aborreciam-n'o as occupações e as distracções que outrora amenizavam a sua vida.

Decorreu uma temporada.

N'uma tarde de primavera, quando Amphytrião andava no seu jardim a mondar arvores, descobre perto de um loureiro copado uma forma imponente de mulher magnifica. Dirigiu-se a ella:

— Socega, mortal infeliz — disse a appari-

ção. — Não te quero fazer mal. Venho para que te vingues das injurias de Júpiter. Proponho-te uma brilhante desforra. Sou Juno. Fomos trahidos ambos pelo mesmo homem: Júpiter para nós é apenas um libidinoso sem escrupulos. E' preciso ferí-lo a elle e a seu filho.

Juno, inebriada pela tarde deliciosa da primavera terrestre, depressa venceu a timidez respeitosa de Amphytrião.

— A tua belleza eguala-te aos deuses — declara-lhe Juno, — visto como o teu soberano não julgou indigno tomar o teu mortal invólucro. Foste Júpiter por sua vontade, podes tornar a sê-lo por minha.

Amphytrião não estava ainda muito socegado. Ao despedir-se, Juno dirigiu-lhe as seguintes palavras.

— Volta para casa. Vaes encontrar Hercules asphixiado por duas serpentes que mandei para o seu berço. O filho da longa noite deixou de existir.

Amphytrião encaminha-se apressado para casa. Havia uma animação extraordinaria. Os escravos corriam aturdidos. Alcmene appareceu offegante, alegre, e exclamou:

— E' o pequeno que acaba de esmagar duas serpentes temiveis. Esta creança é um prodigio. Tem futuro!

— Juno não vale muito — monologou Amphytrião. — Na verdade, tenho pouca sorte com as mulheres!

VII

Pergaminhos de uma costureira

O Grande Exercito deixara, na tragica retirada de 1813, grande numero dos seus membros, na Russia. O pae de Paulina Gueuble, official francez, pertencia a esse numero. Sua mãe, enviuvando, sem meios, educara-a «nos principios da dignidade e da honra». A falta de recursos levou Paulina a ser costureira n'uma elegante casa de modas de S. Petersburgo. N'um certo dia de 1823 uma carruagem puxada por quatro cavallos pára em frente do armazem. Apeam-se do vehiculo duas meninas, um brilhante tenente da guarda do tsar e uma dama dos seus quarenta e cinco annos. As senhoras entreteem-se a escolher rendas e chapéos. O official absorve-se na contemplação de Paulina que, com um ar gracil, apresenta ás clientes tudo quanto o estabelecimento possue de mais novo. Terminadas as compras, a dama dá a sua direcção: «Condessa Annenkoff, canal da Fontalka.

No dia seguinte o tenente volta só. A pre-

texto de apressar a remessa da encommenda dirige-se á gentil caixeira, conversa com ella e retira-se. Esta, á noite, recebe um bilhete assignado: *Conde Aleixo Annenkoff*. O desempenado official offerece o seu coração. A declaração está bem redigida. Paulina, comtudo, queima a carta e não responde. No dia seguinte nova visita do conde Aleixo. Desejava, diz, offerecer a sua mãe e a suas irmans toucas de renda e pedia á empregada que escolhesse ella segundo o seu gosto. A modista, allegando um caso urgente, retira-se para o primeiro andar do estabelecimento. Antes do fim do dia entregam-lhe uma segunda carta mais supplice e mais inflammada que a primeira. No dia seguinte novo bilhete que a ajuizada Paulina inutiliza como os precedentes. O theor d'este ultimo, todavia, impressionara-a. O conde Aleixo declarava n'elle que estava resolvido, se o seu amor não era acceite, a solicitar do imperador uma licença illimitada e a retirar-se para Moscovo com sua familia.

Paulina julgava que não tornaria a ouvir falar d'elle quando, decorridas seis semanas, recebe uma comprida declaração, datada realmente de Moscovo. O apaixonado expunha que desgostoso da vida, velho aos vinte e trez annos, cansado de tudo, deliberara tomar um compromisso insensato que lhe encadearia o futuro e poria os seus dias em grande risco. Se Paulina consentisse em o amar, ficaria livre e guardar-

se-hia para ella. Ainda d'esta vez a empregada deixa a carta sem resposta.

Passam quatro mezes quando lhe chega uma derradeira missiva carimbada pelo correio de Petersburgo. Aleixo participava que, louco de um amor sem esperança, dispusera da sua vida. Só Paulina podia suavizar os seus ultimos instantes. Esta incansavel persistencia, o tom mysterioso d'estes bilhetes decidem a francesita a quebrar o seu silencio. Escreve ao esbraseado tenente algumas linhas saturadas de respeitosa gratidão, mas protesta que não o ama e que não o amará nunca.

D'ahi a algum tempo celebram-se as festas do Anno Bom. Conforme o uso de então, o tsar Alexandre recebe no seu palacio de Inverno, todo o seu povo. Vinte e cinco mil bilhetes de convite são distribuidos por assim dizer ao acaso, nas ruas da capital. Paulina e as suas companheiras arranjam alguns e vão juntas á côrte. Ei-las nos amplos salões dourados. A affluencia é tão compacta que lhes custa a permanecerem ali. Veem abrirem-se alas, apparecer o imperador, seguido de todos os seus dignitarios. Atravessa a multidão que se precipita atraz d'elle. Ha encontrões, apertos, com fluxo e refluxo. Uma onda separa Paulina das collegas. Aturdida, levada pelos empuxões, impellem-n'a através dos aposentos imperiaes. Desespera-se e apavora-se. De subito um official da Guarda corre para ella, detem os grupos que a com-

primem e offerece-lhe o braço. É—pois quem havia de ser?—É o conde Aleixo Annenkoff. Agarra-se a este salvador inesperado, supplica-lhe que a conduza até á sahida e que lhe mande chamar um trem de praça. Não é possivel. As visinhanças do palacio estão ainda mais atulhadas que os salões.

Aleixo offerece o seu trenó que o aguarda na praça do Almirantado. Paulina recusa. O official insiste. A francesita cede por fim com a condição de que ella irá só. O galante conde consente. Acompanha-a até ao vehiculo. Installa-a por baixo de quentes e fôfas pelles, beija-lhe a mão e fecha a portinhola. Paulina indica ao cocheiro a direcção do seu estabelecimento. Os cavallos trotam na noite argentea e páram logo.

A francesita apeia-se. Mal toca com os pés na neve percebe que um chale lhe cobre o semblante e se lhe enrola na cabeça. Solta um grito, sente que dois braços vigorosos a levam, ouve uma porta que se fecha atraz d'ella e perde os sentidos. Quando volta a si está estendida n'um divan, n'uma sala tépida e mobilada com luxo.

O conde Aleixo está a seus pés.

Representa-se a grande e inevitavel scena de amor. A honesta costureira indigna-se da traição de que é victima, censura ao nobre official a sua felonia. Exige que a conduzam immediatamente a sua casa. O tenente implora, soluça, argumenta com a sua mocidade arruinada, expõe o seu tédio, descreve a sua melancolia doentia e

como pensou, desde que a viu, encontrar n'ella a consoladora, a amiga benevolente.

Desdenhado, entrou — para se distrahir e acabar com tudo — n'uma conspiração contra o tsar. Jurou matar o déspota e só espera a ordem dada pelos seus cumplices. Quiz assegurar a sorte de Paulina. E, tirando de um cofre um papel sobrescriptado, lê á joven o seu testamento pelo qual lhe lega toda a sua riqueza — trinta mil rublos de renda. Agora está cansado da lucta. Certo de que o enforcarão, se cumpre o seu fatal juramento, prefere suicidar-se. Paulina está livre. Pode ir-se embora, mas jura que apenas ella transpuzer a porta, fará saltar os miolos.

Emquanto Aleixo falava com uma sinceridade insuspeita, Paulina descobre que o tenente é um lindo rapaz, pensa que conta apenas vinte e quatro annos, lembra-se da mãe d'elle e das irmans a quem vê debruçadas, lavadas em pranto, junto d'esse homem exaltado pelo amor e cuja vida está entre as suas mãos. Sente o coração fraquejar... Paulina fica.

Seguem-se dois annos de perfeita felicidade. Aleixo parece ter-se esquecido da conjura em que se filiara por aversão á vida. Comprara, para Paulina, um estabelecimento afreguezado, de que se tornou dona. Aleixo associara-a á sua existencia de distracções intellectuaes e de festas incessantes. Esta felicidade dura, sem nuvens, até o inverno de 1825, anno em que se espalha por S. Petersburgo a morte do tsar Alexandre e

a da imperatriz sua mulher, fallecidos ambos no Cáucaso, com poucos dias de intervallo.

Desde esse momento o genio de Aleixo Annenkoff torna-se sombrío. O apaixonado tenente anda apprehensivo. Só responde com phrases evasivas ás perguntas da amante. Os conspiradores com quem tão imprudentemente se colligara, quando aborrecia a existencia, acabam de lhe recordar o seu temerario e solemne juramento. Julgavam propicia a hora de approveitar a mudança de reinado para derrubar o imperio, apoderar-se do novo tsar Nicolau e proclamar a Republica.

Paulina conhece a catástrophe no mesmo dia em que as tropas rebeldes atacam o palacio do imperador. A Annenkoff, preso com os seus cumplices, encerram-n'o n'uma fortaleza. O castigo não era duvidoso. Todos os conspiradores seriam enforcados. Á desditosa Paulina acode uma inspiração desesperada. Como no dia seguinte ao da rebeldia, o tsar Nicolau percorre as ruas da cidade, sem sequito e sem escolta, aguarda a sua passagem na Perspectiva e, tendo na mão um papel no qual escrevera: «Perdão para o conde Annenkoff!», ajoelha-se na rua com risco de ser atropellada pelos cavallos. Surprehendido, o cocheiro do trenó imperial sustém a parelha. O tsar pega no papel, abre-o e procura em vão a assignatura.

—¡E' sua irman?—pergunta o imperador.

Paulina faz com a cabeça um gesto negativo: os soluços embargam-lhe a voz.

—E' sua mulher?

A franceza esboça um novo movimento de negação.

—Mas então quem é?—inquere o autócrata com um meneio de impaciencia.

—Ai! ai! Dentro de sete mezes, senhor, serei a mãe de seu filho.

—Pobre rapariga!—exclama o tsar.

Os cavallos partem a galope. Paulina regressa a casa louca de dôr. Decorrem semanas, mezes de incessantes angustias. Tem de se esperar até ao fim do verão para conhecer o «veredictum» do conselho de guerra. E' implacavel. Trinta e seis dos conjurados devem soffrer a pena ultima. Annenkoff entra n'esse numero. Mas quasi logo espalha-se o boato de que Sua Magestade commuta a quasi todos a pena n'uma deportação perpetua no fundo da Siberia. A clemencia imperial attinge o conde Aleixo.

Soffre como os demais a exautoração. Lançam a uma fogueira, na frente dos condemnados, as insignias dos seus postos e as suas condecorações. Quebram-lhes as espadas. Lêem-lhes a sentença que os separa para sempre do mundo e lhes tira a jerarchia, familia, titulos e bens. Vestem-lhes uma samarra de sarapilheira cinzenta e o lúgubre prestito põe-se no dia seguinte a caminho para o exilio eterno.

Paulina prepara a sua partida. Resolve

acompanhar aquelle que ama. Acaba de ser mãe. O inverno cahe rigorosissimo e não possue recursos para emprehender a interminavel viagem. Os seus amigos dissuadem-n'a d'esse projecto insensato. No entanto arranja um passaporte e está prompta para se pôr a caminho quando, uma noite, lhe annunciam um ajudante de campo do tsar, que lhe entrega uma carta de audiencia de Sua Magestade para o dia immediato. A' hora fixada dirige-se, muito trémula, ao palacio de Inverno. Introduzem-n'a no gabinete imperial onde só espera dez minutos. Sente-se morrer. Finalmente ouvem-se passadas. Apparece o tsar Nicolau. Paulina cahe de joelhos, de mãos postas. O imperador ergue-a.

— E' a segunda vez que a encontro, e de ambas as vezes de joelhos. Levante-se, peço-lhe.

— Oh! é que de cada vez, senhor, tenho uma graça a pedir-vos; da primeira vez era a sua vida; d'esta vez é a minha.

— ... Quer ir ter com elle, disseram-me... No meio de tudo nem é sua irman, nem sua mulher.

— Sou a sua companheira e elle deve ter necessidade de uma companheira.

— Sabe que foi exilado por toda a vida... para além de Tobolsk... isto é para uma terra onde ha apenas quatro mezes de sol e de verdura, onde todo o resto do anno é neve e gelo?

— Sei muito bem, senhor.

—Sabe que elle não tem nem jerarchia, nem bens, nem titulos a partilhar comsigo e que é mais pobre que o mendigo a quem deu esmola ha boccado quando vinha para o palacio?

—Sei muito bem, senhor.

—Tem, sem duvida, algum dinheiro, alguns recursos, alguma esperança?

—... Não tenho nada, senhor... Vendendo quanto me resta a custo posso reunir algumas centenas de rublos.

—Pensou nas difficuldades materiaes de uma semelhante viagem? Por onde conta ir?

—Por Moscovo, senhor.

—E depois?

—Depois, não sei. Perguntarei.

O imperador desdobra em cima de uma meza uma carta do seu immenso imperio.

—Aqui está Moscovo. Até aqui tudo vae bem. Aqui está Perm. Depois de Perm veem os montes Evral, isto é o fim da Europa... Não pode contar com coisa nenhuma. Olhe as aldeias, veja as suas distancias; repare para os rios, meça a sua largura. No percurso não ha hospedarias; nem pontes sobre os rios... É impossivel, está louca.

—... Partirei amanhan, senhor.

—E se succumbe na jornada?

—Se eu succumbir, senhor, Aleixo ignorará sempre que eu morri quando me ia juntar a elle... Perderá uma amante, isto é uma mulher a quem a sociedade não concede nenhum direito

e que deve ser grata ao mundo quando o mundo só lhe vota indifferença. Se eu chegar até elle, senhor, serei tudo para elle, mãe, irman, familia. Seremos dois a soffrer e cada um de nós só soffrerá metade do exilio. Vossa Magestade bem vê que é precizo que eu me junte a elle...

Estas historias, em paizes de governo autocratico, terminam sempre como os contos de fadas. Pelo menos é o que affima M.me A. Flori no seu emocionante livro intitulado: **Paulina Gueuble**; *narrativa das suas aventuras na Russia e na Siberia.*

N'essa mesma noite era entregue á modista franceza, da parte da imperatriz, um cofresito com trinta mil rublos. No dia seguinte estacionava á sua porta uma das melhores carruagens da côrte, guarnecida de esplendidas pelles. Na bolêa assentava-se um sargento incumbido de acompanhar Paulina á Siberia e de a apresentar em toda a parte como uma enviada do imperador. É assim que realiza a viagem.

Mais tarde converte-se em condessa Annenkoff. Depois de chegada a Tobolks consorcia-se com o seu caro exilado que, indultado mais tarde, regressa com sua mulher a S. Petersburgo, e readquire a sua jerarchia, a sua riqueza e o seu titulo.

Eis como uma honesta e dedicada costureirita conquista pergaminhos da mais alta nobreza —a social e a do coração.

VIII

A disciplina e o amor

No verão de 1836 annuncia-se que M.^mê Eléonore Brault vae dar um concerto.

Mme Brault era uma artista nova, celebre n'essa época tanto pela sua formosura como pelo seu talento de cantora. Parisiense de nascimento, filha de um capitão do Grande Exercito, educada pelas irmans da Congregação da rua de Sèvres em Paris, entrara para o Conservatorio e obtivera ali, no dizer de um dos seus admiradores, *«o grand prix»*. Se se acreditar no mesmo apologista, merecera esse «*grand prix*». A voz de Eléonore, contralto de uma prodigiosa extensão, dotara-a a natureza de uma facilidade, uma flexibilidade e uma pureza milagrosas. Apenas se libertara do concurso, a laureada principiara a correr a Europa, encantando os *dilettanti* de todas as nações. Milão, Veneza, Londres, Paris, Napoles, Florença applaudiram e admiraram successivamente a sua beleza offuscante.

Dispunha de um encanto dominador. O panegyrista acima citado multiplica os epíthetos

raros e as imagens rebuscadas. D'este esforço resulta o seguinte assombroso retracto: «Alta, esvelta, admiravelmente moldada nas suas proporções, cabelleira abundante e pura que lhe emmoldura o rosto como uma aureola de azeviche... Testa ampla que offerece o cunho do estudo e do talento; olhos rasgados com fulgurações de chamma, velados por compridos cilios... Olhar magico onde ha paixão, onde ha delirio... Delgada como uma palmeira nova, semelhante á amazona guerreira... Busto de rainha, digno de inspirar o génio creador de Praxiteles e de Phidias... A bocca desenhada pelo pincel de Greuze...»

Ha ainda mais, mas esses traços bastam para indicar que Eléonore não podia de forma nenhuma passar despercebida. Note-se que não é um apaixonado que fala.

Que escreveria se o fosse?!

Esta mulher extraordinaria inspirara, como é facil de acreditar, numerosas paixões. Um dos seus adoradores, mais sympatico ou mais destro que os outros, conseguira abrandar esse coração altivo e casara com a incomparavel artista. O feliz homem, nascera em Inglaterra e chamava-se Gordon Archer. Por fatalidade não gosou durante muito tempo da sua ventura. Finou-se —de dita com certeza—antes que Eléonore chegasse aos vinte e oito annos. Era, pelo menos, a edade confessada por ella em 1836, ao apparecer em Strasburgo. Enviuvara e recuperara, portanto, a liberdade havia alguns mezes.

A sua reputação, mais ainda que o seu talento de cantora, grangeou-lhe a estima publica. Admittiram-n'a as melhores casas da cidade. Recebeu até convite para um sarau em casa do general Voirol, commandante da divisão e grande official da Legião de Honra. Depararam-se-lhe ali muitos militares, o que não lhe metteu medo, e entre outros o coronel Vaudrey, que commandava o 4 de artilharia, aquartelado em Strasburgo, no bairro de Austerlitz.

Vaudrey orçava pelos cincoenta e dois annos. Era um antigo do Grande Exercito. Entrara em todas as campanhas de 1806 a 1814 e portara-se sempre com valentia. Reformado temporariamente na época da Restauração, nunca perdoara esta injustiça ao ramo primogenito dos Bourbons. O ramo mais novo não lhe merecia mais sympathia, embora Luiz Filippe, apenas rei, lhe confiasse um regimento. Vaudrey era d'estes *grognards* cujos olhos se humedeciam de lagrimas quando se pronunciava o nome do Imperador. Ora a linda cantora era egualmente uma fervorosa admiradora do grande homem. Ainda creança, como ella contava com lyrismo «seu pae embalara-a com as narrativas de conquistas que todos os dias assignalavam o vôo da aguia».

Napoleão era para ella «o primeiro amor que só se extingue com a vida» e ella presumia «dever os seus dias ao heroe que subjugara a sua alma». Nem tanto era preciso para que o

coronel Vaudrey, embora casado, se deixasse fascinar perdidamente pelos encantos de Eléonore. Nem todos os dias se encontra uma mulher feita simultaneamente como uma palmeira e como uma amazona guerreira. A novidade seduziu o bravo militar. Balzac descreve com o seu extraordinario poder de evocação essas terriveis paixões que perturbam e assolam o coração do homem nas visinhanças dos cincoenta. Vaudrey deixou-se empolgar por uma d'essas paixões. Convem dizer, em seu abono, que a amazona lançou mão de todos os meios para o inflammar, e quando adquiriu a certeza que o incendio lavrava intensamente no coração do pobre homem, partiu para Baden onde o coronel, deslumbrado com a sua victoria, a seguiu sem demora.

A leviandade não determinaria consequencias de maior,—pois n'esse tempo Strasburgo communicava quotidianamente com Baden,—se Eléonore, apenas se apanhou n'esta ultima cidade, não decidisse o seu apaixonado a apresentar-se em casa do sobrinho do Imperador, o principe Luiz Bonaparte, então residente na Floresta Negra. O principe exilado fala ao coronel «da grandeza do Imperio». Revela-lhe que muita gente em França, muitos officiaes sobretudo, tinham saudades dos annos de gloria e soffriam do abaixamento actual. Contava, affirmou, com um grande numero de partidarios nas guarnições de léste e se passasse a fronteira, estava certo de um acolhimento enthu-

siasta. A sua subita repercussão derrubaria o throno oscilante de Luiz Filippe e asseguraria o restabelecimento acclamado da dynastia imperial.

Estas insidiosas confidencias cahiam n'um coração perfeitamente disposto para as acolher. O pobre Vaudrey tremia de felicidade com a idéa que, talvez, estivesse proximo o dia em que desfilaria, á frente do seu regimento, ao brado de «viva o Imperador!». Não pensava ainda em esquecer os seus deveres a ponto de abrir as portas de Strasburgo ao sobrinho de Napoleão, mas a sereia, que cada vez mais o enlouquecia com as suas garridices, incumbiu-se de o decidir a dar este passo. Porque, para falar a verdade, ella não o prendera a si senão para obter esse resultado. Nunca mais o largou.

Desde esse dia o drama torna-se pungente. É medonha a lucta travada no peito d'este velho soldado, entre a sua honra sem mancha e a feiticeira que o avassala e domina. Eléonore volta com o coronel a Strasburgo, acompanha-o até Dijon, quando Vaudrey vae passar, na terra, a sua licença annual. Pratíca toda a arte de carinhos, de blandicias, de seducções e conduz por fim o militar, vencido e encadeado, a Friburgo-em-Brisgau, onde se encontra novamente com o principe proscripto, resolvido a transpôr a fronteira e a tentar o golpe. Fixa-se o dia, a hora em que Vaudrey lhe entregará o regimento. Esta defecção, pela qual responde o coronel, assegurar-lhe-ha o exito da conjura.

A tentativa de Luiz Napoleão é largamente descripta por G. Delahache na: **Insurrection de Strasbourg,** *30 octobre 1836.* É essa obra que se segue aqui, passo a passo, em resumo.

A 28 de outubro, ás onze da noite, aquelle que mais tarde deveria ser o imperador Napoleão III, entra pela porta de Austerlitz. Aloja-se na hospedaria de la Fleur onde deixa a carruagem. D'ali dirige-se á rua de la Fontaine, onde passa a noite. Encaminha-se depois para a casa do caes Turckheim, habitada por Persigny, onde os conspiradores realizam um conselho. De lá transitam para a rua dos Orphelins, onde se reunem e onde aguardam o signal dado por Vaudrey. Basta atravessar a rua. O quartel de Austerlitz, onde se acaserna o 4 de artilharia, fica mesmo defronte. Espectativa febril e que parece longuissima.

O principe redige as suas proclamações ao exercito e ao povo e veste um uniforme de official de artilharia. Um dos seus fieis apresenta a aguia que fôra do 7 de infantaria, a aguia de La Bedoyère, e todos a apertam carinhosamente de encontro ao coração. Apesar das precauções, a reunião sobresalta os inquilinos dos andares superiores. Ha um alarde curto. Abrem-se diversas janellas e debruçam-se sobre a rua semblantes inquietos. Os conspiradores calam-se e a calma restabelece-se. Finalmente, quando rompe o dia, o clarim do quartel de Austerlitz toca a

alvorada. É a hora. É preciso agir. O principe e os seus amigos atravessam a rua e penetram na entrada do quartel. O regimento, de pequeno uniforme, forma em linha. O coronel Vaudrey desembainha a espada, participa que se realiza uma grande revolução, apresenta aos seus subordinados o sobrinho do imperador, e exclama:

— Soldados de artilharia 4, o vosso coronel respondeu por vós; repeti com elle: «Viva Napoleão! Viva o imperador!».

Resôa uma immensa acclamação. O principe empunha a aguia e agita-a. Pronuncia algumas palavras enthusiasticas e commanda:

— Quatro á direita; ordinario, marche!

E coloca-se á frente do regimento, que se põe em marcha, ao som da musica, n'um turbilhão de neve, pela rua dos Orphelins.

Fóra da grade, que fecha a parada do quartel, com a physionomia anciosa encostada ás barras, uma mulher segue todas as peripecias. É Eléonore Brault, a Egeria da conspiração. Vê o regimento formar, ouve a voz do coronel Vaudrey, as acclamações da tropa saudando a aguia de novo triumphante. O seu papel estava representado. O velho militar, arrastado por ella, cumprira a sua promessa. Enternecida com esta victoria da sua belleza, «commovida até as lagrimas» ajoelha na lama da praça, quando o regimento se afasta em direcção da cidade, subitamente desperta e já vibrante com o apparecimento do guião imperial.

A tentativa mallogra-se, como é sabido, decorrida menos de meia hora, no quartel da Finckmatt, ante a resistencia do 46 de infantaria. Vaudrey vê-se perdido. O seu primeiro pensamento é para Eléonore. Envia-lhe um sargento, conjurando-a a refugiar-se o mais depressa possivel na rua de la Fontaine, n.º 17. Ella encontra ahi Persigny, sabedor já da derrota e desesperado. Eléonore, mais senhora de si, atira para o fogão com todos os papeis da conjura. De subito batem com violencia á porta. É o commissario de policia, os seus agentes e quatro gendarmes, que intimam:

—Em nome da lei, abra!

Invadem a casa. Dois homens agarram Persigny, dois outros approximam-se de Eléonore, mas hesitam em levantar a mão para ella, de tal forma a exaltação a torna imponente e formosa. Ella exclama:

—Persigny, o meu frasco! Não posso mais, suffoco!

Afigura-se a todos que ella vai morrer. O mancebo ergue os olhos para Eléonore. Com um olhar ella designa-lhe uma porta entreaberta. Por traz d'esta porta ha uma janella que deita para o pateo. Elle comprehende-a, mas dois braços vigorosos conservam-n'o impotente. Então Eléonore lança-se sobre um dos gendarmes, que, surprehendido com este subito ataque, larga a presa. Persigny aproveita-se d'isso, empurra os seus guardas, corre para a janella, salta para o

pateo, alcança o caes, perde-se na multidão e desapparece.

Consegue atravessar a fronteira. A cantora fica em poder da policia. O magistrado instructor confessa um dia:

—Vinte mulheres como aquella e eu perdia a cabeça.

*

* *

O rei Luiz Filippe, boa pessoa, perdoou. Comprehendeu que havia perigo em se mostrar implacavel, e o sobrinho do imperador foi mandado, sem julgamento, para a America. Os seus cumplices compareceram em janeiro de 1837, ante o jury de Strasburgo. O exito de curiosidade, no decorrer das audiencias, incidia na Circe bonapartista, em Eléonore Brault, assentada no banco dos reus, com um chapéo de setim branco, vestido de seda preta, chaile tambem preto, com um cabeção de rendas, luvas de seda e algumas joias. Todos os accusados foram absolvidos.

Alguns annos depois, em consequencia das reviravoltas politicas, tão frequentes na Historia, o principe Napoleão era presidente da Republica e breve imperador. Persigny sobraçava uma pasta de ministro. Vaudrey, promovido a general, assentava-se n'uma cadeira no Senado, governava as Tulherias e ostentava no peito a venera de grande official da Legião de Honra. Os demais foram recebendo recompensas pouco a pouco.

Só a pobre Eléonore não obteve nenhum premio. Morreu antes d'esses felizes dias, a 26 de março de 1849, com quarenta e um annos.

IX

O casamento e a mortalha...

Em França cria-se antes da guerra a commissão de repovoamento. Os poderes publicos pensam a serio no treino desportivo para aperfeiçoamento da raça. Na America ha muito que se pratíca caso semelhante — a cruzada e o cruzamento das selecções novas. Funda-se ali uma liga intitulada a *Egreja do pensamento novo.* Celebram-se congressos, como por exemplo no Michigan. Os seus membros discutem demoradamente. Um d'elles, o dr. Kellog, sustentou que são precisas quatro gerações para que a renovação emprehendida produza os seus effeitos maravilhosos. Argumentou:

— Registamos escrupulosamente o nascimento de certos cavallos e notamos exactamente a sua origem; procedemos da mesma maneira com os cães. Uma mulher *very smart* não compra um cão de qualidade sem ter a prova escripta que sáe, na verdade, de um canil aristocratico, e mostra-se menos escrupulosa com a escolha de um marido. Averiguam-se as condições

sociaes, o estado das riquezas, mas ninguem se preoccupa com as condições physicas, com o valor intrínseco da raça. Precisamos estabelecer registos para as familias eugenicas. Fundemos o «pedigree» eugenico.

Outros medicos falam depois do dr. Kellog. O dr. Vaughan exprime o desejo de que a selecção não incida apenas sobre a qualidade dos musculos, sobre o physico simplesmente. Emitte o voto de que se afinem os nervos, que se cultive a sensibilidade e a intelligencia, de forma a obter, entre pessoas escolhidas, solidas disposições intellectuaes e moraes. O dr. Duvight Hills fez algumas comparações ethnicas arrojadas. Esse pratico disse que a franceza no ponto de vista prolífico não se pode comparar á americana. A franceza, declarou elle, é um *bifurcated lead pencil* (um lapis bifido); em geral não dá mais de dois filhos. A saxonia é uma «ponta sêcca» capaz de varias edições successivas. O dr. Duvight Hills fala por enigmas.

Este congresso do Michigan não representa um facto isolado. Ao passo que celebrava as suas sessões, realizava-se em Nova York um casamento eugenista com ruidosa pompa. Um negociante de Grand Rapids casava com uma rapariga de Denver. O par fez a sua entrada no Æolian Hall, todo florido de rosas, ao som da marcha do «Lohengrin». Os noivos traziam um acompanhamento de seis damas de honor, dois pagens e duas pequenas com grinaldas. Acabava

a musica quando o relogio bateu onze horas. Os noivos levantaram-se, declararam aos circumstantes que eram ambos perfeitamente eugenicos e que tinham escolhido essa hora para o casamento, porque correspondia «á mais completa harmonia das suas almas vibrantes.»

A lei eugenica do casamento foi votada no estado de Visconsin, mas produziu logo uma grande escassez de bodas. O caso chegou a ponto de um juiz, Mr. F. G. Eschweiler, declarar no tribunal de Milwauke que ella era inconstitucional. Essa lei entrou em vigor a 1 de janeiro. Determinava peremptoriamente que não fosse concedida nenhuma licença de casamento sem os pretendentes apresentar um certificado attestando que nenhum dos dois conjuges soffria de qualquer molestia. Egualmente determinava que os medicos passassem esse certificado mediante o pagamento de trez dollars. Ora os medicos fizeram grève, apoiando-se na disposição chamada de Wasserman, em virtude da qual não deviam levar menos de vinte e cinco dollars por cada certificado. Mais ainda. Como a referida lei mandava processar por perjuro o facultativo que passasse o attestado exigido sem um exame adequado aos noivos, tornava-se praticamente impossivel obter a indispensavel licença. Ao protesto dos medicos seguiu-se o do commercio, que se insurgiu contra a diminuição dos casamentos, pois lhe causava grossas perdas. O governo do estado appellou da sentença

do juiz Eschweiler para o Supremo Tribunal. Esta estancia superior lavrou uma sentença muito ambigua. As coisas ficaram pouco mais ou menos no mesmo pé em que se encontravam antes.

Citamos atraz a commissão de repovoamento organizada em França. Uma das medidas tomadas e mandadas pôr em vigor immediatamente consiste na obrigação de todo o cidadão francez procrear trez filhos. A' falta d'esta contribuição, por assim dizer em genero, deverá pagar ao Estado uma renda annual correspondente ás despezas de educação dos trez herdeiros que não appareceram. Basta reflectir alguns segundos para se comprehender que tal expediente não entra no numero das coisas praticas.

Positivos, os inglezes, a questão do casamento na metropole e nas colonias sempre os preoccuparam. Nunca lhe levantaram a mão de cima.

Parece que na Australia occidental os consorcios entre rapazes de uma certa classe não eram bem vistos. Os patrões não gostavam que os seus empregados se casassem, pois de ahi advinha uma menor actividade da sua parte. Apenas tal costume assumiu proporções que poderiam affectar o regular desenvolvimento da colonia, logo a Assembleia Legislativa introduziu no Codigo Penal uma nova clausula em que punia qualquer pessoa ou corporação com a pena de prisão até trez meses, e uma multa de

quinhentas libras esterlinas a quem prohibisse, ameaçando ser despedido, casar-se qualquer rapaz de mais de vinte annos. Nos Estados Unidos existia o que quer que fosse de semelhante. Não ha muito tempo que ali foram tomadas providencias para que as professoras, casando-se, não perdessem os seus logares. Em todo o vasto imperio britannico acudiram ao despovoamento das colonias, concorrendo por todas as formas legaes para que aos emigrantes não fosse vedado levar as familias, como os engajadores procuravam, no egoista interesse de ter braços fortes com a menor despeza possivel.

Em contraste com certas más tendencias, podemos citar o seguinte facto bem caracteristico:

O dono de um rancho no Canadá, em Eastbourne Guardians, negociante de gallinhas, de trinta e seis annos, com quinhentas libras de renda, publicou uma carta nos jornaes d'esse Dominio em Inglaterra, dizendo que tomaria esposa. Recebeu, declarou o presidente de um comicio reunido para o effeito, *duzentas e quarenta e quatro respostas* de diversas raparigas que desejavam ir para o Canadá. Algumas d'essas missivas continham deliciosos retratos. Até uma das pretendentes enviava uma madeixa de cabello e alguns versos.

E ainda ha quem não acredite na efficacia dos casamentos por annuncios!

É lei geral em todos os exercitos que ne-

nhum militar possa casar sem licença. No exercito inglez, antes da guerra, não era facil obtê-la. Succedia, porém, que muitas praças de pret se consorciavam sem auctorização e eram punidas por essa falta. Accumularam-se tantas faltas d'este genero que o *War Office* julgou do seu dever decretar que todos os sargentos, com mais de doze annos de serviço, tinham o direito de contrahir matrimonio, recebendo por tal facto mais cincoenta por cento dos seus vencimentos. As demais praças viram-se egualmente objectivo de benéficas determinações no mesmo sentido.

«O habito de amar, é facil de adquirir, mas difficil de perder».

Ainda voltando á questão do casamento por annuncios, de que tanto se zomba em Portugal, evocaremos mais um facto que demonstra como a lei ingleza é severa na maneira como protege as mulheres.

Um dia apparece nas columnas de um jornal de Leeds o seguinte annuncio:

«Casamento — Senhora, 26, attrahente, bem educada, carinhosa, bom genio, esplendido comportamento, deseja encontrar um sujeito em eguaes circumstancias com o rendimento de 500 libras por anno. Para mais pormenores á vista. Assumpto sério».

Ora um tal Mr. Marry Smith, industrial, já casado, lembra-se de responder ao annuncio de Miss Gertrude Elizabeth Robison, assim se chamava a annunciante, e combinou casar com ella.

Esta promptamente condescendeu, mas pouco antes da data aprasada para o enlace recebia a visita de uma senhora. Era nem mais nem menos que a mulher de Smith, que, ainda por cima, tinha uma amante em Manchester. A pretendente processou o *conquistador* industrial, a quem a justiça obrigou a dar rigorosas contas do seu leviano proceder.

*

* *

A duplicação da cerimonia do casamento acarreta por vezes os seus convenientes. Stephan Misiak desejava casar com Anna Ambrus, em Maria-Theresiopel, no sul da Hungria. Não compareceu á hora marcada no registo civil. O official que tinha bastantes casamentos a registar n'essa manhan, e vendo que o noivo se demorava, pediu a uma das testemunhas, Andreas Arokozallasi, para assignar o respectivo termo pelo seu afilhado. O padrinho, porém, atrapalha-se e escreve o seu nome como noivo. Ninguem dá, no momento pelo erro. O retardario chega pouco depois e verifica-se a cerimonia religiosa. Mais tarde descobre-se que Frau Misiak tem legitimamente dois maridos, sendo o padrinho o que possue mais direitos no ponto de vista legal.

Já depois da guerra a policia de Manchester, Inglaterra, prendeu um individuo que, pretendendo ser um official inferior desapparecido dos Dardanellos, voltara para o lado da que affirmava

ser sua mulher. Vivia já ha trez semanas com ella, quando a policia, que fôra avizada, procedeu a investigações e prendeu como impostor o falso sargento. A mulher assegura que, effectivamente, encontrara o marido muito mudado e surprehendia-a o elle não se recordar de pormenores da existencia decorrida de companhia. Por estes motivos principiou a conceber certas duvidas, que communicou aos visinhos e annunciou o seu proposito de participar as suas suspeitas á policia. Os visinhos, porém, fizeram-lhe amargas censuras, chegando a ameaçá-la, e acoimando-a de mulher ingrata, que não queria reconhecer o desditoso esposo, o bravo soldado que perdera até a memoria com os soffrimentos experimentados em campanha.

E que tal?! Segunda edição de Cornelio Guerra!

Uma mulher interrogada pelo juiz no tribunal de Knigston-on-Thames, Inglaterra, declarou:

—Meu marido é um snob.

—Que é elle?...—perguntou-lhe o magistrado, espantado.

—Sapateiro—elucidou a esposa.

Ainda outra anecdota.

M. Loubet, ex-presidente da Republica franceza, estava esperando n'uma paragem da rua Saint Honoré, em Paris, um autobus quando uma senhora bem vestida e bonita se coloca a seu lado. Poucos minutos depois chega o vehiculo, mas só tem logar para um passageiro e esse

logar competia a M. Loubet. A dama solta uma exclamação de impaciencia, deixa perceber que o marido a aguarda ancioso e começa a andar. Não dá muitos passos porque M. Loubet a faz parar, cumprimenta e diz:

—Minha senhora, cedo-lhe o meu logar. Se eu tivesse o prazer de ser seu marido ficaria muito contrariado se fosse obrigado a esperar por si.

*

* *

Talvez não seja fóra de proposito archivar n'este ponto as definições que Victor du Bled colleccionou sobre o *flirt*, os *flirteurs* e *flirteuses*.

É, escreveu Paul Hervieu, entre a mulher e aquelle que lhe faz a côrte uma maneira de ser, um estado de alma vagamente delicioso e arriscadamente progressivo da virtude para a falta, com paragem facultativa em todas as estações intermediarias. Maurice Donnay considera o *flirt* como uma lição de esgrima dada por uma mulher com floretes embotados antes de ir para o terreno com espadas a valer. É com effeito algumas vezes isto; é em muitas occasiões uma troca de impudores, e certos *flirts* ennodoam uma mulher mais que a posse. Em *flirt* como em amor, uma mulher só supporta o ciume de um homem emquanto o ama bastante, ou está saciada d'elle para ser ciumenta. A mulher *flirteuse* é uma flor de que cada transeunte colhe uma pétala, e que só deixa para o marido—ou para o apaixonado—

um pistilo nú. Victor du Bled diz que ha tambem a mulher que *flirta* por orgulho puro, pelo prazer de arrancar, com a frecha do seu olhar, as homenagens, todas as homenagens; a mulher que *flirta* para excitar o ciume, de que um dia se arrependerá, dō que ama; estas duas *flirteuses* só fazem uma.

*

* *

Antigamente aos combates de box em Inglaterra só assistiam homens. Agora predomina na assistencia d'esses espectaculos o elemento feminino. N'um dos ultimos *matchs*, que o *boxer* francez Carpentier sustentou em Inglaterra com o seu collega britannico Smith, rebentaram varios escandalos. O duello despertou tal enthusiasmo entre as senhoras, que se incumbiu da descripção da luta, no importante orgão londrino, *Daily Mail,* uma rapariga formosissima, Miss Olive Wadsley. Emfim o acontecimento assumiu tamanhas proporções, que alguns oradores reunidos na Conferencia Wesleyana, de Leeds, censuraram com aspereza a tendencia crescente das mulheres manifestarem um fervor doentio por taes exhibições. Um d'elles terminou o seu discurso declarando que « . . . as mulheres que presenceavam esses combates ficavam sujeitas a inevitaveis desequilibrios e indiziveis degradações. A sua presença ali era o bastante para insultar a dignidade feminina além de qualquer expressão ».

Parece-nos que os austeros e meticulosos sectarios de Wesley ultrapassaram a meta. Nós somos da opinião de A. Martin: «Todo o mal que as mulheres nos fazem, vem de nós; todo o bem, nasce d'ellas.

*

* *

A maior descoberta, no ponto de vista social, do ultimo período antes da guerra, é a que effectuou o dr. Robinson, de collaboração com Carlo Basile, assistente do professor Grassi de Roma. Affirmaram ter descoberto ambos um meio de fixar á vontade o sexo da creança prestes a nascer. Asseguraram que a lecitina ou a cholina, substancias organicas, destroem o elemento másculo e só deixam subsistir o óvulo femea, ao passo que a adrenalina anniquila o elemento femea e favorece a eclosão dos elementos masculos.

Perguntaram logo os philosophos: Se a experiencia demonstrar o valor pratico d'este methodo, que resultados advirão? É de prever, argumenta um dos polemistas, que nasçam mais rapazes do que raparigas. A educação e as responsabilidades entram como um poderoso factor na escolha. Sendo assim, o sexo feminino sofrerá um desagradavel enfraquecimento.

Posto o problema n'esta altura, entra logo em equação o feminismo e o celibato. Segundo as estatisticas, existiam no globo, antes da conflagração, cerca de cinco milhões e meio de celi-

batarios obrigados. Conclue-se, sem esforço, que os dois sexos contribuem em proporções deseguaes para a população do universo. Até então, suppondo que todas as mulheres se pudessem casar logo que chegassem á puberdade, a arithmetica demonstra que esses cinco milhões e meio de varões estavam inexoravelmente condemnados a viver solteiros.

Tambem era preciso metter em linha de conta quantos polygamos monopolizam varias mulheres para seu uzo exclusivo. Esta categoria, porém, tendia a diminuir no ponto de vista ostensivo e a augmentar no clandestino. Isto é, ao passo que os musulmanos não povôam tão activamente os seus harens, os christãos nas cidades occidentaes açambarcam o maior numero de damas que podem.

A partilha dos sexos varia bastante de um para outro paiz. Na Europa, por exemplo, havia vinte e sete mulheres por mil que se viam constrangidas a renunciar aos gosos da familia. Não podiam encontrar marido porque não os havia. Se quizessem tomar estado seriam obrigadas a celebrar a boda com specimens da raça amarella ou ethíope. O celibatismo excedeu de tal modo as raias do razoavel que os governos de varios paizes providenciaram de modo energico. O da Republica Argentina tomou o passo aos demais.

Ali todo o solteirão com mais de vinte e cinco annos e menos de oitenta, paga uma contribuição até o dia em que se casa. Entre os

setenta e cinco e os oitenta, o imposto consta apenas de alguns vintens, mas entre os cincoenta e os setenta e cinco, já o caso muda de figura. A decima eleva-se bastante. Os viuvos só se podem conservar n'esse estado durante trez annos. As viuvas ficam isemptas passados os trinta. Um d'esses artigos dispunha, o 5.º, que: «Os celibatarios, homens ou mulheres, que sem razão legitima repillam as pessoas que a peçam em casamento e recusem casar-se serão condemnadas á multa de quinhentos *pesos*, entregues á pessoa cujo pedido tenha sido repellido.

O governo inglez tambem encontrou uma solução pratica de diminuir o numero dos celibatarios, pelo menos durante a guerra. Commetteu principalmente a elles a defesa nacional. Perseguidos pelas leis, esmagados pelos impostos, não convida nada cultivar o celibato. Mesmo depois de pactuada a paz é uma carreira de luxo. Não poderá beijar quem quizer. Os que exercerem essa curiosa falta de mister, apparecerão como fantasistas inveterados, como originaes amadores do paradoxo.

Quando se pensa que nas estatisticas, e das mais conscienciosamente organizadas de ha trez ou quatro annos, na Africa e na Europa sobravam 1:045 mulheres para 1:000 homens, o que fará agora?! Em compensação para 1:000 homens só havia 964 mulheres na America, 961 na Asia e 937 na Australia. Apontam-se

então regiões completamente desherdadas. No Alaska a proporção existente é de 389 mulheres para um milhar de homens.

Opinam algumas mulheres que é preferivel estar em minoria. Nos paizes que soffrem de *deficit* feminino, a mulher torna-se um dom precioso, uma joia rara, indispensavel, de extraordinario valor. Logo: impõe as suas condições. É pegar ou largar. N'outros paizes onde superabundam as mulheres, a vantagem, nem em todas as circumstancias, pende para a sua banda. Em geral, os rapazes casam sempre que querem, ao passo que com as raparigas não acontece a mesma coisa, a menos que não sejam formosissimas ou que não disponham de avultados dotes.

Oddo deixou esta maxima:

«Um homem que não tem mulher é um nómada sem patria que não pode dizer nunca: «Esta terra é minha».

X

Rainhas no exilio

Razafindraheti nasceu em 1862 em Tananarive. Sobrinha da rainha Ranavalo-Manjaka II, casara com o primo, Ratrima.

Desde o principio do seculo XIX que occuparam o throno da ilha de Madagascar trez soberanas. A primeira, Rasoherina Ranavalo Manjaka I, nascida em 1800, consorcia-se, muito nova, com Radama II, rei dos hovas, a quem succede por falta de herdeiro directo. D'esta soberana recebe a corôa, Ramoma, em 1868, acclamada com o cognome de Ranavalo Manjaka II. A terceira é Ranavalo Manjaka III.

A politica externa de Madagascar atravessou differentes vicissitudes, originadas, principalmente, pelas ambições de algumas potencias europeias, que cubiçavam a posse da ilha. Não ha duvida que o pouco tino dos governantes fomentaram e auxiliaram poderosamente essas ambições.

A primeira d'aquellas soberanas, apenas coroada, manda assassinar ou consente que se-

jam assassinados os principaes membros da familia real. Expulsa todos os francezes. Sobreveem as represalias. Uma flotilha franceza apodera-se da peninsula de Titingue e bombardeia, em 1829, Tamatava. O governo de Luiz Filippe levanta mão das conquistas effectuadas e só conserva a ilha de Santa Maria. Os hovas, livres d'esse dominio, perseguem cruelmente os estrangeiros. Em 1845, os francezes, não conseguindo a reparação que exigiam, contentam-se em bombardear Tamatava. As atrocidades continuam, mas alguns francezes conseguem estabelecer-se na ilha e gosar ali de certa auctoridade. O principe herdeiro Rakut protege estes, mas exilam-n'os por fim, em 1857, a instigação dos missionarios inglezes.

Em 1868 a rainha Ranavalo II parece disposta a tratar com a França, mas a guerra de 1870 e os seus resultados fazem reviver de novo a influencia britannica. Mais tarde, em 1883, em consequencia do legado Lambert, uma esquadra franceza apossa-se de Majunca e bombardeia Tamatava. É assim que se estreia o reinado de Ranavalo III.

Durante estes trez reinados evidencia-se uma figura curiosa, a de Rainilaiarivony, primeiro ministro e marido das trez rainhas. Nascido em 1828 era filho de Rainihare, homem do povo, amante de Ranavalo I e seu primeiro ministro e irmão de Rainivoninahitrioni, que succedeu a seu pae como esposo e ministro da rainha.

Quando Ramoma, viuva de Radama II sobe ao throno, Rainilaiarivony casa com ella e assume as funcções de primeiro ministro, depois de exilar o irmão, que exercia já esse duplo encargo. Esposo e ministro das trez rainhas Ranavalo I, II e III, levara, em 1870, sua segunda mulher a abraçar o protestantismo.

Como se vê, ao cargo de primeiro ministro andava inherente o de consorte, o que occasionou não pequenas embrulhadas.

Os hovas da Imerina fundaram no plató central de Madagascar um imperio que attingiu o seu apogeu no principio do seculo XIX, no reinado do grande Adrianampoinimerina. A lucta entre francezes e hovas foi dura. Os inglezes sustentavam estes. Emfim, em 1885, os hovas foram obrigados a assignar um tratado que collocava toda a ilha sob o protectorado da França. Não tendo sido observado esse pacto, o governo de Paris organizou uma expedição, commandada pelo general Duchesne, que toma, em 1895, Tananarive. Assignam então os hovas um novo tratado de protectorado. Rebenta pouco depois uma formidavel insurreição. Em 1896, Madagascar converte-se pura e simplesmente n'uma colonia franceza.

A alma da insurreição residia na influencia do primeiro ministro. O general Gallieni procede com promptidão e energia. Prende no palacio a rainha Ranavalo III e o marido, a 28 de fevereiro de 1897, e manda fuzilar dois ministros.

Renavalo é exilada primeiro para a ilha de Reunião e depois para Argel. Vive ahi no Mustapha superior, na «villa Tananarive». Ahi lhe morre em 1896, com 68 anos, seu marido e duas vezes cunhado, Rainilaiarivony.

A França tratou a rainha captiva com gentileza. Agraciada, como fôra, com a Legião de Honra e tendo-a contemplado com valiosos presentes, foi-lhe augmentando successivamente a pensão préviamente concedida, que subia, por occasião do seu passamento, a sessenta mil francos annuaes.

A sua capital não a habituara a grandes luxos, mas a sua posição de rainha submettia-a a uma etiqueta severa, complicada, singular até. Escreveu-se que essa etiqueta a obrigava em determinadas occasiões a tomar banho deante da sua côrte. Facilmente se acclimou no paiz do desterro. Apezar da sua residencia official ser em Argel ia com frequencia a França. Aspirava a ser parisiense. Adorava as corridas e affirma-se que jogava n'ellas.

Conservou sempre uma certa dignidade. Uma vez viu-se obrigada a jantar com o general Gallieni, que a exilara. Houve um primeiro movimento de embaraço, mas depois tudo se compôz. Um e outro procederam com o maximo tacto. Um dia, que alguem lhe apresentou um administrador colonial que servira com distinção em Madagascar, o funccionario mostrou-lhe uma condecoração que ella lhe concedera. N'este momento

custou-lhe a dominar a sua emoção, mas tornou-se senhora de si, com verdadeira dignidade.

Gostava, como todas as mulheres, de joias e de vestidos. Como adorava as flores, ornava com profusão a sua encantadora moradía de Mustapha. Contribuia, na medida das suas posses, para a Cruz Vermelha e obras de beneficencia logo que rebentou a guerra. Para isso privou-se de varias despesas sumptuarias e trazia no peito a roseta da Legião de Honra, o que não fazia antes.

A morte surprehendeu-a em 1917 a trabalhar para os soldados francezes, para os mesmos que lhe tinham usurpado o seu reino. As suas exequias foram imponentes. Compareceram todas as auctoridades da Argelia, tendo á sua frente o governador geral. Foram-lhes prestadas as honras correspondentes á dignidade de gran-cruz da Legião de Honra que possuia. Sepultaram-n'a em jazigo proprio, no cemiterio de Santa Eugenia.

*

* *

Clara Ward, mais conhecida pelo titulo de princeza de Chimay, teve por progenitor um commodoro americano, do mesmo apellido. Possuia este avultada riqueza e assegura-se que morreu doido, o que explica até certo ponto muitos escandalos da filha.

Era bonita? Mais vistosa que bonita. Com tendencias para nutrida, pesavam-lhe um pouco as carnes e não se eximia totalmente á vulgaridade.

Fôra para Paris aos quatorze annos e tornou-se mais parisiense que americana. Educou-se n'um convento, onde, diz-se, feria um pouco a timidez das piedosas monjas. Aos dezoito apresentam-n'a na sociedade de Paris. Ahi deslumbra tudo pela sua bella juventude e pelos seus... milhões. Em 1890 casa, tambem em Paris, com o principe de Caraman-Chimay, filho do ministro dos negocios estrangeiros do governo belga. O noivo pretendeu não só obter a posse de uma mulher formosa, mas ainda dourar o seu brazão um tanto desbotado? Talvez as duas coisas? D'esse consorcio houve dois filhos.

A felicidade do enlace só dura seis annos. Se é que a tanto se alongou. Em 1896, Clara foge com o celebre violinista tzigano Rigo e vive uma existencia ruidosa pelas grandes capitaes da Europa e no Egypto. Em 1904 casa com Rigo. Depois aborrece-se d'elle e esposa um italiano, um tal Peppino Ricciardo, a quem não tarda a abandonar para se lançar nos braços de um senhor Cassalota, que lhe dá o seu nome. Em 1917 Clara Ward morre em Padua, na Italia, não sabemos se com cheiro de virtude.

As aventuras escandalosas da antiga princeza de Chimay concorreram, n'essa época, para solidificar ainda mais a lenda, que na Europa se

criou, e que exige que a norte-americana disponha de uma formosura opulenta, uma riqueza extravagante, a loucura da prodigalidade, a excentricidade nos gostos e a audacia no modo de proceder. É, pelo menos assim, que a apresentam os romancistas e os auctores dramaticos ha mais de cincoenta annos. Hoje, que se conhece melhor o typo feminino de alem Atlantico, averigua-se que a idéa que forjára essa americana de convenção, a idéa popularizada pelo theatro e pelo romance, é redondamente falsa.

*

* *

O «signor» Enrico Toselli, «maestro» italiano, publicou ha tempo um romance intitulado: *Il mio matrimonio com Luiza di Sassonia.* Não passa á posteridade por via d'elle, como não terão essas honras as *Memorias* da princeza, outrora rainha da Saxonia, Luiza Antonietta Maria, antiga archiduqueza de Austria, casada com o rei Frederico Augusto e mãe de trez filhos e de trez filhas, além de outros filhos dos matrimonios posteriores.

Esse livro tem a seguinte legenda: «Para meu filho quando tiver vinte annos». Dedica-o portanto a seu filho Buby, nascido do rapido consorcio do muzico com Luiza. O filho não deve ficar muito edificado com a virtude da mãe ao realizar a sua leitura. Assim, por exemplo,

transcreve-se ali uma carta dirigida pela princeza ao segundo marido, d'este theor:

«... Tu não conheces todas as minhas boas qualidades! Sou meio louca, caprichosa, habituada a nunca curvar a cabeça, a fazer tudo quanto me apraz. Gosto que me cortejem. Perco facilmente a cabeça. Amo e abandonam-me. A mudança mata os meus remorsos...»

Eurico Toselli, commenta J. C., encontra no seu caminho uma princeza verdadeira e julga viver sob o céo natal um conto de fadas. Exala-se da sua narrativa um accento de sincero enthusiasmo. Ha na enscenação e na propria scena do primeiro beijo a reminiscencia commovida do inebriante e principesco noivado. O «signor» Toselli nivelava-se com os reis e com os deuses.

N'essa tarde, a princeza levara o musico em automovel á sua «villa» Montanto, em Bellosguardo. Corre dezembro de 1906. O fogo crepita na chaminé. A princeza brinca, em frente do lume, com o pé que a queda, a tempo, do sapato deixava descalço. O musico, assentado ao piano, executa uma rapzodia hungara de Liszt. Concluido o trecho, a princeza dá a mão a beijar ao artista, extasiado. Inicia-se a conversação. De repente a princeza pergunta ao pianista.

—Nunca amou?

—Alteza, ainda não tenho vinte e quatro annos...

—Mas não é já uma creança. Viajou. Não

vive como um menino de escola sob a tutela dos paes.

— Com certeza, não sou já um menino de escola. Sem conhecer a fundo a alma humana, sei que é bom, ás vezes, calar o que se pensa, com receio de que essa confissão seja funesta.

—É verdade; tenho apprendido isso á minha custa. Mas não penso que haja perigo para si em falar. Diga-me: crê não poder amar um dia?

— Se o destino collocar no meu caminho a mulher ideal em que sonham todos os artistas, eu amarei, minha senhora, com todas as forças da minha alma e consagrar-me-hei inteiramente ao ser amado.

O Fortunio do Arno modula timidamente a sua canção. A princeza sorri. São cinco horas. As grandes sombras da noite invadem o salão. Luiza da Saxonia approxima-se lentamente da janella e vê o crepusculo desdobrar-se sobre a planicie toscana. O musico levanta-se por seu turno, dirige-se á janella e ambos fixam vagamente, sem falar, a paizagem banhada pelos vapores do entardecer. Estão ahi os dois, em pé, silenciosos, quando bruscamente a porta se abre. A creada de quarto traz um candieiro de petroleo. Luiza da Saxonia afasta-se da janella. Assenta-se n'uma cadeira, encostando a testa á mão. Toselli não se atreve a dizer nada. Espera. Quando a creada de quarto se retira, a princeza ergue-se, e olhando para o musico cara a cara, exclama:

— Que posso fazer por si?

— Princeza — responde o italiano após uma curta hesitação — ha na nossa existencia momentos decisivos. Sou artista e os artistas só são para o amor e para o soffrimento. Que senda me quer franquear? Estou deante de si como um escravo. Faça um signal e obedecer-lhe-hei.

Uma das mãos da rainha pegara na mão do musico; a outra acariciava-lhe a testa e, a meia voz, Luiza responde:

— Eu serei a amiga que nunca o abandonará, nem na desgraça nem na felicidade. Eu velarei por si como um anjo da guarda.

«Eu fechei os olhos, escreve Toselli, e os nossos labios encontraram-se pela primeira vez».

Mezes depois d'essa tarde de dezembro, Toselli e Luiza, condessa de Montignoso, casam em 1907 em Londres. A legalização da sua carta de casamento, no consulado de Italia, apenas lhe custa dezasete shillings. Por menos de uma libra apanha-se uma princeza. É de graça. O tempo tambem não estava para grandes despesas. Consummado o casamento, Luiza não recebe nem mais um marco da côrte da Saxonia. O automovel que tanto impulso dera ás pretensões do musico é arrestado e Toselli faz a seguinte amarga reflexão: «Que minha mulher não trouxesse nada ou quasi nada, parecia-me natural, e tinha-o previsto, mas que, pelo contrario, me trouxesse dividas, era um pouco forte». É verdade que Luiza tencionava ganhar immenso

dinheiro com os seus escriptos e a sua esculptura. Sentia-se mais artista que Enrico pensava. Luiza depressa levantou vôo para outro ninho.

Pois se as princezas, de sangue ou não, tambem são mulheres...

XI

Heroinas da guerra

Todas as mulheres, todas, não importa de que paiz, deram nas pretéritas guerras as mais sublimes provas de generosidade, de dedicação, de firmeza, de intrepidez, do mais elevado espirito de sacrificio em qualquer esphera de acção e em qualquer campo do sentimento.

As mulheres sempre patentearam o mesmo extremo valor nos conflictos armados como nos combates da paz. Escrever-se-hia uma bibliotheca registando só os exemplos de maior vulto em cada nação.

Boadicéa, mulher de Presutagus, rei dos icenos, quer sacudir o dominio romano e agremía em volta de si oitenta mil guerreiros. Magnifica no seu carro de combate, seguem-na os britanos, assolam na sua passagem Colchester, Veruleme e Londres e exterminam quantas legiões se lhe defrontam. Quando a roda da Fortuna desanda, Boadicéa suicida-se para não cahir viva na mão dos adversarios.

Ethelfleda, filha de Alfredo, o *Grande*,

colloca-se á frente das hostes que dizimam os dinamarquezes nas ruas de Derbi, retoma em 920 Leicester e York e reconstitue as suas fortificações.

Durante a ausencia do marido, Agnês, a *Negra,* apodo devido á sua tez bronzeada, defende Dumbar contra Montaigu com tal valentia que o famoso caudilho, conde de Salisbury, levanta o assedio.

A juvenil Liliard combate ao lado do bravo Whiterington e perece na batalha de Otterburn, ferida em 1388. Em 1570 as mulheres inglezas illustram-se na lucta travada em redor de Nawort-Castle. «Pretty Pally», a formosa Pally, occupa nas baladas da Escocia logar proeminente. O coronel Cameron aprisionado na batalha de Falkisk, na Escocia, é uma mulher Miss Jenny Cameron.

A 24 de agosto de 1636, o marechal allemão, Heinrich von Narsau, envia um clarim ao marechal francez de Fleurange, para lhe declarar que, se a cidade de Peronne não se render dentro de vinte e quatro horas, levará tudo a ferro e fogo. O commandante da praça nem lhe respondeu. No dia do assalto, uma rapariga franceza, Maria Fouret, corre á brecha e faz rolar cerce, nos fossos, a cabeça do primeiro que surge, um porta-estandarte allemão que pretendia arvorar nas muralhas de Peronne a bandeira do imperio germanico.

Entre as muitas mulheres-soldados fran-

cezas, duas das mais sympathicas são as irmans de Fernig.

Seu pae, antigo sargento, originario da Alsacia, era escrivão da jurisdicção senhorial de Mortagne. Era um philosopho e um patriota. Viuvo em 1776, com cinco filhos, um filho e quatro filhas, habituara-os desde novos á vida activa. As duas mais novas, Felicidade e Theophila, tinham aproveitado muito d'esta educação quasi masculina. Montavam a cavallo, nadavam, caçavam, atiravam ao arco e manejavam as armas como heroinas de romances de cavallaria.

Na primavera de 1792, a França estava em guerra com a Austria, senhora dos Paizes Baixos. Organizam-se então na Flandres franceza companhias de voluntarios. Fernig é eleito major da Guarda Nacional de Mortagne. Escolhe o filho para immediato e disciplina tão bem a sua pequena força que o commandante da provincia lhe confia a vigilancia de uma parte da fronteira. Dia e noite Fernig e os seus subordinados hostilizam as guardas avançadas do inimigo. As quatro filhas ficam em casa, anciosas.

Uma noite, Felicidade e Theophila Fernig, não podendo supportar a incerteza, escolhem no guarda-fato do irmão, ausente, roupas de homem que lhes sirvam. Theophila, embora mais nova, é a mais emprehendedora e a mais audaciosa. Tomam o caminho de Valenciennes, onde chegam ao romper do dia. Entram n'um café, ouvem o

que se diz, e mettem-se nas conversas, informam-se... A suspeita predomina. Depressa descobrem, nos dois desconhecidos, mulheres vestidas de homem. São presas. Accusam-n'as de espias. Planeiam enforcá-las n'um candieiro. Por misericordia levam-n'as á Casa da Camara para as livrar das iras populares. Apparece um amigo do pae que as reconhece e as affiança. Sáem da municipalidade ao lusco-fusco, por uma porta trazeira, e voltam para a sua terra.

Esta aventura despertou nas duas irmans o gosto pelas sensações fortes. Não largam o uniforme. Recrutam nos casaes visinhos companheiros, á frente dos quaes vão de noite tirotear com os forrageadores inimigos. Forjam-se a respeito da sua coragem lendas, que, não sendo verdadeiras, não reproduziremos.

A 13 de julho luctam durante toda a noite contra uma força de uhlanos, que chegara até perto do acampamento de Maulde. Depois d'este alto feito o tenente general Dumouriez manifesta-lhe a «sua admiração». A 26 apresenta-as ao general Dillon que se compromette a levá-las ao fogo e que, no dia seguinte, cumpre a sua promessa. A 2 de agosto, Dumouriez figura como padrinho, tendo por comadre Felicidade de Fernig, no baptismo do filho de um voluntario de Calvados, solemnemente ungido em presença de todo o exercito, no altar da patria, pelo cura constitucional de Breuvages.

Desde então fazem parte do quartel general.

A sua graça, o animo e a boa camaradagem de que todos os dias dão novas provas, orgulham e enternecem o exercito. Acclamam-n'as quando passam a galope, atraz do general em chefe, em companhia de um moço official, recentemente apresentado, que se chama *Egalité*, filho mais velho do duque de Orléans, o futuro rei Luiz Filippe.

Na noite de 3 para 4 de agosto, Beurnonville põe á sua disposição seiscentos homens. Lançam-se com esta columna atravez dos postos inimigos e penetram temerariamente até um quarto de legua do campo austríaco. Chegam assim á granja de Morlies, occupada por officiaes de Clairfayt. Matam as sentinellas e invadem a herdade. O capitão que a habita morre defendendo a entrada; surprehendem e derrotam um esquadrão de dragões acantonado nas cercanias; a fuzilaria alarma o acampamento visinho, que pega em armas, mas já a exígua força commandada pelas duas heroinas se abriga no bosque, no caminho de Maulde, levando os cavallos dos dragões bem como os papeis e a caixa do quartel-mestre.

Quinze dias mais tarde, Theophila e Felicidade imaginam dar um baile campestre, n'uma aldeia da extrema fronteira. Esperam, e justificadamente, que o tanger das violas chame a attenção do inimigo. Varios uhlanos accorrem para perturbar a festa. Os bailadores, subitamente transformados em soldados, recebem-n'os

a tiro de espingarda. O mais surprehendente do caso é vêr dois d'esses bailadores saltarem agilmente para cima do cavallo e perseguir, de sabre em punho, pelo plaino fora os fugitivos e espantados intrusos.

As irmans Fernig acompanham o exercito a Valmy, voltam com elle do Norte, e de accôrdo com os representantes do povo, Dumouriez promove-as ao posto inédito de *adjuntas* aos ajudantes generaes. Os austríacos, que as consideram como uma especie de demonios, tinham, no decorrer de uma incursão, queimado a casa Fernig, em Mortagne. A Convenção decreta a sua reconstrucção á custa da Republica e dôa-lhes o palacio de Bruay, propriedade de um fidalgo emigrado. A sua gloria augmenta de dia para dia. Os jornaes de Paris celebram as suas façanhas.

Por desgraça, a sua fidelidade a Dumouriez aconselha-as, por occasião da defecção d'este, a acompanhá-lo atè Tournay. Desde então consideram-n'as emigradas. Embora innocentes de qualquer veleidade de traição, não podem regressar a França. Refugiam-se em Bruxellas, com um nome supposto. Denunciadas, prendem-n'as. A conquista da Belgica pelos francezes faculta-lhes a liberdade. Accusadas de «cumplices de Dumouriez» fogem, passam para a Westphalia, depois para a Hollanda. Obteem no anno VI, voltar provisoriamente a Mortagne.

É ahi que Felicidade encontra um official,

que outrora, gravemente ferido, salvara no campo de batalha e levara moribundo á ambulancia.

A *Histoire des Girondins* narra esse tragico episodio da seguinte maneira:

N'um recontro entre a guarda avançada franceza e a guarda da retaguarda austríaca, uma das jovens amazonas Fernig, Felicidade, que levava ordens de Dumouriez á testa das columnas, impellida pelo seu ardor, acha-se envolvida com um punhado de hussares por um pelotão de uhlanos inimigos. Desembaraçada a custo dos sabres que a cercavam, volve a todo o galope com um grupo de hussares para alcançar a columna, quando descobre um moço official de voluntarios belgas, do seu mesmo exercito, derrubado do cavallo com um tiro e defendendo-se com o sabre dos uhlanos, que procuravam acabá-lo. Não obstante não conhecer esse official, a scena indigna-a, lança-se em soccorro do ferido, mata, com dois tiros de pistola, dois uhlanos, obriga os demais a fugir, apeia-se do cavallo, levanta o moribundo, confia-o aos seus hussares, fá-lo seguir, acompanha-o, recommenda-o ella propria na ambulancia e volta para junto do general.

Esse official chamava-se Van der Wallen. Deixado, depois da partida do exercito francez, nos hospitaes de Bruxellas, esquece as suas feridas, mas não pode esquecer a sensacional apparição que tivera no campo de carnificina. Esse rosto de mulher sob a farda de um camarada, precipi-

tando-se na refrega para o arrancar á morte e debruçada em seguida, na ambulancia, no seu leito sangrento, obsecava sem cessar a sua reminiscencia. Quando Dumouriez foge para o estrangeiro e que o exercito perde a pista das duas mulheres guerreiras, que arrastara no seu infortunio e no seu exilio, Van der Walen desliga-se do serviço militar e percorre o norte da Allemanha á procura da sua libertadora. Não alcança nenhuma informação ácêrca da familia Fernig. Vae até á Dinamarca. É em Mortagne, no mesmo sitio em que a vira pela primeira vez, que a encontrou no verão de 1798. O casamento de Felicidade effectua-se a 1 fructidor de 1798.

Não terminam por ahi as suas aventuras. Suspeitas em França, suspeitas na Belgica, conhecem as masmorras do Directorio. Surge, porém, uma reviravolta. Esse mesmo Directorio offerece ás heroinas uma concessão importante nas colonias. Recusam. Voltam para a Hollanda. Abrem uma logita de capelista. Protegem-n'as agora os governos francez e hollandez.

Em 1802 toda a familia Fernig regressa a França. Theophila, acompanhada do pae, vive em Paris. Não era nenhum virago como á primeira vista se pode suppôr depois da sua existencia aventurosa. Era musica e poeta, assevera o proprio Lamartine: «... Deixou poesias impregnadas de um varonil heroismo e dignas de acompanhar o seu nome á immortalidade». Morreu em 1819, solteira, com quarenta e quatro annos. Das duas

irmans Fernig, que nunca serviram no exercito, uma casa-se com um ourives, outra esposa o general Guilleminot. Felicidade enviuva em 1829 e sobrevive até 1841. O pae das duas heroinas fallece em 1816 de uma apoplexia. Seu irmão, general e conde do imperio, fina-se em 1847, com setenta e quatro annos no decorrer de uma viagem que emprehende ao Egypto.

As duas irmans Fernig eram bonitas? Eram feias? Nem Emile Cère, nem G. Lenôtre, que nos serviram de guia n'este rapido esboço, nos elucidam satisfatoriamente a tal respeito.

«A noite desapparece ante a luz do dia. As mulheres ante a realidade. A umas lisonjeiam-n'as a nossa fantasia; a outras adulam-n'as os nossos sentidos».

*

* *

Na marinha britannica teem servido muitas mulheres disfarçadas em homens.

Na guarnição do *Rainha Carlota* descobre-se em 1815 uma rapariga de Africa. Servira durante mais de quinze annos em varios navios, portando-se de modo a não denunciar o seu sexo, fumando cachimbo e bebendo muito rasoavelmente. Um tal Paulo Daniel, engaja-se na marinha ingleza, em Portsmouth, em 1761, com a esperança de se juntar ao marido; denunciam-n'a a proeminencia dos seios. Hannah

Suell, de dezenove annos de edade, casada com um marinheiro hollandez, alista-se em 1742 no 6 de infantaria, inglez. Transferem-n'a para a armada com o nome de James Gray. Embarca na corveta *Hirondelle*, navega para a India, entra em todas as refregas com intrepidez. É a primeira que se lança ao assalto de Pondichery.

Em 1778 nasce Mary Anne Tabbot. Assenta praça na qualidade de tambor e passa depois a marinheiro. Segue para a India no 82 de infantaria. O inimigo fere-a trez vezes no assédio de Valenciennes. Em agosto de 1796 regressa a Londres onde se vê constrangida a confessar o seu sexo. Concedem-lhe uma pensão de vinte libras. Nas suas *Memorias* diz que, a principio, para não ouvir os lamentos dos feridos e as exclamações dolorosas dos moribundos, rufava sem cessar no tambor. Uma nova amazona de Tormes. Miss Roberts serviu durante vinte e um annos no 15 e 37 de dragões britannicos e assistiu á batalha de Fontenoy. Christiana Cavenaugh, depois Mrs. Davies, ou a mãe Ross, nascida em 1667, delibera ir em busca do marido. Alista-se no regimento do marquez de Pisaro e recebe em Landen o baptismo de fogo; cosinheira, vivandeira, casa segunda, terceira vez; morre no hospital militar de Chelsea em 7 de julho de 1739.

Na lista dos officiaes do exercito inglez, referida a 1 de janeiro de 1865, via-se que James Barry, medico, entrou para o serviço

de Sua Magestade britannica como facultativo assistente em 5 de julho de 1813 e foi promovido a cirurgião assistente em 7 de dezembro de 1815. Serviu no exercito que combateu em Waterloo e acompanhou todos os acontecimentos militares de importancia até á guerra da Criméa. Em 1827 encontrâmo-lo cirurgião-mór, em 1851 inspector geral interino e effectivo em 7 de dezembro de 1858.

Em 1866 a revista *All the year Round*, publica um artigo intitulado *A mystery Still*. Em seguida o mais auctorizado e lido dos jornaes de medicina da Gran Bretanha, *The Lancet*, começa a inserir informações e depoimentos de varios officiaes, que serviram no mesmo regimento com o Dr. James Barry.

E. Rogers, então capitão do 3.º regimento da West India, embarcou da ilha de S. Thomaz para as Barbadas. Durante a viagem occupava elle e o Dr. James Barry o mesmo camarote. O capitão E. Rogers dormia no beliche de cima e o medico no de baixo. O Dr. James nunca se vestia nem despia estando presente o seu camarada. A bordo acompanhava o medico um negro e um cão chamado «Psychê». No Cabo da Boa Esperança o Dr. Barry teve um duello com o mais tarde general *Sir* Josias Cleote, então ajudante de campo do governador d'aquella colonia, ficando o facultativo ferido n'uma perna. Entre o cirurgião e o coronel Shadwell Clerke, official do estado maior do general Brooke,

houve outra pendencia, mas não chegaram a ir ao campo.

Segundo as declarações do general W. Chamberlayne e do coronel R. Wilson, antigo ajudante do 3 da West India, o Dr. James Barry seguia um systema de alimentação vegetariana. Não era alto, tinha as feições angulosas, nariz romano, faces proeminentes e physionomia severa. Apesar d'isto era, correcto, quasi bonito, de cabello claro.

Nos jantares em casa do general Ashnore, em conversas dicazes, não poupava o sexo fraco. Nos bailes gostava de dansar com as mulheres mais formosas que se encontravam nos salões.

Quem era o Dr. James Barry, que morreu com setenta e dois annos, inspector geral dos hospitaes em Inglaterra, em Downstreet, Piccadilly, em Londres, a 15 de julho de 1865?

Simplesmente uma mulher.

O mysterio do seu sexo fôra descoberto por um official na ilha da Trindade. Como? Não o explicam os seus biógraphos. A doutora James Barry obrigou o seu camarada a jurar com a maxima solemnidade que não revelaria o seu segredo emquanto ella vivesse. Depois da sua morte alguns incrédulos verificaram que, na verdade, era uma mulher.

Ha bem pouco tempo que se descobriu, que Harry Lloyd, era a inglesa Maria Le Roy. Durante vinte e cinco annos manteve esse disfarce. Mrs. Helena Smith foi empregada por mais de cinco

annos n'um estabelecimento de Nova York, com o nome masculino de A. L. Martinez. Só se soube quem era quando a ella conveio declarar a que sexo pertencia.

Aflora, em geral, aos nossos labios um sorriso de duvida quando lemos nos romances que varias heroínas se disfarçaram em homens, e como homens são tomadas no decorrer de toda a acção. A pratica, fria e positiva, ensina-nos que ha exemplos absolutamente verídicos de mulheres que durante a sua vida ou uma bôa parte d'ella conseguiram illudir os olhos mais perspicazes do outro sexo.

Ahi ficam os exemplos atraz citados.

M.me Cazajus, cantineira do 57, de infantaria, francez, do *Terrivel*, depois da batalha de Gustadt, em 1807, elogía-a a Ordem do Exercito por ter: «apesar de um chuveiro de balas, penetrado por duas vezes n'um barranco onde os seus camaradas combatiam, a fim de lhes distribuir dois barris de aguardente». A um soldado que se offerece para a substituir, observa:

—A vida de uma mulher é bem menos util á patria que a de um bravo militar.

Catharina Beguin, vivandeira no 14 de infantaria, activa, esperta, jovial, acompanha o marido ao fogo, leva-o ás costas quando é ferido e percorre, com este fardo, duas leguas debaixo de metralha. Maria Royer, da 51.ª meia brigada, atira-se ao Piava para salvar na passagem d'este rio um soldado que se afoga: Bonaparte presen-

teia a intrépida creatura com uma cadeia de oiro. Outra, á custa de perigos incessantes—trez mezes de combates, de miseria, de frio intenso e de fome—conduz na sua carroça, de Moscovo a Alsacia, o seu capitão ferido na coxa por uma bala. Outra ainda, M.me Barreau, do 26 de infantaria, aprisionada pelos inglezes, internam-n'a em Plymouth; mandada para França, em virtude da «fraqueza do seu sexo», mete no bahu, nas bochechas dos seus carcereiros, um dos seus camaradas, prisioneiro como ella, e transporta-o para Limoges, para o deposito do regimento.

*

* *

Lenôtre conta em qualquer parte a historia de Maria *tête de bois*. Não tinha nada de bonita. Cheirava a tabaco e a aguardente. Os olhos pareciam as pontas de dois pregos, a bocca era enorme, o alcool ratara-lhe o nariz, as intemperies curtiram-lhe a pelle. O conjunto assemelhava-se a uma d'essas cabeças de madeira, nas quaes os cabelleireiros ostentam os frisados e caracoes. De ahi a alcunha de Maria «da cabeça de pau». Furiosamente apaixonada por um ex-tambor das Guardas Francezas, pensando talvez que se não segurasse esse namorado não apanharia mais nenhum, acompanhou-o no exercito de Sambre-et-Meuse. Vivia ali no bivaque, comia do rancho e fazia fogo como qualquer

camarada. Habituou-se a esta vida accidentada e deixou-se ficar no regimento na qualidade de cantineira, o que não a impedia de bater-se quando se tornava necessario.

Em Marengo, gravida de nove mezes, movimentou-se de tal modo que deu á luz em plena batalha. Talvez não reparasse em tal immediatamente se um dos camaradas a não detivesse, dizendo-lhe:

—Eh! Maria! Deixaste cahir alguma coisa.

O filho, que acaba de nascer no meio do formidavel estrepito do combate, logo que attingiu a edade preciza, assentou praça como tambor no mesmo regimento da mãe. Fez n'elle todas as campanhas do imperio.

Em 1814, em Moutmiraíl, o pae do seu filho morre-lhe com uma bala que lhe atravessa o coração. Decorridos mezes, na defesa da praça Clichy, outra bala leva-lhe o filho. O imperio desmoronava-se. A desventurada perdera em menos de um mez o seu homem, a quem dedicou algumas lagrimas, o filho glorioso que chorou como mãe de heroe, e o seu imperador, perda de que não se podia consolar.

Durante um anno ninguem mais sabe d'ella. Que fez? Como viveu?

Quando se noticía que Napoleão I voltara e que se alojara nas Tulherias, Maria, triumphante, apresenta-se no regimento. Junta-se ao exercito em Lille. A 18 de junho de 1815, em Waterloo, percebe, com a sua longa experiencia,

que a batalha está perdida. Quer vêr uma derradeira vez o imperador. Consegue-o á tarde. Contempla-o durante muito tempo gravando nos seus pequeninos olhos e na sua grande alma essa imagem adorada. Quando satisfaz o seu desejo, reune-se aos soldados resolvida a não os abandonar mais.

Ás sete e meia da tarde, Maria da «cabeça de pau» estava n'um dos quadrados da Guarda, distribuindo a sua aguardente e acudindo aos feridos. Ás oito horas, quando ouve o grito de: «Salve-se quem puder!» delibera não sobreviver a esse exercito imperial, que era tudo quanto estimava no mundo. Affronta a metralha inimiga. Um biscainho parte-lhe o barrilote e abre-lhe o ventre. Grita com toda a força dos seus pulmões:

—Viva a França!

E cáe.

Instantes depois, quando se arrasta em direcção do cadaver de um francez, de quem desejava fazer travesseiro para morrer, uma bala fere-a na cara e quebra-lhe os maxillas horrivelmente. Maria ergue-se sobre o cotovelo e brada:

—Viva o imperador!

Um granadeiro, agonizante, vê-a rastejar por entre os mortos, reconhece-a pelas saias, e chacoteia:

—Maria, não podes dizer que assim tenhas direito a chamar-te uma formosura.

Maria responde, diligenciando sorrir:

—É possivel! Mas tenho direito a poder gabar-me de ser filha, mulher, mãe e viuva de soldados.

Tinha, diz-se, cincoenta annos de edade e contava dezesete campanhas.

XII

Feminismo e feministas

A especial aptidão da mulher para dominar quem a pretende escravisar, representa um dos pontos mais interessantes da Historia. As lendas de Semiramis e das Amazonas, na Asia Menor, são concludentemente significativas. Escrava entre os hebreus, o seu rasto atravez das chronicas d'esse povo scintilla de graça e de dedicação. Na India e no Egypto occupa constantemente um logar primacial. Relegada para um plano secundario nos primeiros lustros de Athenas e de Sparta breve se sabe guindar ás regiões que de direito lhe pertencem. Em Roma, gradualmente, transita da sujeição a que as primitivas leis a condemnam e converte-se n'essa matrona, modelo de virtudes domesticas e cívicas, que ainda hoje causa pasmo e admiração a todos que estudam o seu influxo no prodigioso desenvolvimento d'aquelle povo.

Mãe, esposa, filha, irman, precisamos facilitar-lhe a sua missão na vida. Bastante tem adeantado na sua educação moral e physica. A

mulher enfezada, chlorotica, de olheiras, não é já producto do tempo. Muito tem concorrido a hygiene e o bom senso para este magnifico resultado. A habitação aperfeiçôa-se, a alimentação é mais sadia, o bom gosto requinta. Ser pallida já não realiza a mais subida manifestação do Bello. O banho generaliza-se. A um corpo são corresponde sempre um cerebro funcionando bem. Ser gentil representa uma qualidade apreciabilissima e concorre com muito poder para a principal aspiração da mulher—, o casamento. Se á gentileza se allia uma intellectualidade bem equilibrada, sensata e límpida, a creatura que possue esses dois predicados dispõe de um subido condão para ser feliz e tornar os outros felizes.

Um casal garboso e de cabeça lúcida compara-se, sem grandes exaggeros de rhetorica, á chave da abobada de uma sociedade. Contém em si forças resistentes a todos os embates. Como dizia o philosopho Democrito custa muito menos a ser feliz que infeliz. O caso depende exclusivamente do modo como nos educam ou nós nos educamos para alcançar esse objectivo.

Trabalhar para se aformosear é uma das mais saborosas lides a que alguem se pode entregar. Sendo na apparencia um gosto egoista é, no fundo, altruista. O proposito de apurar a raça qualificavam-n'o os antigos de um dos mais patrioticos. Ser bella offerece tão brilhante somma de recompensas que seria um crime não diligen-

ciar tornar effectivo o ideal que tanto preoccupou sempre os povos cultos e artistas. Convem nunca perder de vista o aphorismo de Mme Lambert: «Se as mulheres cuidam tanto da sua belleza, é porque os homens só pela belleza a amam».

As mulheres gregas deveram as suas perfeitas e delicadas formas ao modo de trajar. Assevera-se que as damas da Attica, de Athenas, de Sparta, etc., attingiam a maturidade sem deformação sensivel na conjunção de curvas.

Desde então quantas modas!

Não ha heroismo que a mulher não commetta para se tornar formosa. Lembram-se todos das *travadinhas*, em seguida resuscitaram-se quasi as roupagens classicas, depois apparece o «chapéo agulha», mais tarde veem os trajes amplos, surge, decorridos mezes, a saia curta, etc., etc.

Em Chicago, Miss Lillian Russell fez em tempos uma conferencia curiosa na *National Dressmaker's Association.* O thema era a «arte de vestir e a sua influencia no theatro». Só se admittiam senhoras. A linda actriz norte-americana chamou-lhe o «building-up act». Era opinião sua que muitas artistas não alcançariam tão larga popularidade sem a elegancia do seu guarda-roupa. «Quantas vezes — declarou ella — as damas mais notadas chamam a attenção dos espectadores, principalmente em resultado da elegancia das figuras, que são com frequencia, não a expressão da realidade, mas a crea-

ção da modista». Apresentou-se ante a comprimida assembléa no traje de rua. Despe-se. Começa a vestir peça a peça. Demonstra praticamente que os triumphos que obtivera no theatro são devidos em boa parte á obra dos «tayl-leurs» e costureiras.

Na America do Norte a «travadinha» soffreu guerra de morte. Embirraram com essa peia, dentro das quaes as senhoras não podiam subir para as carruagens, sendo necessario içá-las, e que lhes não permittia sequer praticar qualquer inadiavel acto physiologico. Antipathizaram com essa bainha recta e finissima, bem como romperam hostilidades contra os emmagrecedores, que mandavam deitar as pacientes n'um estojo em forma de urna funeraria.

Houve um período em que as alfandegas dos estados da União muito preocuparam as damas norte-americanas e os seus fornecedores de áquem Atlantico. Arvoraram-se n'uma verdadeira inquisição. Queriam á força saber o preço verdadeiro dos fornecimentos e taxá-los n'essa conformidade. Empenharam-se verdadeiras batalhas... diplomaticas n'esse sentido. Ganharam por fim as damas que até conseguiram o bandeamento dos tribunaes para o seu lado.

É forçoso confessar que as modas enveredaram um pouco pelo caminho da extravagancia nos ultimos vinte annos. Os cabellos pintados de verde, de vermelho, azul, rosa, de todas as côres do arco iris, chocaram um pouco até os

mais propensos ás innovações e indulgencia. As graves responsabilidades originadas pela guerra tudo rehabilitaram. Apenas se accentuaram as deploraveis consequencias da sangrentissima conflagração, as parisienses, principalmente, manifestaram o seu gosto pelo uniforme militar. Usaram fazendas azues ou khaki, gola levantada com granadas, estrellas, alamares, bordados; imitaram fardas de granadeiros, de tropas coloniaes, de linha, artilharia, dragões; ostentaram insignias, azas, ancoras, etc., trouxeram na cabeça, ou á cabeça, bonnets, kepis, gorras, boinas, tudo quanto empregava o exercito. Participaram quasi do traje masculino.

N'este ponto imitavam M.me Jane Dieulafoy, senhora franceza, muito considerada pelos archeólogos e lettrados. Tendo tomado parte activa nas pesquizas da acrópole de Suse e escripto romances engenhosos, essa dupla qualidade não lhe valeu a popularidade. O que assegurou a sua reputação, até nas camadas profundas do grande publico da França, foi o costume de vestir trajes masculinos. Adoptara-o para commodidade nas suas viagens no Oriente, por motivo análogo ao que obriga os missionarios a deixarem crescer a barba. N'essas regiões, as mulheres sáem pouco ou não sáem mesmo. Os adultos glabros pertencem quasi todos ao pessoal interno do serralho. M.me Dieulafoy, no seu fato masculino, passava por um rapazelho e podia circular tranquillamente na Persia ou na Mesopotania sem des-

pertar a attenção. A sobrecasaca ou o jaquetão de M.me Dieulafoy tornou-se famoso e conservou-o mesmo na Europa. Era ella a unica mulher do seu paiz auctorizada a vestir-se de homem.

*

* *

É em Athenas que surge pela primeira vez a questão feminista. Platão professa um feminismo radical. Na *Republica* pede que as mulheres sejam admittidas a todos os empregos guerreiros, politicos, e que recebam consequentemente a mesma educação que os homens, sem excluir a do gymnasio, onde explica que deverão despir-se servindo-lhe a virtude de traje. Sabe-se tambem que Platão supprimia a monogamia e a familia, determinara a communidade das mulheres e a educação das creanças pelo Estado.

Brieux indignou-se em tempo contra a má vontade patenteada pelos operarios a proposito das operarias. Esse sentimento, declarou elle, não é cavalheiresco, mas é natural. Cada vez se torna mais difficil conquistar um emprego razoavel. Era amargo, pois, esbarrar com uma concorrente nova que diminuia a quantidade dos logares disponiveis e fazia baixar os salarios. Mais ainda, quando todas as mulheres tiverem recebido uma educação feminista e puderem acudir ás suas proprias necessidades e satisfazê-las, hão de ter mais pretensões, hão de repellir com

mais facilidade os candidatos que solicitam a honra da sua mão, submetter-se-hão menos expontaneamente aos cuidados maternaes e domesticos.

Emilio Faguet escreveu que qualquer homem resolvido a fundar um lar, deve ser partidario do feminismo e raciocinar: «Os meus filhos serão melhor educados e a minha casa mais bem administrada». Houve e ha quem esteja convencido que, em determinados paizes, o feminismo é uma necessidade.

Lembram-se todos do retrato de D. Theodora Barbuda de Figueirôa, morgada de Travanca, prima e esposa de Calixto Eloy de Silos e Benevides de Barbuda, morgado de Agra de Freimas, tão admiravelmente pintado por Camillo no seu romance *A queda de um anjo*. D. Theodora é o typo da dona de casa prehistorica, não só de Portugal, mas ainda de todo o mundo. O progresso varreu dos lares esse padrão curioso, consorte dos nossos antepassados, pedra angular de muitas familias nobres e burguezas. Hontem como hoje, a mulher em sua casa preparando os filhos para serem homens, lançando as primeiras sementes dos futuros cidadãos solidificam e fortalecem a base da familia sem a qual não existe nenhuma communidade domestica.

Escreveu Lenôtre, commentando um livro de Humbert de Gallier sobre os costumes e vida privada de outrora, que antigamente uma me-

nina de certa categoria sabia lêr, contar, fazer a mesura cerimoniosa e escrever. Esta pequenina bagagem tornava-a apta para receber um marido e governar a casa. Ninguem exigia mais. Até em questões de ortographia a tolerancia ainda era maior do que actualmente. Educada com frequencia no convento apprendia ahi menos arithmetica e historia que receitas culinarias. Industriada nos serviços da sachristia, da botica, das roupas, da cosinha, do refeitorio, do dormitorio, das passagens e remendos nos lençoes e toalhas, das rendas, vigiava que as criadas varressem na perfeição, punha a meza, entrava em reprezentações de autos religiosos, preparava tizanas e estendia cataplasmas na enfermaria. Condemnavam-n'a assim a ser exclusivamente esposa, mãe e a olhar pelos bens do casal.

Terminado o labor diario, a mãe de familia, principalmente a provinciana, fazia meia, cosia o fato dos pequenos, bordava colchas e almofadas, talhava e costurava os proprios vestidos e havia até quem trocasse, entre amigas, a roupa usada. Os seus divertimentos consistiam em fiar linho, quebrar nozes em redor da meza da cozinha com a dona da casa, os filhos, os creados, os vizinhos, em alegre companhia; em conversas sobre a promessa das colheitas, preço do vinho, casamento em perspectiva, soldada das serviçaes pagas mais em panno e calçado que em dinheiro.

Vinham depois as vindimas, onde amos e moços dansavam conjuntamente no pateo do solar; os dias da feira no povoado proximo, a festa do padroeiro ou da padroeira; o carnaval em que todos riam e brincavam. Nenhum dos jogos desportivos hoje em voga. Havia a cabra cega e o chicote queimado. Estes habitos davam em resultado a nobreza provinciana conviver de perto com o povo. Não existia fôro entre ella e elle, nem rivalidade de facto entre os camponezes e a classe proprietaria. A communidade dos interesses, dos sentimentos, dos preconceitos até parecia evidente e impunha-se a todos. Era ás nossas avós, virtuosas donas de casa, que se devia este estado de coisas. E vejam o milagre: estas infatigaveis trabalhadeiras que, durante todo o dia, viviam em companhia dos seus carreiros e das suas creadas, que pouco apprendiam e pouco liam, sabiam escrever cartas delciosas.

*

* *

A Inglaterra teve, de tempos immemoriaes, mulheres de genio combativo. Talvez ainda mais que os paizes do continente. Porquê? A Gran Bretanha, patria das suffragistas, é uma das nações que reune maior quantidade de solteiras, *spinters*. A impossibilidade em que muitas se acham de se matrimoniar constitue, opinam os psychólogos, o melhor argumento a favor do feminismo. O casamento e a maternidade são a ver-

dadeira vocação da mulher, mas é uma vocação contrariada por muitos factores. As que não teem maridos, nem filhos, como escreveu Emilio Faguet, são obrigadas a tratar da sua vida, a ganhar o seu sustento. A essas assiste-lhe o direito de responder a qualquer homem hostil ás ideias feministas:

—Estou de acordo com o seu modo de pensar, mas case comigo!

No dia em que as feministas puderem dar esta resposta com inteiro desassombro, haverá muito menos anti-feministas, gente pouco galante e de pouco pensar.

As suffragistas lutaram. Se não venceram, no momento, as suas sucessoras estão alcançando os louros da victoria por ellas preparada. Em primeiro logar arranjaram uma situação parlamentar sem precedentes. Dividiram os partidos, separaram os ministros e enovelaram uma meada dificil de desenredar. O gabinete liberal, sofrendo a influencia do teimoso Lloyd George, recusou-se a inserir no seu programa a questão do suffragio feminino. O desaccordo tornou-se radical entre os dois grandes partidos politicos da Gran Bretanha, mas deixava á Camara dos Communs plena liberdade de decidir, por via de emendas, se convinha—e em que medida convinha,—conceder ás mulheres as disposições do projecto da nova reforma eleitoral.

Appareceram logo trez emendas. A primeira de Mr. Henderson, orador do *Labour Party.*

Dispunha que todo o adulto, homem ou mulher, tivesse direito a votar. Essa disposição aproveitava a treze milhões de mulheres. Ora como nas Ilhas Britanicas existiam apenas doze milhões de votantes masculinos, esta emenda, transformada em lei, estabelecia uma desproporção enorme. A segunda emenda, de Mr. Dickins, inspirada na legislação noruegueza, outorgava o voto a todas as mulheres de vinte e cinco anos que pagassem renda e cujo marido fosse eleitor; este sistema abrangia seis milhões de mulheres. A terceira, perfilhada por Mr. Lytleton, era de caracter mais restricto. Propunha simplesmente estender ás eleições legislativas as disposições applicadas ás eleições municipaes, isto é, garantia o voto ás mulheres que fossem locatarias, responsaveis de uma moradia ou de aposento separado; havia n'estas circumstancias um milhão de mulheres. Em França, a commissão legislativa da Camara dos Deputados propoz approximadamente a mesma coisa. Na dos Communs, em Londres, houve um gracioso de mau gosto que mandou para a mesa um projecto de lei concedendo um voto a toda a dama de maioridade que confessasse que, pela sua fealdade, falta de elegancia e desmazêlo no arranjo caseiro nunca ouvira uma phrase de amor proferida pelos labios de um *sweet heart.* Imagine-se a indignação que levantou no arrayal feminino semelhante moção.

Com tudo isto, o triunfo vindo depois é um facto incontestavel.

*
* *

A proposito d'estas emendas e da discussão levantada em volta d'ellas alguem reproduziu o seguinte dialogo:

—Amo-a ardentemente, minha senhora— declara um rapaz a uma bella de cabellos loiros, olhos azues e tez nevada.

—A que partido pertence?—inquire a joven com severidade.

—Filiei-me nos *Tories*, minha senhora—redargue o namorado, cheio de anciedade.

—Pois ou o senhor passa para os *Wighs* ou nunca casará commigo.

O noivo deserta do seu grupo, mas fica sempre com essa espinha atravessada na garganta. Casa-se, passa a lua de mel, chega o período das eleições e a mulher toda dengosa e enchendo-o de blandicias, diz-lhe:

—Viste um *pendentif* que está na ourivesaria Drummond, em Regent Street?

—Vi. É bonito e iria a matar com o ultimo vestido que fizeste—replíca o amabilissimo esposo.

—És o mais intelligente e galante dos maridos; compras-m'o, não é assim?—indaga a esposa dando-lhe um beijo repenicado para forçar o argumento.

—Com todo o prazer; está até apalavrado. Só falta que tu, meu anjo . . .

O marido deixa a phrase em meio.

—Que eu, quê?...—interroga a joven com um nó na guella.

—Que tu votes no meu candidato.

—Nunca! Tinhas-me promettido que te farias *Wigh*, enganaste-me...

—Por isso casei comtigo.

—Nunca! Não trahirei o meu partido como tu. As minhas crenças politicas estão acima de tudo.

—Ficam-te muito bem esses sentimentos. Até logo.

—Onde vaes?

—Prevenir o ourives de que pode vender o *pendentif*.

—Olha, anda cá, por que és mau, porque faltas á tua palavra?

E os beijos chovem nos labios do marido empedernido.

—E tu não me obrigaste a trahir o meu partido?

—Vae buscar o *pendentif*.

—Vou, mas só t'o dou depois de vêr deitar o teu voto na urna.

—Descansa; se me deres uma joia assim todos os annos, podes contar com o meu voto.

—Ora até que te vejo razoavel.

E os esposos cahiram nos braços um do outro no mais effusivo dos amplexos conjugaes, mofando intimamente da politica e da concessão dos votos ás esposas, que amam os maridos... generosos.

*
* *

As mulheres persas reclamaram para si regalias e prerogativas eguais ás conquistadas ultimamente pelas ottomanas. Estudando bem o assumpto, parece assistir alguma razão, senão muita, ás persas. O shah, que tão agitada celeuma levantou no seu imperio, podendo, como todo o bom mussulmano, ter em Teheran, em Ispahan ou em qualquer outra cidade um harem numeroso, anda em França atraz de quantas *cocodettes, midinettes* e outras tentações de egual terminação, preterindo escandalosamente as suas patricias. Se ha uma revolução feminina justificavel e justificada é evidentemente essa. Feridas no seu amor proprio, pretendem emancipar-se. Seguindo a velha maxima do celebre personagem dos *Mohicanos de Paris*, «*chercher la femme*», a revolução, que, por um triz, ia proclamando a republica entre o povo orgulhoso do seu emblema—o sol a nascer por traz de um leão —, teve por principal factor o elemento mulheril.

No inicio da transacta conflagração o governo joven turco dispensou os serviços dos funcionarios christãos, gregos e armenios. Substituiu-os por mulheres e raparigas turcas, em especial na administração dos correios, telegraphos e telephones. As novas empregadas guardaram na gaveta o pesado e denso yachmak e passaram a usar apenas um tenue véo que punham só na

rua. Uma lufada de emancipação agitou desde logo o sexo bello mahometano. As modas resentiram-se de tal modo que a policia se julgou na obrigação de afixar editais, como estes, nas esquinas de Constantinopla:

«Na capital n'estes ultimos mezes teem apparecido modas vergonhosas. Todas as mulheres mussulmanas são convidadas a vestir saias mais compridas, a absterem-se de usar espartilho e a pôr um véo espesso. Concede-se-lhes um praso maximo de dois dias para obedecerem ás determinações d'este edital».

Ao cabo de dois dias, o edital da policia, em vez de fazer desapparecer as modas novas, produziu nas interessadas uma tal efervescencia, que o governo tratou sem demora de as acalmar, publicando um edital assim concebido:

« A direcção geral da policia lamenta o facto de algumas mulheres velhas e retrógradas, terem levado um empregado subalterno da policia a publicar um edital ordenando ás damas mussulmanas que voltem ás modas antigas, e declara o edital improcedente nullo, írrito e de nenhum effeito ».

Quem venceu foram ellas, as turcas, e quem fez a revolução em Teheran foram ellas tambem, as persas.

Um pensamento, não me foi possivel averiguar de quem, para terminar este capitulo:

«As mulheres ficariam desesperadas se a Natureza as tivesse feito como a moda as põe».

XIII

Heroinas da paz

As suffragistas, que tantas preoccupações originaram ao antigo presidente do conselho, Mr. Asquith, e que tanta sympathia inspiraram sempre a Mr. Lloyd George, prestaram depois optimos serviços. Não abandonaram o seu ideal. Pelo contrario. Cada vez o acariciaram mais. Mas em logar de commetter as depredações que as tornaram temidas, transformaram-se em proficuas agentes de recrutamento. Realizaram activa propaganda entre os mineiros do Paiz de Galles e operarios do valle de Clýde, prégaram uma acção energica no Canadá, effectuaram préstitos nas ruas de Londres, enviaram uma deputação a Mr. Lloyd George para obter a admissão das mulheres nas fabricas de munições, crearam o *Registo de guerra* para o emprego das mulheres, fundaram a instituição dos *Filhos naturaes* e ainda outras de caracter pratico e philantropico de demorada enumeração.

O serviço domestico tambem soffreu em todas as nações, mais ou menos modificações.

Em geral as casas ricas ou abastadas, inglezas, só conservaram o mordomo, homem antigo, velho mesmo. O resto do serviço foi todo confiado a mulheres. Creado de mesa, cosinheiro, lacaio, desappareceram. Ás serviçaes foi-lhes dado uma especie de uniforme. Primava pela singeleza. Vestido azul marinho, gola, punhos e luvas brancas, gravata e um gorro de velludo preto para a porteira. As de mesa trajavam de negro com gola, punhos, gravatas, luvas e avental brancos. As substitutas dos lacaios mantiveram as antigas librés, com uma saia curta e polainas de couro. Nas casas grandes creou-se um logar novo — o de *head parlous maid.* Instruida, com boa caligraphia, incumbia-se da contabilidade diaria, inspeccionava a qualidade e condições dos alimentos, vigiava as obrigações da creadagem. Era a immediata do mordomo.

Miss Zeanette Rankin foi a primeira mulher dos Estados Unidos a quem os seus concidadãos enviaram ao Congresso como deputado. Natural de Montana, filha de um dos primeiros colonos que se estabeleceram n'essa região, contava no momento da eleição trinta e quatro annos. As primeiras bases da sua educação lançou-as sua mãe, espirito culto, bem como a dos outros seis irmãos, dois rapazes e quatro raparigas, que terminaram os seus cursos em varias universidades. Miss Rankin concluiu essa educação em Nova York e Washington. Foi sempre pratica. Cortava e cosia os seus ves-

tidos e adquiriu fama de excelente cosinheira entre as suas condiscipulas. O direito do voto da mulher encontrou n'ella uma activa propagandista. Quando trabalhou para a sua eleição, fê-lo, em grande parte, a cavallo, pois desde pequena, enthusiasta pelos exercicios physicos, entregava-se a uma vida laboriosa.

No Congresso, no cumprimento dos seus deveres politicos, compareceu a uma sessão solemne, grave, historica, de extraordinaria responsabilidade. Tratava-se da declaração da guerra. Trez vezes o presidente, segundo a formula parlamentar, lhe pergunta: « Votaes contra ou a favor da guerra?». Trez vezes a voz se lhe velou na garganta e não pôde responder. Chorou. Desejaria talvez defender o seu paiz, mas não podia querer a guerra. O pranto de Miss Zeanette Rankin não era apenas, como observou um jornal parisiense, « um som da verdade humana, no tumulto dos debates parlamentares », revelou tambem a bondade feminina, a franqueza e a espontanea candura d'essa americana, que tomou parte nos conflictos politicos do seu paiz e que venceu os seus rivaes.

Miss Zeanette Rankin não peccava por piegas. Contou uma compatriota sua, Miss Van Vorst, que, em Montana, as mulheres fazem-se respeitar de revólver em punho. Mas a representante d'esse Estado repleto de minerio e de mineiros «crê em Deus e na virtude suprema do amor». Não é Cornelia. Os afogados do *Lusita-*

nia inspiraram-lhe o maior horror. Não dava lições de stoicismo a suas irmans. Era fraca, mas não transigia. A sua alma não a predestinou Deus para governar homens, mas possuia o alto sentimento do dever dos governantes! A politica não era para ella um jogo, um negocio: era uma religião. Não seria um caracter, mas era uma consciencia.

O mesmo jornal adduz:

«E depois, a guerra declarou-se, apezar das suas lagrimas. As mulheres da America demonstraram já que conhecem o seu dever quando os maridos e os irmãos defendem a patria. Miss Rankin cumprirá todos os seus deveres de mulher e de americana. Não se atreveu a querer — baldadamente — que se brandissem as armas, mas com que piedade, abnegação e doçura cuidará dos feridos que essas armas farão!»

O artigo termina:

«Mademoiselle, a França que sabeis estar tão ferozmente decidida a combater, muito longe de vos censurar, comprehende-vos, sorri-vos e consola-vos».

Tolerantissimo! Cavalheiresco!

*

* *

Quando os alistamentos voluntarios se tornavam difficeis e raros em Inglaterra e que o serviço obrigatorio ainda não tinha sido decre-

tado, M.lle Gaby Deslys, actriz franceza muito conhecida em Lisboa pelas suas relações com um alto personagem, com o rei D. Manuel II, residente em Londres, dirige-se um dia a uma repartição de recrutamento e ahi põe os seus labios á disposição dos que quizerem alistar-se. Houve que recusar dois ou trez sugeitos que não estavam em edade nem de servir a patria nem de beijar M.lle Gaby Deslys. Os que eram acceites assignavam um documento e logo se avizinhavam com ar marcial da gentil artista. Um beijo, um só, era o premio, mas o beijo parece-se a muitas outras coisas que, sabendo-se quando começam, nunca se sabe quando acabam. Alguns recrutas realizavam a cerimonia com excessivo vagar, mas M.lle Deslys prestava-se de bom grado a semelhantes abusos, já que o pagamento era generoso. Como nas novellas, commentava Camba, havia homens que por um beijo lhe offereciam a vida inteira. Ao que affirma o chronista, entre os alistados contavam-se alguns homens casados, o que produziu certas dissenções conjugaes. M.lle Gaby Deslys obteve um exito extraordinario com a sua iniciativa. Muitas senhoras quizeram imitar a formosa actriz, pondo tambem os seus labios á disposição dos rapazes que se quizessem alistar, mas o governo britannico recusou semelhante concurso, considerando-o contraproducente...

Gaby Deslys, como disse, viera a Lisboa por encommenda, mandada chamar por algum aulico

condescendente. *Commise voyageur* de nova casta, foi á cidadela de Cascaes apresentar a sua mercadoria, naturalmente depois de prévio ajuste, acceite pelas duas altas e baixas partes contractantes. A França, paiz exportador por excellencia de *bibelots*, brinquedos, *joujoux*, bonecas e outras *niaiseries*, do mesmo genero, enviou esta boneca de carne e osso, animada, esvelta, *mignonne*, com toda a arte das classicas hetairas gregas e com toda a supina *coqueterie* da *horisontale* parisiense.

O régio morador da historica residencia maritima apenas entrado na adolescencia, tendo sempre ante os olhos a horrida tragedia que lhe arrebatara o pae e o irmão e que por uma unha negra o não victíma a elle tambem, lançando-lhe sobre os frageis hombros o pesado encargo de monarca, precisava de distracções, necessitava que lhe arredassem do espirito a visão constante da Morte, implacavel e treda, que o espreitava a cada esquina, ao apear-se da carruagem, ao assentar-se á mesa, ao deitar-se, a cada acto da vida. As distracções d'este genero não lhe faltavam, com certeza. Rei, novo, bonito, attrahente, nimbado pela aureola do martyrio como algumas das imagens da arte bizantina, não faltaria quem sacrificasse tudo para lhe satisfazer o menor dos seus caprichos.

Emfim a Gaby Deslys cruzou a capital como um meteoro, não de longo rasto, porque todos os seus vestidos lhe desenhavam apetitosa, plastica-

mente, as menores saliencias das curvas harmoniosas, viveu vida palaciana durante alguns dias, passeou pela beiramar, extasiou-se ante as bellezas de Cintra e cercanías e retirou-se, como tinha vindo, para ir cumprir outros contractos, que constavam do seu microscopico *calepin* replecto de nomes e de datas, indice e *aide-mémoire* das innumeras escripturas que enchiam a pasta do seu secretario particular.

Os jornais inglezes, tão indiscretos como os continentaes, embora occultando o *shocking* por traz de um tenue biombo de pudor, relataram que a approximação de Cascaes se repetira em qualquer eden londrino. Depois a actriz peccadora seguiu o seu curso como os astros errantes. Os seus idólatras cravejaram-n'a de joias. D'ella escreveu Joseph Galtier, o mesmo insigne jornalista que entrevistou D. Carlos em Cascaes, entrevista que, publicada, accelerou os acontecimentos, comparando-a a uma dama de virtude menos límpida que a «rivière» de diamantes que lhe descia, em sinuosidades rutilas, até um pouco abaixo da cintura e explicando: «Elle remonte à sa source».

Gaby Deslys morre. A sua morte prematura causou um certo movimento de curiosidade emocionante. O custo das suas joias, avaliado em dois milhões e meio de francos, e o seu legado aos pobres de Marselha ainda mais acicataram essa curiosidade.

A artista marselhesa, mais peccadora que

artista, proporcionou farto pasto ao mexerico. O seu nome e a sua personalidade figuraram na chronica escandalosa da antiga côrte portugueza. Apoderou-se d'ella a intriga palaciana, exploraram-n'a os enredos politicos, aproveitaram-n'a o noticiario dos jornaes, expremeram-n'a as conversas particulares nos «mentideros» da coscuvilhice indígena, focaram-n'a no theatro e cravou-lhe o dente quasi todo o elemento feminino, desde as duquezas até ás borboletas que voejam de noite pelas principaes arterias.

*

* *

Ha entidades muito ingratas e crueis. N'estas circumstancias estavam algumas auctoridades militares allemans com relação ao carinho manifestado por certas damas, d'essa nacionalidade, aos militares inimigos prisioneiros de guerra.

Fraulein von Herkomer foi condemnada a mil e quinhentos marcos de multa ou cento e sessenta dias de prisão e a seiscentos marcos ou sessenta dias de prisão sua mãe. Que delicto tinha praticado? A filha do grande pintor allemão, fundador dos famosos premios das corridas de autos, foi surprehendida a namorar um prisioneiro francez, graças ao auxilio de sua mãe, que se encarregava de levar as missivas da filha ao guerreiro exilado. Por esse tempo foram condemnadas, só em Cassel, vinte e oito

mulheres. D'estas, umas, apenas tinham manifestado sentimentos «nascentes e platonicos», com respeito a outras provara-se ter tido «approximações familiares» e outras emfim eram culpadas de abandonos inteiramente criminosos. Entre as condemnadas encontrava-se a esposa de um alto funccionario, que teve de fazer penitencia na prisão, durante seis mezes, antes de ser perdoada.

O jornal allemão *Vorwaerts* protestou contra estas penas severas. Apodou os juizes de velhos, esquecidos das exigencias da mocidade. Argumentou que no Tyrol austríaco se commetteram os mesmos delictos, mas que ahi os juizes foram incomparavelmente mais benévolos. De mais a mais com a mortalidade espantosa dos homens validos, determinada pela guerra, não houve outro remedio se não fechar um pouco os olhos, como fez a Santa Sé, quando o Papa recebeu em 30 de abril de 1915, no Vaticano, «um numeroso grupo de religiosas belgas, que se encontram em adeantado estado de gravidez por terem sido violadas por soldados allemães. O pontifice, profundamente commovido, manifestou-lhes a indignação de que se achava possuido e deu-lhes a sua benção».

*

* *

Lembram-se todos do melhor romance de Gustavo Flaubert, da *Madame Bovary,* obra pri-

ma do extraordinario mestre, que tantas discussões levantou?

Um simples apello á memória.

Emma Bovary, casa com um medico de uma pequena cidade. É um homem vulgar, medíocre, desastrado. Ella possue um temperamento mais delicado. Depressa se aborrece da existencia monótona, rasteira a que o marido a obriga. Despertam n'ella pruridos de elegancia e de distincção. Vibram na sua alma aspirações sentimentaes. Pouco a pouco cede ás necessidades do coração, da sua índole. Cede ante a côrte feita por um fidalgote das visinhanças, torna-se em seguida amante de um escrevente de tabellião. Destroe a vida do seu lar e acaba por se envenenar com arsenico. Este romance, que a crítica accusou, a principio, de immoralissimo, acabou por ser considerado, pela mesma crítica, um dos mais moraes da litteratura franceza.

O curioso do caso é que Gustavo Flaubert não creou o typo de «Madame Bovary», copiou-o do natural e aproveitou-o. «Emma Bovary» chamava-se realmente Madame Delphina Delamare. Foi a sua creada Agostinha Ménage, no romance «Felicidade», quem forneceu a M.me Georgette Leblanc Maeterlinck as informações que adeante seguem.

Tudo é exacto na aventura romanesca. Todas as personagens viveram e as suas descripções são um modelo de fidelidade. A filha de «Emma Bovary», isto é, Bertha Delamare, casou com um

pharmaceutico de Rouen, e vivia retirada, parecendo fugir do mundo. Raras vezes se mostrava em publico. Pode suppôr-se quanto a recordação da mãe pesaria na sua existencia. Não se pôde averiguar se, antes de casar, ella se vira obrigada pela miseria a ser operaria n'uma fabrica de fiação.

O nome da terra onde o auctor faz passar a acção chama-se não Yonville-l'Abbay, mas Ry, aldeia a alguns kilometros de Rouen. A hospedaria do «Lion d'Or», denomina-se o Hotel de Rouen. A pharmacia de M. Homais subsiste e semelhantemente a casa dos «Bovary», occupada depois por um veterinario. O que é notavel e dá a medida da fama de Flaubert é que toda a gente da terra conhece o romance e glorifica-se com elle. Um estabelecimento vende bilhetes postaes que representam a granja de Blainville-Crevon, onde nasceu «Emma», a sua casa de Ry, a melhor da aldeia, o «chateau» de Rodolpho Boulanger de la Hachette.

A familia de «Madame Bovary» mandou tirar do cemiterio o tumulo onde fôra gravado o seguinte epitaphio: «Aqui jaz Mme Delamare, em solteira Delphina Couturier, que foi boa esposa e boa mãe».

«Madame Bovary» tornou-se uma curiosidade local.

Na população quasi burgueza da aldeia, as velhotas com quem Mme Leblanc-Maeterlink conversou, inclinam-se a vingar a moral, accusando a memoria da desditosa Emma.

—Rodolpho?!—diz uma—o que vivia na Hachette? Não foi o primeiro, e depois de Rodolpho, houve Léon, e ao mesmo tempo que Léon houve o irmão de Léon.

—E o tio de meu marido—acode outra,—um bello rapaz a quem ella tentou desviar do seu caminho?! Ah! Flaubert ficou muito aquem da verdade!

—Olhe, minha senhora—segreda outra ao ouvido de M.me Maeterlinck—ella antes de tomar o arsenico tentou envenenar o pobre marido.

Ora Flaubert não fala n'esta tentativa de envenenamento, nem dos predecessores de Rodolpho, nem do irmão de Léon, nem do tio do marido. Os moralistas accusaram o romancista de exaggero, attribuindo dois amantes á esposa do *Officier de santé.*

Pobre Emma!

É natural que «Madame Bovary» se tivesse contentado com o fidalgote Rodolpho e com o escrevente Léon, cuja conducta não a animava muito a augmentar a lista dos amantes. Assegura-se que Rodolpho se suicidou em Paris, em pleno Boulevard, consequencia de perdas de dinheiro, de que «Emma» não teve nenhuma responsabilidade. Léon morreu em Beauvais, notario honorario.

«Felicidade» não se cansou de elogiar a ama. Disse a M.me Maeterlinck, que foi procurá-la na sua risonha casinha de Saint-Germain-des-Esseurs, a trez leguas de Ry, com excellente memoria:

— A minha patroa era tão bonita! Tão boa! Tão meiga!... O doutor não era mau, mas não era feito para ella! Uma tão linda rapariga! Tão delicada! Tão bem educada!... A senhora mais formosa do departamento. Tinha uma voz tão carinhosa que dava vontade de juntar todas as palavras que proferia!

«Emma» soubera fazer-se estimar da creada, que confessa, para falar a verdade, algumas cumplicidades de menos importancia.

—Ella aborrecia-se tanto, a pobre pequena! —declara.—Que quer? Era nova! Se a visse lançar-se ao pescoço do amante, quando vinha de manhan?! «Leva-me comtigo, dizia-lhe, leva-me comtigo, se não queres que eu morra!...» E elle respondia-lhe sempre: «Amanhan!» Era sempre a mesma coisa.

E «Felicidade» certifica:

—Não tenho novidade nenhuma a dar-lhe por isso que leu o livro. É tudo muito verdadeiro. A morte é que é mais triste que na historia.

«Felicidade» assistiu ao fallecimento. N'um espirito simples, o contacto do real causa sempre uma impressão mais forte que uma narrativa mesmo quando feita pela mão de um mestre. Mas quem ha que não se tenha commovido fundamente, até chorado, com essas paginas tragicas de Flaubert? Este depoimento de «Felicidade» sobre o encanto e a bondade de Emma, comparado com os dos que insistem sobre as

suas culpas e se encarniçam um pouco sobre estas, explica e confirma maravilhosamente a complexidade da heroina de Flaubert, que provoca, sem duvida, a censura, mas tambem a piedade. O curioso inquérito de M.me Maeterlinck recorda-nos que este grande artista, de uma tão alta probidade intellectual, era tambem, em contrario do que muitos escreveram, profundamente humano.

*

* *

Antes do movimento revolucionario de 5 de dezembro de 1917, que, com grande prodigalidade, egualdade e fraternidade cobriu a cidade de Lisboa de uma incandescente e estrallejante abobada de granadas, eram geraes os clamores contra os telephones, o serviço d'elles e das meninas incumbidas de acudir ás chamadas. Victorioso o movimento, passado o medo, virada muita casaca, como sempre succede em occasiões semelhantes, esboça-se um outro, mas d'esta vez pacifico e—facto notavel!—de gratidão. Os assignantes e não assignantes da capital, esquecidas as antigas impaciencias e, o que ainda é mais, o que presumia pretéritos aggravos, lembram-se do inestimavel serviço prestado na crítica conjuntura pelos telephones e pelo seu pessoal e, não só lh'o agradece, mas até o recompensa.

Em poucos dias, uma subscripção publica, aberta pelo *Diario de Noticias, Seculo* e *Dia,*

em favor do pessoal telephonico, attingiu perto de seis contos de reis, quantia, então, de certa importancia.

Bem o mereceram as pequenas. Coitadas! Ganham pouquissimo, com um trabalho insano, de responsabilidade fatigante. Tão fatigante que muitas não resistem a elle por mais de trez annos e que extenua as mais robustas por completo. As pequenas deram um bello exemplo de comprehensão do dever, de coragem cívica, de dedicação, de altruismo e de caridade. Debaixo de fogo, quando os projécteis de grosso calibre sibilavam como pythons enfurecidas e a fusilaria crepitava em todas as ruas como sal lançado em fornalha bem accesa, lá foram ellas para as diversas estações e ahi se mantiveram durante trez dias, sem poder regressar a penates, mal alimentadas e tendo de bivacar, se é que as continuas chamadas lhe permittiam o cabecear sequer no meio do infernal barulho causado pelo incessante ribombar das baterias de terra e mar, n'um duello de artilharia que a cidade nunca ouvira até então.

De apparelhos na cabeça, attendendo pressurosamente a quantos a chamavam, ligaram, desligaram, informaram, prestaram esclarecimentos, multiplicaram-se, incarnaram-se para muitos na pelle da Providencia. Mulheres que perguntavam pelos maridos, mães pelos filhos, todos os graus de parentes a desejarem informar-se dos seus afins, innumera gente separada

dos seus entes mais queridos a pretender conhecer do seu paradeiro, um drama, por assim dizer, em cada casa, uma angustia em cada peito, um anceio em cada alma, um sobresalto em cada espirito.

Pois as telephonistas mitigaram uma boa parte d'este indisivel tormento. Foram mulheres na mais nobre accepção da palavra. Não imperou n'ellas apenas a disciplina, impelliu-as a suprema delicadeza do seu instincto de mães e de esposas, movimentou-as a devoção que forma o fundo do seu caracter, incitou-as o designio de serem uteis ao proximo, enobreceu-as uma d'essas lufadas de generosidade e de grandeza de animo que as converte em heroinas, mesmo quando não disparam espingardas nem arrancam do puxa-fritores dos canhões.

A população de Lisboa comprehendeu isto e deu-lhes uma quantia avultada — coube sessenta mil e tanto a cada uma, — o que foi um accrescimo, de relativa importancia, no seu minguado orçamento, ellas que tão mal remuneradas são e de quem tanto mal se tem dito... e se ha-de dizer.

A todos chega o seu momento de justiça.

XIV

Casamentos e divorcios

Em 1914 Miss Una Stratford Dugdale, filha do commandante Edward Stratford Dugdale, da marinha real britannica e sobrinha do visconde Peel, e uma das vogaes mais proeminentes da *União Social e Politica das Mulheres*, da Gran Bretanha, accedeu a contrahir nupcias com Mr. Victor D. Duval, secretario da *União Politica dos Homens para a Emancipação das Mulheres.* Os dois, de commum accordo, resolveram modificar o ritual do casamento. A noiva e o noivo, mas principalmente a primeira, recusava-se terminantemente a proferir a palavra *obedecer,* que tinha de repetir no momento da cerimonia. O caso era grave, não só pela alta cathegoria dos nubentes, mas ainda porque tal omissão constituia a effectivação de uma prerogativa reclamada de ha muito pelas suffragistas. Tal modificação apresentava simultaneamente difficuldades de ordem pratica e de ordem religiosa. Bolia com a constituição do Reino Unido e perturbava o estatuto da Egreja anglicana.

Era assim quasi uma especie de schisma introduzido no *Prayer-book*. O clero não estava auctorizado a isso. Todos perguntavam: Omittido o vocabulo *obedecer* das palavras do ritual, o casamento não ficará nullo?

Foi enorme a celeuma levantada em Inglaterra. As opiniões dividiram-se, os pareceres affluiram de todos os lados, a controversia tornou-se apaixonada, reuniram-se os capitulos, discutiram os theólogos, emfim o povo londrino e o das provincias perdeu a sua caracteristica phleugma e deu largas a debates vehementes. O bispo de Londres, muito perplexo, requereu a intervenção do arcebispo de Canterbury ou de Cantuaria, para o ajudar a resolver o temeroso problema. Depois de largas conferencias, accordaram os principes da Egreja em permittir que a cerimonia nupcial se effectuasse com a omissão exigida pelos noivos.

O acto realizou-se na Capella Real, Savoy. O templo encheu-se litteralmente, em especial de suffragistas. Officiou o capellão Rev. Hugh Chapman. Este sacerdote subiu alguns degraus do altar, e disse:

—Antes de principiar o serviço devo declarar que devido á publicidade dada pela imprensa a este casamento, fui obrigado, á ultima hora, a aconselhar-me sobre a legalidade do enlace com a omissão d'essas palavras, talvez essenciaes ao acto. Sendo informado que a omissão d'essas palavras na cerimonia do casamento não preju-

dicavam a sua validade, nem o tornava duvidoso, mais especialmente n'uma capella propriedade exclusiva do rei, combinamos ler o serviço como uma prova de lealdade para com Sua Magestade, esperando que ella breve sanccione a emenda.

Principiou então o ritual segundo o que determinava *Prayer-book*, e á pergunta: «Queres tu receber este homem por teu legitimo esposo?... Obedeceres-lhe, amá-lo, honrá-lo, ajudá-lo quando doente e quando bom?» A noiva respondeu affirmativamente. Depois como o serviço exige, a esposa devia repetir palavra por palavra o que o sacerdote lê: «Recebo-te a ti por meu legitimo esposo; enfermo ou são, juro amar-te, auxiliar-te *e obedecer-te* até que a morte nos separe». Ora a palavra obedecer não foi repetida, e, para que não houvesse nenhuma duvida a tal respeito, a noiva, por causa da controversia dos jornaes, enviou ao grande orgão londrino *Daily Mail* o seguinte telegramma: «Não repeti as palavras *e obedecer-te* no sabbado, no meu casamento.

Deve a esposa obediencia ao esposo ou não? Perguntavam depois as folhas principaes das ilhas britannicas e ainda as do continente porque a discussão alastrou para áquem da Mancha. Respondem *sim* os codigos civis das diversas nações europeias; querem que seja *não* as aspirações emancipadoras de uma fracção numerosa do sexo fragil, que trabalha com toda a alma para ser forte.

O matrimonio, que em muitas religiões não é, como na catholica, um sacramento, tende cada vez mais a ser um contracto facil de dissolver. Essa facilidade tem vantagens? Tem inconvenientes? Pode encarar-se o facto atravez dos prismas mais differentes. Qual será a base da familia ámanham? Interrogam os conservadores. Porque não se ha de proclamar o amor livre com todas as suas consequencias e responsabilidades? Inquirem os avançados.

Se lançarmos uma vista de olhos retrospectiva sobre o que tem sido o casamento nos seculos passados, deparam-se-nos as oscillações mais curiosas.

O casamento na velha Grecia constituia uma obrigação, sendo a lei por vezes tão exigente que determinava a união entre irmãos. Os presentes offerecidos pelo noivo ao pae da noiva podiam quasi considerar-se uma compra e houve uma época em que só podiam casar os nubentes de uma mesma cidade, ou de duas cidades differentes ligadas por um contracto de epigamia. Emfim, a mulher grega nunca foi uma escrava como as do seu sexo em quasi todos os paizes do Oriente.

Os romanos encaravam o casamento como uma das origens do pátrio poder. A matrona conservou entre os seus compatriotas um ascendente efficaz e por assim dizer inatacavel. O romano — egoista e, com frequencia, brutal, — considerando a miude a mulher como um simples instrumento, respeitava comtudo a matrona,

ouvia-lhe os conselhos, submettia-se á sua influencia e acatava-a com veneração.

Nos dois povos, grego e romano, existia o divorcio, a que os descontentes recorriam em conjuncturas de adulterio e de esterilidade.

Durante o período barbaro a esposa desce, n'alguns povos, ao papel de escrava do marido. Com o advento da Edade-Media e com os progressos do feudalismo a mulher, conforme a classe a que pertencia, ou era humilissimo ser, comprado e vendido, conquistado e expulso, entrando como um objecto de pouco valor no quinhão dos despojos, ou attinge o fastigio do seu ascendente. Arvora-se ou arvoram-n'a no ideal da Cavallaria. É a rainha das côrtes de amor, a musa inspiradora dos poetas mais notaveis, a creatura quasi immaterial dos cantos dos menestreis. É ella quem suaviza os costumes selvagens da guerra, a medianeira de negocios entre varios Estados, o manancial fomentador da litteratura local. As artes, a galantaria, a religião, a musica, o que ha de bello na vida, tudo gravita em redor d'ella. É a ponte que vae ligar o mundo antigo ao moderno, o bálsamo que consolará muita dôr, a origem principal da hodierna civilização a alvorecer.

É ella quem incita o estro de Petrarcha e Dante e quem prepara as melhores escolas de pintura, quem dicta as primeiras leis do direito actual, quem educa o caracter do homem tornando-o mais brando, menos obediente aos seus im-

pulsos sanguinarios e ferozes e quem se vae educando a si propria assumindo lentamente o cargo que a natureza e a philosophia lhe impõem na sociedade. Desde a Renascença e já dentro d'esse período, por mais de um motivo redemptor, accentua-se o seu desejo de sahir do logar apagado que o homem e as circumstancias lhe reservavam, e aspira, primeiro com lentidão, depois quasi com phrenesi, a occupar um posto em evidencia nas sociedades modernas.

O movimento, originario principalmente da America do Norte, propaga-se com rapidez e intensidade. São as mulheres dos climas mais asperos que mais trabalham por essa santa causa da emancipação. A semente lançada pelas norte-americanas encontra terreno fecundissimo na peninsula scandinava, faz proselytas em França e na Allemanha e adquire extrema acuidade em Inglaterra, onde as suffragistas, com a typica pertinacia do seu sexo, labutaram da maneira que se sabe.

*

* *

João Psichari conta no seu livro, *O crime do poeta,* um caso singular, que é nem mais nem menos que uma auto-biographia. Professor erudíto, sabio distincto, de origem grega, mas depressa acceito pelo escol da sociedade parisiense pelos seus meritos pessoaes e pelo seu casamento com a adoravel filha do illustre Renan, sacrificou pu-

blicamente—é o objectivo da sua corajosa narrativa—o lar, a familia, para recomeçar a vida com uma menina e com o consentimento da propria esposa, a quem elle, a despeito de tudo, continuava a amar.

O seu livro principia por um relato em prosa que explica «um caso de consciencia». A soffrer as affrontas de um, a ouvir as censuras de outros, a ser alvo dos desprezos d'estes, a experimentar as críticas d'aquelles, preferiu que a sua crise moral fosse esclarecida, conhecida, explicada. É um homem casado que commetteu um crime. Ama uma rapariga e faz-se amar por ela, que possue uma alma séria, reflectida, sensivel, só se entregando uma vez e para sempre. Abandonada, morreria... N'estas circumstancias só resta uma solução inverosimil, unica e sublime:

Ah! não é o sublime do romance. É o sublime arquejante da vida. Ouvi e adorae.

—O divorcio é para mim coisa odiosa—diz em substancia a esposa, a esposa adorada e prestante, sempre e mais que nunca n'este momento crítico.—O divorcio é contrario ás minhas convicções não religiosas mas sentimentaes. Cada vez mais eu desapprovo os motivos. Estes motivos no entanto sãote dictados pela consciencia. Forças-me assim moralmente, exerces sobre mim um constrangimento imperioso, por isso que te julgas obrigado, mesmo se eu recuso, a seguir essa creança. Não posso por isso votar-te á incerteza, á vergonha e á desgraça. Isso está entendido. Sei que és perfeitamente sincero, absolutamente infeliz. Eu sei o que eu sou para ti. Sei que me amas. E sei quanto choras. Vae, meu amigo. Estás livre. Que a tua consciencia te en-

gane ou não, é com a tua consciencia, tal como é, que deves viver. Não tenho direito a contrariá-la.

O esposo, a estas palavras, cáe de joelhos, beija as mãos sagradas que lhe são estendidas, soluça, e parte, levando para sempre o sorriso da querida Mulher.

Na verdade, não ha despedidas d'estas todos os dias.

M. Jean Psichari publica depois os seus versos de amor, de angustia, de afflicção, inspirados pelas duas santas creaturas. Á guisa de prefacio, escreve:

Duas figuras de mulher pairam sobre este livro. A creança cheia de graça, de dedicação, de amor e de bondade, a alma pura que caminha deante de si, transmittiu a alguns versos a sua frescura e a sua primavera. O vaso de eleição, a «Querida Mulher», adorada quasi em cada linha, erguida sobre um pedestal que ninguem lhe elevará mais solido que nós, domina com a sua nobreza, com a sua serenidade, com a sua gentileza incomparavel estes poemas de carne e de sangue, este livro de magua e de amor.

Seguem no livro trez series de estrophes: *O crime do poeta*, *Antes* e *Depois*, todas consagradas pelo vate a celebrar a terrivel dualidade que enche o seu espirito e o seu coração, as paizagens caras, as noites felizes, as suas duvidas, as suas ebriedades, o sublime sacrificio de uma e a divina sinceridade da outra, admiraveis ambas... E eis alguns versos dedicados á «Chère Grande» que resumem os pensamentos dominantes d'este poema de desespero.

Je te tenais les mains, en te disant adieu,
O souvenirs poignants où le cœur se déchire,
Pour ne plus vous avoir, comme on voudrait détruire
Votre dernier vestige avec un trait de feu!

Etre miraculeux, âme puisante et douce,
Tu délaissais pour moi ton passé le plus cher,
Bel ange, avec ce geste exquis, suave et fier,
De la main qui pardonne et jamais ne repousse.

C'est moi que tu plaignais en te sacrifiant,
C'est moi que ta bonté réchauffait de sa flamme.
Au moment douloureux où se brisait notre âme,
Tu savais t'éloigner encore en souriant.

Ah! depuis, j'ai connu la mort et le martyre.
Tes pleurs, des pleurs amers m'auraient moins étonné.
Mais non! Tu m'as à tout jamais empoisonné
La source de ma vie avec ton seul sourire.

Ha n'estas tristes confissões obstinadas, voluntariamente e humildemente publicas, uma eloquencia litteraria muito commovedora e uma grandesa philosophica soberana, não ha duvida, mas ha tambem uma grande falta de senso moral e uma larga abundancia de ferocissimo egoismo.

*

* *

Outro exemplo de amor conjugal, sancionado n'um caso controverso, pela magistratura respectiva.

A franceza Marcella Veryken, espartilheira,

domiciliada em Paris na rua dos Martyres, fôra condemnada em policia correccional a trez mezes de prisão, por cumplicidade de deserção, visto ter dado asylo ao marido, desertor em tempo de guerra. Appellou da sentença e foi o processo julgado na instancia immediatamente superior. O procurador geral, Silen, requereu ao tribunal que mantivesse a condemnação, visto como, argumentou, o dever de uma mulher casada, quando o marido desertor se acerca d'ella, é abandonar o domicilio conjugal. O advogado da ré, Garçon, defendeu-a brilhantemente e os juizes lavraram o seguinte accordam.

«Attendendo a que nenhum texto da lei permittia a accusada impedir que seu marido entrasse na casa commum e que ahi morasse;

Considerando que não se lhe pode censurar o ter continuado a habitar o domicilio conjugal depois do regresso do seu marido, por isso que era para ella uma obrigação legal;

Attendendo mais a que seria excessivo considerar um delicto practicado pela ré Marcella Veryken o ter-se abstido de denunciar o marido — o que no entanto, nas circumstancias actuaes, podia ser considerado como um dever cívico incontestavel — mas o que implicava n'uma mulher que tivesse affeição a seu marido, um sacrificio acima das suas forças;

Considerando que em qualquer caso e em qualquer ponto de vista, no que consta do processo, não se pode affirmar que ella tenha provocado ou favorecido a deserção do seu marido ou que ella tenha occultado um desertor...

Consequentemente o tribunal absolveu Marcella Veryken.

*

* *

Agora alguns exemplos menos dramaticos:

A quinta vara, como diríamos em Portugal, do tribunal do Sena, a que presidia o juiz M. Pacton teve que se pronunciar sobre um processo de divorcio, que tinha por base principal o seguinte documento:

«Declaro pelo presente, a meu marido o seguinte: Unindo-me a elle, só tinha em vista a legitimação dos filhos nascidos da nossa união livre, que durou de 1901 a 1905, e não de retomar a vida em commum. Abandono-o, no proprio dia do nosso casamento, as 17 h. 30 da manhan, afim de me subtrahir aos deveres conjugaes, que não faço tenção de cumprir de nenhuma maneira. Apresento-lhe, por este acto da nossa separação de corpos, para servir, como de direito, para a sentença de divorcio».

O tribunal proferiu a sentença de divorcio a favor do marido «em virtude da injuria feita a este ultimo pela declaração de sua mulher».

Tambem não ha muito que em Londres, no tribunal que julga os divorcios, o juiz, Mr. Bargrave Deane, teve de intervir na seguinte occorrencia:

O tenente da marinha real britannica Mr. Charles Edward Hamond casara-se, por amor, com uma bonita senhora. Em fevereiro de 1913 o navio em que embarcara recebia ordem para ir estacionar na Escocia. A consorte foi para casa dos paes. Em 14 de julho recebeu o marido

uma carta da esposa concebida nos seguintes termos:

«Deliberei não tornar a viver comtigo. Desde que nos casamos que não tenho experimentado nenhuma felicidade effectiva, nem tu. Ambos nos enganamos. Ha mais de um anno que amo Kay Clegg e estamos resolvidos a viver juntos. Pensei dirigir-me a ti para que me restituas a minha liberdade. Se não acreditas no que digo e precisas de prova mais evidente podes informar-te no South-Western-Hotel, em Sonthampton, onde vivemos desde 4 de maio».

O duque de Messari, pertencente a uma velha familia florentina, devido a varias amarguras matrimoniaes, pensou em se divorciar. Mais. Projéctava até contrahir uma segunda união. Como na Italia ainda não foi decretado o divorcio dispoz-se a ir residir para a Hungria e naturalizou-se hungaro. Realizada esta primeira diligencia, apresenta a sua petição nos tribunaes do seu novo paiz, mas estes indeferem-lh'a. O duque muda mais uma vez de nacionalidade. Parte para os Estados-Unidos e torna-se cidadão americano. Ahi sim. Consegue das instancias judiciaes que sentenceiem o divorcio e casa de novo. Consumado o segundo casamento parte para Florença, para viver no seu solar. Ainda bem não se installara ahi quando um magistrado amigo o previne que fuja sem demora da Italia pois arrisca-se a darem o divorcio, pronunciado na America, por insubsistente, e a instaurarem-lhe um processo por bigamia.

Um honesto e considerado mercieiro francez

casa-se com uma dama, dada a litteratura. Durante quarenta annos soffre-lhe todos os caprichos litterarios. O que é o menos. Mas a esposa illustrada e entregue ás lettras esmaga-o constantemente com a sua superioridade intellectual. Mantem relações litterarias, artisticas, com gente frequentadora de varios synhedrios e escolas, o que perturba o desditoso e o traz ensombrado. O lar domestico é constantemente invadido por esthetas com quem não engraça nada. Para cúmulo da desgraça e da indignação descobre um dia o manuscripto de um romance muito realista, que a esposa tinha em preparação. O honrado negociante lê os «linguados» uns após outros e fica profundamente chocado pelo assumpto, relativo ás decepções de amor, e pelo estylo que não recúa ante nenhuma audacia.

Requer o divorcio.

Os juizes, porém, não são da mesma opinião. Nos considerandos da sentença lavrada declaram que: «a passagem sublinhada, por muito realista, só pode ser qualificada de obscena se a separam do contexto», e mais adeante, n'outro, estatue: «mesmo que o romance projectado fosse immoral, não se vê em que o facto de o ter escripto constitua um ultrage para o marido da auctora», e rejeitaram o pedido de divorcio.

Onde ellas se fazem ahi se pagam.

Um actor inglez, Robert Allan Pointer Wilams, casa-se e divorcía-se duas vezes. Mr. Wiliams une-se a Miss Elizabeth Moult, de quem

se separa pouco tempo depois. Torna a contrahir matrimonio e, decorridas poucas semanas, apresenta no respectivo tribunal uma acção de separação. O tribunal profere a sentença a seu favor. Mas no decorrer do julgamento a primeira mulher é chamada a depôr. A apparição da consorte n.º 1 desperta novamente o affecto do inconstante esposo. Renovam-se as relações e d'ali a pouco os dois primeiros conjugues, mediante licença das respectivas estações legaes, tornam a ficar ligados.

Por quanto tempo?

*

* *

Reproducção de um dialogo, tão verdadeiro como uma photographia, tão moderno como uma moderna fita de animatographo.

—Tua mulher casa-se hoje.

—Já sei. Que me importa?!... Que seja feliz.

Estas ultimas palavras sahiam sacudidas e sibilantes através dos dentes cerrados de um rapaz, elegantemente vestido, que recostado descuidosamente n'uma poltrona, agitava, nervoso, a perna que traçara sobre a outra.

—Consequencias do divorcio, meu caro— continua o interlocutor, que accentuava a phrase com uma expressão simultaneamente zombeteira e complacente.—Deixaste-te prender pelo amor,

casaste, aborreceste-te e divorciaste-te. Tudo quanto ha de mais legal e vulgar. A acção da natureza como causa, a lei de Naquet como effeito.

—Não penso em nada d'isso. Repito. Que me importa que ella case ou não?! Tudo está acabado e cavou-se um insuperavel abysmo entre nós.

—Tudo, não. Podes recomeçar. Applicando a pena de Talião, vingas-te. Lembra-te do caso da viuva.

—Qual caso? Qual viuva?

—Uma viuva mandou pôr uma lápide no tumulo do marido com o seguinte epitaphio: «A minha dôr é tão grande que não posso viver...»

—Não pecca por original... É uma completa banalidade.

—É. Mas um anno depois tornou a casar e mandou accrescer á inscripção: «só».

—Tolices. És um imbecil. Vae para o diabo!

E sahiu do club onde se travara a antecedente conversação; tropeçando no tapete, batendo com as portas, não retribuindo os cumprimentos feitos pelos creados.

O caso é que o divorciado de tal forma manobrou, com tão diplomatica habilidade se houve que conseguiu evitar o segundo casamento de sua mulher e tornou a consorciar-se com ella.

Não é uma invenção o que acabamos de

relatar, é um episodio absolutamente veridico no meio de uma infinidade que poderiamos esmiuçar.

*

* *

Para epilogo, um conto do *Gulistan* — Jardim das rosas — do celebre poeta persa Saadi, que viveu no seculo XII, e cujo tumulo ainda se divisa no meio dos jardins de Chiraz. Intitula-se elle *Lagrimas da vela.*

Uma noite que o somno resistia aos meus anhelos, ouvi uma borboleta dizer á minha vela:

— Gosto de amar. N'estas circumstancias é logico que eu me consuma sem treguas; mas tu, para que vertes essas lagrimas ardentes?

— Minha irman — responde a vela — um homem mau separou-me do mel, meu doce amante, e eu choro. Mas descubro que tu és indigna de amar! Não tens coragem nem resignação... A minha chamma apenas te deu um beijo e tu foges! O fogo do amor mal roçou pela tua asa. Repara como elle me enlaça e me destroe. Em vez de admirar a minha resignação apaixonada, as minhas lagrimas, só te interessas pela luz que eu espalho. No entanto eu assemelho-me a Saadi! Elle sorri, mas o fogo do amor devora-o.

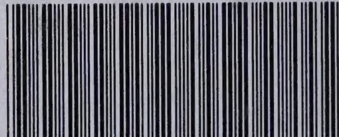
Instantes depois uma formosissima rapariga vem apagar a minha vela, que exhala um fumo negro, observando:

— O amor acabou assim. Só a morte doma a sua chamma. Não te demores a chorar sobre os tumulos dos vencidos do amor! Ergue-te e diz: Glorificado seja Deus! Estas victimas eram eleitos seus.

Não te lances no oceano do amor. Mas se tentares a aventura, sê ousado e mergulha até o fundo da sua voragem.

O poeta persa Saad entendia e entendia-se n'estes assumptos.

INDICE


UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00001320332